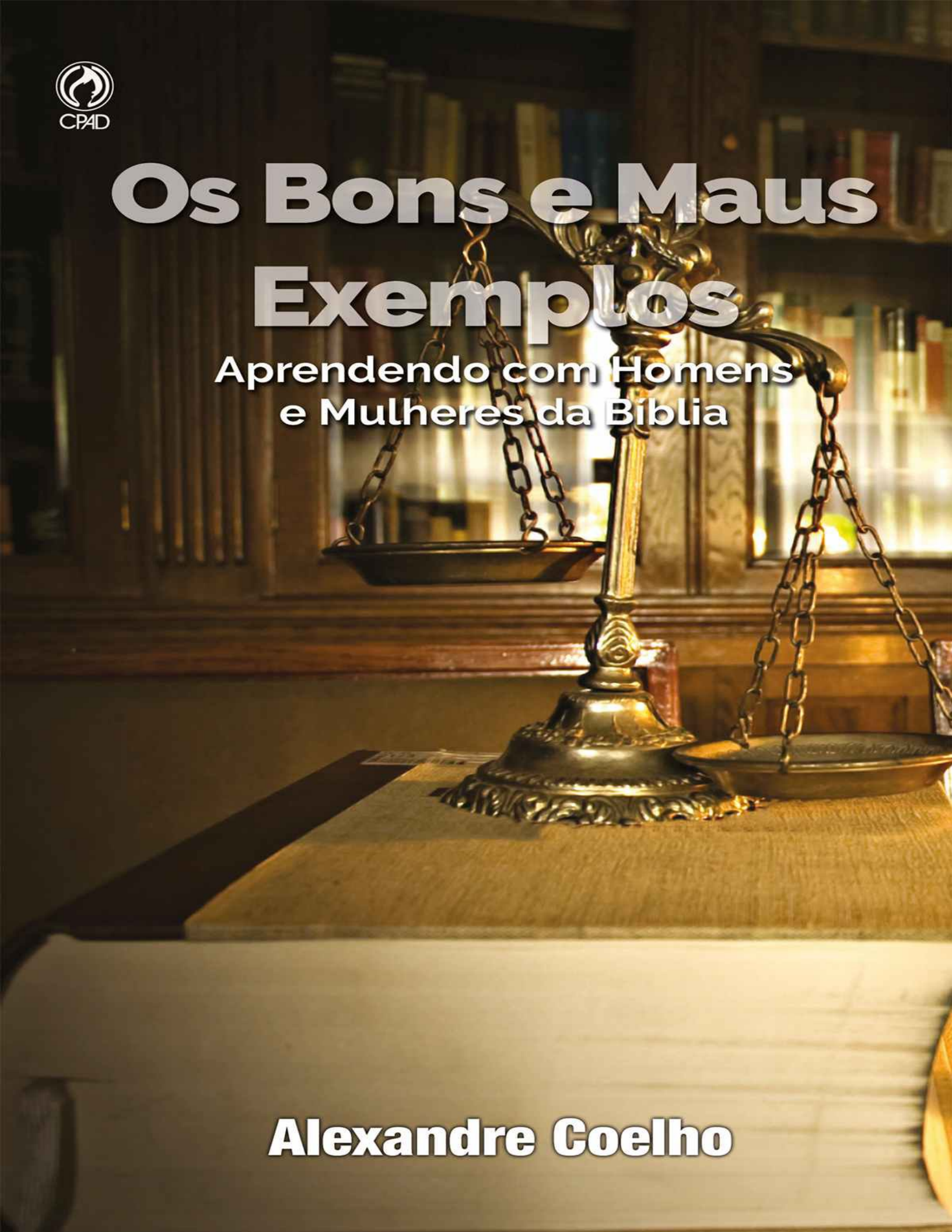


Os Bons e Maus Exemplos

Aprendendo com Homens e Mulheres da Bíblia

Alexandre Coelho

Alexandre Coelho

Os Bons e Maus Exemplos

Aprendendo com Homens e Mulheres da Bíblia

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Capa: Wagner de Almeida
Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes
Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral cristã e teologia devocional
e-ISBN: 978-65-86146-51-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2020

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Introdução

Capítulo 1 Moisés – A Presença de Deus É mais Importante

Capítulo 2 Débora – Libertando Israel da Opressão

Capítulo 3 Os Filhos de Eli – Quando a Chamada de Deus não Faz Diferença

Capítulo 4 Saul – Ser Escolhido somente não Faz Diferença

Capítulo 5 Abigail – Quando a Sabedoria Faz Diferença para a Vida

Capítulo 6 Natã – Faça a Diferença Falando o que Deus realmente Mandou Você Falar

Capítulo 7 Jezabel – Fazendo a Diferença para o Mal

Capítulo 8 A Sunamita – Quando a Fé Faz a Diferença em Atitudes

Capítulo 9 José – Fazendo a Diferença Aceitando a Jesus

Capítulo 10 João Batista – Prepare o Caminho do Senhor

Capítulo 11 A Mulher Samaritana – A Diferença que a Água da Vida Faz

Capítulo 12 Judas – Quando a Proximidade com Jesus não Faz a Diferença

Capítulo 13 Barnabé – Quando a Graça de Deus Faz a Diferença
Referências Bibliográficas

Introdução

Muitos exemplos de pessoas que tiveram sucesso ou foram malfadadas em algum empreendimento são-nos apresentados ao longo da vida. Esses exemplos costumam ensinar diversas lições, sejam positivas, sejam negativas.

Contamos histórias para crianças sobre grandes heróis que enfrentaram os seus vilões.

Entendemos que a revelação divina aconteceu ao longo de séculos e na história de pessoas reais como eu e você. Na Palavra de Deus, pessoas limitadas e falhas são apresentadas como heróis quando decidem confiar no Senhor e obedecê-lo, ainda que as circunstâncias à sua volta sejam-lhes contrárias. Também vemos pessoas que foram chamadas por Deus ocuparem uma posição de destaque e, depois, esquecerem-se do Deus que as vocacionou.

Charles Swindoll disse certa vez:

> Admiro as pessoas que são autênticas, e gosto de biografias que pintam personagens históricos como eles realmente foram. Junte essas duas qualidades em uma única encadernação e não conseguirei largar uma obra assim. Não me dê uma versão diluída da vida de uma pessoa. Quero pessoas pintadas como elas eram, com manchas, rugas e tudo o mais.[1]

São essas as pessoas com quem nos identificamos quando lemos a Palavra de Deus. Pessoas de carne e osso, com limitações, momentos de euforia e fé e momentos de dúvida.

Os nomes escolhidos neste livro não se encontram na lista dos heróis da fé de Hebreus 11. Aqueles ficarão para outra obra.

Utilizei o critério cronológico na apresentação desses personagens. Cada um, ao seu tempo, fez a diferença para o bem ou para o mal, e trataremos disso ao longo destas páginas.

Usei como textos básicos a Bíblia. Outros pequenos enxertos de textos de outros autores serão complementares.

Destaco que as análises feitas são de cunho pessoal. Qualquer interpretação que tenha feito espelha minhas observações e leituras feitas para compor essa obra. A Teologia é importante quando se trata de interpretação bíblica e, certamente, estará apresentada em doses homeopáticas ao longo do texto, mas a preocupação inicial não é que esta obra tenha um cunho teológico, e sim prático.

Os personagens destacados não são apresentados sozinhos. Eles estão todos inseridos em uma coletividade, sendo nela que foram vistos de alguma forma; assim, o leitor certamente os verá nesta obra.

- Moisés teve a sua história junto aos hebreus que saíram do Egito. Escolhido pelo Senhor para libertar Israel, teve de lidar por anos com um povo difícil de ser liderado. Passou por diversas situações que deixariam uma pessoa fora de controle. Em duas dessas situações, esse homem de Deus acabou pagando o preço de agir por impulso: uma, quando o Senhor deu a ele as tábuas da Lei e, “ali, ao pé do monte, ele jogou no chão as placas de pedra que estava carregando e quebrou-as” (Êx 32.19, NTLH). Moisés teve de fazer novas tábuas e subir sozinho, com todo aquele peso, até a montanha para o Senhor escrever a sua Lei nas tábuas novas. Noutra ocasião, ele bateu em uma rocha quando, na verdade, deveria falar para ela, e isso lhe custou a entrada na Terra Prometida. A Bíblia, porém, também nos mostra que ele era um homem de oração e que sabia exercer julgamentos justos para manter a paz social em um acampamento de ex-escravos.

• Débora exerceu a sua atuação profética junto aos hebreus na nova terra. Ela é o exemplo claro de uma mulher que se destacou numa época em que os homens, na sua maioria, detinham o poder de voz e de ação. Débora foi juíza e profetisa, e, por meio da sua profecia, Deus convocou um homem a fim de que fosse à guerra e auxiliou-o com a sua presença no campo de combate contra um inimigo numérica e belicamente mais forte. Diferentemente de pessoas que costumam apoiar outras da boca para fora, Débora teve a coragem de apoiar com a sua presença a pessoa para quem foi usada por Deus.

• Os filhos de Eli ficaram famosos nos seus maus procedimentos contra o Senhor e a congregação em Siló. Por meio do seu mau exemplo, toda a sua descendência perdeu a oportunidade de manter-se trabalhando para Deus. Como Eli, o seu pai, preferiu honrar mais aos filhos do que a Deus, o Eterno julgou a sua casa, num exemplo claro de que, se quisermos ver a futura geração servindo a Deus, precisamos orientá-las enquanto é possível, pois, se não o fizermos, será uma geração sem temor de Deus e respeito pelo ministério.

• Saul reinou em Israel e, mesmo tendo sido escolhido por Deus, deu pouco valor à sua chamada, mostrando que sinais vindos de Deus e da sua chamada são sinais da aprovação em relação à convocação que Ele fez a nós, mas que temos a obrigação de mantermo-nos firmes em relação ao que Ele orientou à sua Igreja. Obedecer pela metade é o mesmo que uma desobediência completa aos olhos de Deus. Recursos e bens à disposição da obra não representam necessariamente sinais de obediência, podendo servir para que sejamos julgados por Deus. Da mesma forma, buscar respostas de Deus sem o mesmo desejo de obedecer ao que Ele está dizendo, pode ser

• Abigail salvou a sua casa com diversas pessoas. Mesmo sendo casada com um homem rico, tolo e perverso, ela destacou-se não apenas pela sua

beleza, mas igualmente pelo seu bom senso. Quando o seu esposo destratou e humilhou Davi, ela separou comida e outros itens para aplacar a ira do homem segundo o coração de Deus e, dessa forma, conseguiu preservar a sua família inteira, incluindo o seu marido perverso e todos os empregados. Abigail é a prova clara de que beleza não anula a sabedoria e o bom senso e de que a palavra branda pode afastar o furor.

• Natã foi usado pelo Senhor para colocar Davi nos eixos, quando o rei pecou cometendo um adultério, engravidando a mulher e matando o esposo dela na guerra. Natã, contudo, viu o desejo do rei de construir um templo para o Eterno e, sem consultar ao Senhor, disse que aquele desejo de Davi tinha o respaldo divino. O profeta teve de ir ao rei e dizer que o projeto de Deus era outro. Como Natã, podemos ser tentados e motivados a falar em nome de Deus coisas que Ele não nos mandou dizer. Nesse caso, é preciso voltar atrás, admitir o que foi feito e deixar que o Senhor cumpra o seu plano por intermédio de outras pessoas.

• Jezabel trouxe a idolatria coletiva no Reino do Norte quando se casou com o rei Acabe. A história desse casal é impressionante, pois a maldade que praticaram até então não havia sido tão intensa. Jezabel trouxe a banalização para o Reino do Norte e manteve-se fiel à sua fé mesmo vendo milagres acontecendo pelo ministério de Elias. Por pior que essa mulher tenha sido, ela agiu de forma coerente com a sua religião e não trocou o seu deus.

• A sunamita abençoou Eliseu. Em um período em que as pessoas não tinham tantos lugares para ficar enquanto viajavam, a sunamita e o seu esposo construíram um quarto para o profeta, pois viram naquele homem um santo homem de Deus. Pela sua generosidade, Deus deu um filho ao casal e, anos depois, quando o menino morreu, foi no quarto que anteriormente havia sido construído para receber Eliseu que este profeta ressuscitou o filho dessa mulher, trazendo para aquele lar a alegria que

tinha sido perdida.

• José acolheu Jesus ainda no ventre de Maria. Noivo, ele poderia ter passado para a história como um homem que foi traído pela mulher que amava. Deus, todavia, orientou-o a dar crédito ao que Maria havia falado, e José fez o papel de protetor e sustentador, além de poder educar com Maria o Filho de Deus. Foi José quem deu o nome de Jesus ao menino, obedecendo ao que Deus havia dito e, a cada momento de obediência, ficava garantido para ele a proteção de Deus.

• João Batista pregou para multidões no deserto e batizou o próprio Jesus. A sua vinda ao mundo cumpriu o propósito de Deus, a saber: enviar, antes do Messias, alguém que arrumasse os caminhos por onde o Filho de Deus passaria. Quando preso, João perguntou se Jesus era aquEle que estavam esperando. Ele usou a dúvida, e não a incredulidade, para saber mais sobre o que Jesus estava fazendo, e o Senhor respondeu-o sem condenar a sua pergunta.

• O testemunho da samaritana atraiu pessoas até Jesus. Numa época em que os preconceitos faziam parte ativa da forma social de pensar, Jesus falou com a mulher samaritana, ouviu dela as suas perguntas e ofereceu a água da vida a ela. A cada pergunta, uma resposta, mostrando, dessa forma, que é possível comunicar o evangelho de forma inteligente e instigante. Se achamos que Deus não tem como tirar água de um poço fundo, Ele surpreende-nos dando-nos uma água que jamais acaba.

• Judas Iscariotes era um dos Doze. A sua vocação para ser do grupo dos discípulos não veio sem que Jesus tivesse orado. Mesmo andando com o Senhor, Judas foi vencido pelo seu amor ao dinheiro, traindo o Mestre que deu a ele a oportunidade de ver coisas grandiosas, como milagres, ressurreições e multiplicação de pães. O poder de Deus diante de si não entrou no seu coração da mesma forma como a ganância, e Judas, que poderia ter sido um dos 120 no Pentecostes, tornou-se o símbolo de um

traidor por mais de 2 mil anos.

• Barnabé destacou-se no trabalho pastoral na primeira igreja mista da história. Homem de fé, foi apelidado de “filho da consolação” e exerceu o seu ministério fortalecendo igrejas e dando oportunidade para que outras pessoas, como Saulo, pudessem servir a Deus. Ouso dizer que, se não houvesse um Barnabé, é provável que não viéssemos a ter um Paulo, pois quem tirou o fariseu convertido lá de Tarso, para onde havia sido mandado, foi Barnabé. Mesmo após a discussão que tiveram por causa de João Marcos, a obra de Deus tomou duas frentes diferentes, e o evangelho foi pregado em mais de um lugar ao mesmo tempo por pessoas altamente capacitadas para falar de Jesus.

Não se pode, portanto, desprezar o contexto em que cada uma dessas pessoas viveu. Foi entre outras pessoas que esses personagens foram vistos pelo Senhor.

No demais, peço a Deus que esta leitura seja edificante para você.

Pastor Alexandre Coelho.

---

[1] SWINDOLL, Charles. Série Heróis da Fé, Abraão – um Homem Obediente e Destemido. Mundo Cristão, São Paulo, 2016, p. 11.

CAPÍTULO 1

Moisés

A Presença de Deus É mais Importante

E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como
Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face (Dt 34.10)

INTRODUÇÃO

Exemplos de vida sempre nos chamam a atenção. Pessoas que passaram por adversidades, que tiveram planos frustrados ou suspensos por certo tempo e que posteriormente deram “a volta por cima” cativam narrativas e também nos dão certa dose de esperança para dias mais tranquilos. Há também pessoas que nos chamam a atenção pelo fato de terem sido vocacionadas a certos desafios e que, mesmo relutantes, deram passos rumo à obediência e entraram para a história como verdadeiros ícones de coragem e admiração.

Moisés é uma dessas pessoas. O tão conhecido libertador e legislador de Israel traz-nos exemplos firmes de uma vivência com Deus em dois momentos desafiadores: (1) a escravidão do povo no Egito e (2) a condução do povo, antes escravo, rumo à Terra Prometida.

Neste capítulo, trataremos não apenas sobre a vida de Moisés, mas também sobre um dos momentos mais importantes da caminhada do libertador com o povo de Deus: o momento em que ele diz que a presença do Eterno faz mais diferença do que a bênção dele em nossas vidas.

I – MOISÉS E A SUA CHAMADA

1. Um Povo que se Forma em Meio à Escravidão

Podemos dizer que a história de Moisés, homem de Deus, dá prosseguimento à história começada séculos antes pelo próprio Deus, quando Este escolheu um homem, Abraão, e desafiou-o a segui-lo por uma caminhada sem dar-lhe o destino final, porém com a promessa de uma terra e uma descendência inumerável. Casado com uma mulher estéril, Abraão creu em Deus, foi considerado justo e viu a promessa de Deus no seu filho, Isaque.

Isaque, filho de Abraão, aprendeu com o seu pai a crer em Deus, tornou-se um homem de oração e, também casado com uma mulher estéril, Rebeca, viu o milagre de Deus quando a sua família recebeu dois filhos gêmeos, Esaú e Jacó.

O mais novo dos gêmeos ganhou a bênção de ser considerado o mais velho por meio de uma mentira astuciosa; e, tendo saído de casa para não ser morto, casou-se com uma mulher também estéril, Raquel. Parece que a esterilidade naqueles tempos não era incomum — pelo menos não na história dos três patriarcas. Isso implicava mais fé de cada casal a fim de receber o cumprimento da promessa de Deus. Entretanto, como o seu pai e o seu avô, Jacó viu a misericórdia de Deus alcançando o seu lar e concedendo-lhe a paternidade com a esposa que amava.

O filho amado de Jacó, José, foi parar entre os egípcios como escravo e lá se tornou governador. José fez grandes obras no Egito, como, por exemplo, preservar a nação de uma fome de sete anos. Como já era esperado, José traz a sua família para o Egito a fim de que ela seja preservada da fome e, depois, morre. Assim se encerra o livro de Gênesis.

O livro de Êxodo narra já no início o que ocorreu depois que José morreu (ver Êx 1.8-10).

Sabe qual foi a forma como os egípcios delimitaram um freio no crescimento populacional dos hebreus? Matando os meninos e preservando as

meninas.

2. Tirado das Águas

Moisés tem a sua vida preservada por Deus desde quando era apenas um bebê. Ele nasceu em um período péssimo para um menino ser trazido ao mundo, justamente quando crianças do sexo masculino, descendentes de hebreus, no Egito, estavam sendo mortas por ordem de Faraó para que o povo não se multiplicasse e não se voltasse contra os egípcios. Essa foi a maneira "sábia" como o rei do Egito tentou controlar a natalidade de meninos filhos dos escravos. Apesar disso, os hebreus continuavam a crescer.

Moisés significa "tirado das águas". Trata-se de um nome apropriado para um menino que foi achado num cesto no rio. A sua mãe biológica acabou tomando conta de Moisés até este ser entregue para a sua "mãe adotiva", a filha de Faraó. Crescido em um palácio como um príncipe, "Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios" (At 7.22). Até o momento em que precisou fugir do convívio com os egípcios por ter matado um deles, o futuro legislador de Israel teve uma cultura moldada para a liderança.

3. Uma Vida Cômoda no Exílio

Após presenciar um egípcio agredindo um hebreu, Moisés fez justiça com as próprias mãos. O seu ato fez com que ele precisasse fugir do Egito, deixando para trás a cultura palaciana, dirigindo-se para Midiã. Como refugiado em terra estranha, Moisés pode ter assimilado o costume da família de Jetro, um midianita, e foi recebido como membro daquela casa ao casar-se com Zípora (Êx 2.15,21).

Cuidar de ovelhas parecia promissor para Moisés. Fugido do Egito aos 40 anos de idade, teve bastante tempo para aprender a apascentar o rebanho da família (Êx 3.1), até que o Senhor foi falar com ele. Ao aparecer a Moisés, o Eterno diz ao hebreu refugiado que ele havia sido escolhido para libertar os

seus irmãos. Essa seria uma grande empreitada, e Deus já havia planejado os detalhes. O Egito tornara-se um lugar de opressão para os filhos do patriarca Abraão: “[...] Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito” (Êx 3.7). Os escravos que Faraó estava oprimindo eram o povo de Deus. A resolução eterna já havia sido decretada: “Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga” (Êx 3.8).

Mas o que Moisés tinha a ver com essa revelação e com essa empreitada divina? Ora, ele era um pastor octogenário e mais preocupado em preservar a subsistência da família cuidando de ovelhas do que outra coisa.

Ele havia sido escolhido por Deus para executar a missão de falar com Faraó e tirar o povo do Egito: “Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Êx 3.10).

As orações do povo de Deus foram feitas para Ele. A missão era dEle. O povo a ser liberto era dEle. O Senhor, porém, chama Moisés para representá-lo. Certamente Moisés não esperava por essa. Aqui está uma das verdades mais contundentes quando pensamos nas pessoas da Bíblia: todas fazem parte de um plano maior, desenhado por Deus, para fazerem a diferença no mundo. O Senhor “desceu” não apenas para livrar o seu povo, mas também para comissionar aquele que seria o seu porta-voz, Moisés. Na sua grandeza, Deus está mais interessado em trabalhar com pessoas limitadas para realizar grandes feitos por meio da fé.

Acontece que o próprio Moisés dá desculpas para não se envolver nessa empreitada. Os anos como fugitivo dos egípcios deram a ele uma zona de conforto da qual não se afastaria, a não ser por uma forte intervenção divina. Ele tinha conhecimento da sua ascendência hebreia, mas não imaginava que seria usado por Deus para retornar ao Egito e desafiar um rei a colocar em liberdade a sua mão de obra escrava.

4. “Acho que sou a pessoa errada para isso...”

Aos seus próprios olhos, Moisés era uma pessoa limitada. Vemos, no diálogo com Deus, Moisés apresentando ao menos cinco desculpas para não cumprir o que o Senhor havia determinado:

a. “Quem sou eu?” (Êx 3.11) Essa é a perspectiva de um homem que tem dificuldades de olhar para si como uma pessoa adequada por ter sido escolhida por Deus.

> Antes de considerarmos a resposta do Senhor, pare e pense por um momento sobre essa desculpa pouco convincente. Ela tem um tom familiar, não tem? Trata-se de um pretexto usado por muitos hoje: “Senhor, não posso fazer o que me pede porque não vou saber o que dizer e vou ter dificuldade em lidar com isso. Alguém vai me perguntar: ‘E os pagãos da África?’ ou: ‘Como foi possível pôr os dinossauros na arca de Noé?’ Não vou conseguir abrir a boca. Não vou saber o que dizer e parecerei ridículo e tolo aos olhos de outros. Não, não posso fazer isso, Senhor. Sabe como são as coisas, não sabe? Não tenho todas as respostas. (Swindoll, 2008)

E as desculpas estavam só começando...

b. Qual é o nome do Deus que te enviou? (Êx 3.13) “E eu apareci a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido” (Êx 6.3). Os deuses egípcios tinham os seus nomes e atribuições, e, com certeza, os hebreus iriam querer saber se havia uma conexão entre as suas orações e aquele enviado hebreu para falar com Faraó.

> Analisando um pouco mais o idioma original, descobrimos que as palavras “EU SOU O QUE SOU” são exatamente as letras em hebraico que formam o nome Yahweh. Deus estava dizendo: “O único Ser de todo o universo com existência própria, infinito,

> enviou você, Moisés. Você o representa. EU SOU enviou você. Diga isso a eles". (Swindoll, 2008 , p. 142)

c. Deus não apareceu a você (Êx 4.1). Uma das questões mais importantes na vida cristã é a certeza de que uma pessoa teve um encontro com Deus. Se Moisés fosse ao Egito no seu próprio nome, teria dificuldades para ser convincente. As pessoas iriam acreditar que Deus havia aparecido a Moisés?

> Com essa reação, Moisés mostra como temia profundamente o ridículo. Mais do que tudo, talvez ele tenha um medo mortal de parecer um velho tolo. Diz, na verdade: "Senhor, estive no Egito. Sei como as coisas são por lá. O Senhor diz que devo voltar confiante para a capital — um pastor idoso, cansado, saído do deserto? Que tipo de recepção pensa que vou ter? Olhe para estas roupas! Para este rosto enrugado. Está dizendo que devo entrar diretamente no centro da sofisticação e da cultura — encaminhar-me para o trono de Faraó, segurando este meu velho e nodoso cajado? E vou convencer aquele teimoso monarca a deixar que tire todos os seus escravos pela porta dos fundos, como um rebanho de ovelhas? Quem acreditaria nisso, Senhor? Eu me sentiria como um bóia-fria que acabou de cair de um caminhão de nabos se dissesse isso". (Swindoll, 2008 , p. 143)

d. Não sou eloquente (Êx 4.10). Desde que o Senhor dotou-nos da capacidade de falar e transmitir ideias, somos desafiados a ter uma forma de falar que seja convincente. Um homem com dificuldades de comunicar-se pode atrair mais risos do que convicção. Deus, no entanto, iria tratar com o Egito não apenas com as palavras de Moisés, mas também com operações sobrenaturais.

e. Manda outro (Êx 4.13). Por fim, Moisés pede ao Senhor que mande outra pessoa no seu lugar. O Eterno irou-se com Moisés e mencionou o nome de Arão como uma pessoa que iria com Moisés tratar dos assuntos de Deus.

5. Deus Confirma a Chamada de Moisés

O Eterno, onisciente, não deu margens às questões ponderadas por Moisés; antes, impulsionou o reticente pastor de ovelhas à sua chamada. O Senhor não apenas chancelou vocação daquele ancião, como também agiu confirmando com milagres o que havia dito a Moisés. Mais do que isso, Deus foi com ele nas entrevistas com o rei do Egito, orientando Moisés e intervindo, por meio do seu servo, com julgamentos sobrenaturais ante às negativas de Faraó.

É possível crer que as limitações que apresentamos ao Senhor para não realizarmos a sua obra serão aceitas? Penso que não. Limitações tornam-se a fonte pela qual o poder de Deus opera em nós. É possível dar desculpas a Deus para não se fazer a obra dEle, mas, quando aprendermos a confiar nEle, e não em nossa capacidade, veremos o quanto pode ser feito para a sua glória.

6. De volta para o Egito

Vencidas as primeiras objeções do próprio Moisés, chega o momento de partir para o Egito e obedecer a Deus. Arão encontra-se com Moisés; eles conversam, reúnem os anciãos, e Moisés refaz os milagres que foram feitos no seu encontro com Deus. O resultado não poderia ser diferente (ver Êx 4.31).

Após esse momento, Faraó recebe a visita de Moisés e Arão, deixando claro, porém, que não atenderia ao que Moisés falou. O povo de Israel era escravo e, na perspectiva de Faraó, deveria continuar assim. Além disso, por que o rei acreditaria em um profeta vindo de Midiã, falando em nome de um Deus que sequer poderia ser representado por meio de objetos ou de seres existentes?

Como se não bastasse, a mão de Faraó pesou sobre o povo, e as condições de trabalho pioraram. O povo passou a sofrer mais e reclamou de Moisés, responsabilizando-o pelas novas agruras. O povo que viu os milagres feitos

por Moisés foi o mesmo povo que o acusou de ser responsável pelas novas e piores condições de trabalho. Eles não entenderam que, até vir a sua libertação, ainda passariam por mais problemas por causa da dureza de coração do rei do Egito.

Na prática, aquela situação serviria de lição para Moisés e o povo. Para Moisés, teria a sua paciência para com o povo treinada, bem como a dependência constante de Deus, mais solidificada. O povo, por sua vez, não estava amadurecido para entender que o Senhor julgaria as ações dos egípcios e que, em pouco tempo, sairiam da terra da escravidão devidamente indenizados pelos tantos anos de trabalhos sem pagamento (Êx 11.2,3)

7. Os Julgamentos de Deus no Egito

Cada praga enviada pelo Senhor atingiu os egípcios. Animais, plantações, residências: todos foram alcançados. Somente os hebreus, apesar das duras condições de trabalho, ficaram livres da pesada mão de Deus no Egito e os seus habitantes.

A cada praga, um julgamento. Swindoll chama-as de “pragas que pregam”, pois foram acontecimentos que marcaram a narrativa do Êxodo. Somente a última praga convenceu Faraó de expulsar os hebreus das terras egípcias. Na noite em que os primogênitos dos egípcios morreram, nascia a primeira Páscoa.

Deus manda que os hebreus matem um cordeiro e que, com o sangue dele, manchem os umbrais da porta da casa em que habitam e que comam a carne daquele animal vestidos como quem vai sair com pressa.

Swindoll chama a noite do grande julgamento sobre o Egito de “A noite em que ninguém dormiu”. A ordem de passar sangue no umbral da porta de cada família era uma garantia de que as garras da morte não alcançariam aquele lar. Na prática, por mais estranha que parecesse a ordem de Deus, ela foi cumprida.

> Os israelitas podem não ter sentido vontade de espalhar o sangue do cordeiro na verga e nos batentes da casa naquela noite escura da primeira Páscoa. Eles certamente não entenderam o raciocínio do Senhor. Não tinham ideia de que isso apontaria para um Messias futuro que pagaria a dívida do pecado com o próprio sangue e morreria pelos pecados do mundo. Eles apenas obedeceram; obedeceram porque haviam acreditado na palavra do Senhor. Seguiram as instruções sem compreender todos os porquês. Algumas horas depois sentiram-se felizes por terem obedecido. Obediência sempre vale a pena. (Swindoll, 2008, p. 234)

Amanhecido o dia da primeira Páscoa, não havia mais como os hebreus ficarem no Egito. Se, antes, Moisés foi pedir a Faraó que libertasse o povo, agora, dessa vez, é Faraó quem pede a Moisés e a Arão para irem embora levando os filhos de Israel (Êx 12.31-33).

8. Navegar É Preciso?

Decretada a liberdade dos hebreus, era preciso sair dos limites do Egito e seguir rumo à terra que o Senhor havia-lhes prometido. Não basta afastar-se daquilo que representa um estilo de vida antigo. É preciso andar em direção ao destino que nos aguarda, o destino escolhido por Deus. Todavia, o local para onde Deus conduziu Israel serviria de lição para os egípcios e para o próprio povo.

> O problema era que Baal-Zefom formava um perfeito beco sem saída geográfico. Uma rua sem saída. Ao norte ficavam algumas formidáveis fortalezas egípcias — estruturas de pedras maciças. Não podiam passar por elas. Ao sul havia o vasto deserto egípcio chamado Mizraim. Nada seguro. Para o oeste ficavam Ramessés e Gósen. Eles tinham acabado de vir de lá. Não podiam voltar ao

> Egito. Ao leste havia o mar Vermelho, hoje Golfo de Suez. A região mais ao norte desse golfo era o mar de Sargaços, quase sempre chamado de mar Vermelho. Deu para entender? Eles ficaram olhando para as águas do mar Vermelho. Ao norte, fortalezas inimigas. Ao sul, o deserto ardente. A oeste, o Egito. Estavam encurralados. Não havia porta dos fundos — uma armadilha geográfica que não deixava possibilidades de fuga. (Swindoll, 2008)

Não havia embarcações para levar o povo para atravessar o mar. Eles estavam em um beco sem saída, e Deus havia-os mandado para lá.

A única coisa que Moisés poderia fazer era orar ao Deus que os mandou para aquele lugar. A Bíblia não diz que oração foi feita por ele, porém mostra qual foi a resposta do Senhor (Êx 14.15-17).

A ordem de Deus foi clara. O povo deveria seguir o caminho aberto pelo mar, e eles assim o fizeram. Deus fez passar um vento oriental toda aquela noite, de forma que as águas foram separadas, e o povo passou pelo meio das águas em seco. O Senhor mais uma vez julgou o Egito e Faraó, e o povo de Israel seguiu o seu caminho para a Terra Prometida por Deus.

II - APÓS O EGITO, O DESERTO

Em cada situação narrada anteriormente, Moisés participou de forma ativa como emissário de Deus ao povo e a Faraó. A partir da libertação do povo, novos desafios surgiriam, provando a fé de Moisés.

1. Dias com Deus na Montanha

Já liberto o povo da escravidão e vencido o mar Vermelho e o exército de Faraó, Moisés tem um encontro com Deus no monte Sinai. O Senhor chamou-o para passar uns momentos a sós com Ele, momentos estes em que o legislador recebeu a Lei divina.

O povo precisava de regras claras de conduta, pois, se antes eram escravos, agora eram pessoas livres, rumo a uma nova terra, da qual não poderiam viver sem orientações. Os hábitos com os quais estavam acostumados no Egito não serviriam para a nova realidade com a qual se depariariam. Eles deveriam pautar-se por um novo ordenamento jurídico dado pelo Senhor a fim de que manifestassem aos povos vizinhos um padrão diferenciado. O culto a Deus não teria prostituição, nem crianças oferecidas em sacrifício; o trabalho deveria ser a forma como uma família seria mantida; a palavra dada deveria ter valor, e a mentira e o engano deveriam ser extirpados. Nova vida, novas regras.

2. O Bezerro de Ouro

Enquanto o Senhor falava com Moisés, o povo reuniu-se e, numa expressão de ingratidão para com Deus e Moisés, decidiram produzir um bezerro de ouro para adorá-lo: “[...] porque quanto a este Moisés, a este homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe sucedeu” (Êx 32.1). Eles referem-se a Moisés como se este fosse uma pessoa distante e descartável. A proposta de adoração daquele ajuntamento de pessoas não refletia gratidão para com tudo o que lhes fizera Deus. Eles queriam fazer um culto, só que nos moldes do Egito, quando ainda eram escravos. Sobre esse ato do povo, o Comentário NVI traz:

> A exigência do povo e o consentimento de Arão significam que já antes de as estipulações da aliança terem sido entregues a eles de forma escrita, já haviam quebrado o primeiro, o segundo e, provavelmente, o sétimo (cf. comentário do v. 6) mandamentos, e também agido contra o preâmbulo da aliança (cp. o v. 4 com 20.2). Como história de um povo que “muito depressa se [desviou]” (v. 8), ela tem o seu correlato no N. T (v. G1 1.6). *Ao redor de Arão* seria melhor traduzido por “contra Arão” (cf.

> NEB, “confrontaram”), v. 2,3. Assim como houve contribuições de posses pessoais para a construção e embelezamento do tabernáculo (25.1-7; cf. 38.8), agora foi feita uma coleta para um propósito bem diferente e totalmente indigno (cf. Jz 8.24-27). v. 4. modelou com uma ferramenta sugere que a imagem foi esculpida no ouro sólido. Por meio de uma pequena alteração vocálica, com uma ferramenta pode ser mudado para significar “em uma bolsa” e, por um pequeno salto de fé filológico, “dentro de um molde” (assim NTLH e BJ; v. também NEB). bezerro: é de esperar que os israelitas estivessem familiarizados com os cultos a touros dos egípcios e cananeus que floresciam na região do delta do Nilo. O culto a Baal dos cananeus provou ser uma armadilha constante aos israelitas depois de se estabelecerem em Canaã. os seus deuses [...] que tiraram vocês do Egito: mas somente uma imagem foi feita (v. nota de rodapé na NVI) (F. F. Bruce, pp. 251,252)

3. Refaça as Tábuas da Lei

O servo de Deus, ao deparar-se com tal cena, não apenas fica indignado, como também quebra as tábuas da Lei, que recebera de Deus.

Passado o momento de ira, Moisés deveria tomar a iniciativa para reconstruir o que Deus fizera (ver Êx 34.1). Duas lições vemos nesse cenário.

A primeira é que não podemos ser pessoas intempestivas ou dominadas pela raiva a ponto de destruir ou inviabilizar algo que o Senhor fez ou deseja fazer. As tábuas da Lei foram preparadas por Deus para serem entregues ao povo, e não para serem destruídas. Moisés deveria providenciar as novas tábuas para substituir as que quebrara anteriormente. Só depois disso é que Deus colocaria novamente a sua Lei escrita naqueles objetos.

A segunda lição é que devemos tomar a iniciativa para restaurar algo que foi destruído. O Senhor ordenou a Moisés que ele mesmo escolhesse as

pedras, que as cortasse e levasse montanha acima. Seria um trabalho árduo e pesado. E mais um detalhe: Moisés não poderia ser ajudado a levar montanha acima as pedras substitutas: “E ninguém suba contigo” (Êx 34.3). Imagine agora um homem de 80 anos tendo de levar pedras montanha acima simplesmente porque perdeu o controle por um momento.

Não raro, o preço para restaurarem-se coisas ou relacionamentos que foram quebrados é alto — às vezes, tendo de ser feito sem a ajuda de outras pessoas. Que venhamos a valorizar o que Deus fez e manter intacto o seu plano para nossas vidas.

III – A BÊNÇÃO SEM A PRESENÇA DE DEUS

1. Um Anjo Vai na Frente

Após o episódio do bezerro de ouro, o Senhor diz a Moisés que Ele irá cumprir o que havia prometido aos patriarcas: dar a Terra Prometida à descendência deles. Contudo, essa missão não teria a presença dEle. Os hebreus eram complicados demais. Não tinham paciência para esperar as orientações de Deus. Não aprenderam a importância de confiar no Deus que ouviu as suas orações, que mandou as pragas no Egito, que os livrou da morte e que os fez passar pelo mar. Na primeira oportunidade que tiveram de autonomia temporária — quando Moisés foi ao cume da montanha para falar com o Senhor —, decidiram fazer um deus para que pudessem adorá-lo.

A resposta de Deus a Moisés, para garantir a promessaestá registrada em Êxodo 33.2,3. O povo de Israel era tão rebelde que chegou a deixar o Senhor realmente “irritado”.

Imaginemos Moisés ouvindo o Senhor dizer isso e lembrando-se da chamada que ele recebera há algum tempo. O legislador sabia que caminhar até à terra que “mana leite e mel” sem Deus entre eles seria um caminho fadado ao fracasso.

2. Se o Senhor não For Comigo...

Imaginemos agora: o Senhor diz que cumprirá a sua promessa, mas que não estará com as pessoas que vão ver a promessa cumprida. Bastaria um anjo de Deus para que os caminhos fossem abertos e a promessa fosse cumprida. De qualquer forma, Deus não deixaria de realizar aquilo que tinha prometido a Abraão, a Isaque e a Jacó. Para Moisés, porém, era melhor ter a presença do Senhor, e ele estava disposto a não sair de onde estavam caso Deus não fosse com eles: "Então, disse-lhe: Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui" (Êx 33.15).

Moisés viu a diferença de estar acompanhado da promessa de Deus sem estar acompanhado da presença dEle. Há quem prefira ser contemplado por bênçãos e não ter qualquer relacionamento com Deus. Moisés, por sua vez, tinha a plena certeza de que a presença de Deus consigo valia muito mais do que as bênçãos que ele receberia. A presença de Deus em nossas vidas vale muito mais do que as bênçãos que podemos receber nessa comunhão.

3. "Irá a minha Presença contigo para te Fazer Descansar"

Diante do que Moisés disse, o Senhor responde que o legislador poderia contar com a sua presença. Se o povo não levava a sério ter Deus tão próximo, Moisés, o líder, tinha em alta conta poder estar perto de Deus. O Comentário Broadman traz:

> "*Eu mesmo irei contigo* pode ser traduzido mais literalmente como "a minha face irá e eu lhes darei descanso". A "face de Deus" é um termo que designa a auto-manifestação de Deus, que em épocas anteriores provavelmente era concebida de forma concreta. No paganismo, esta expressão pode ter-se originado da face literal do ídolo, embora mais tarde tivesse uma conotação mais espiritual, mesmo em círculos não-israelitas.
>
> Visto que Deus era concebido como entronizado, a "face de

Deus" também veio a ser usada em sentido metafórico, designando a presença graciosa de Deus, e muitas vezes aparece na adoração de Israel (Sal. 24:6; I Crôn. 21:30). Nas estruturas politeístas, os deuses de importância secundária podiam expressar vários aspectos da natureza da divindade, enquanto mantinham distância entre o deus e os adoradores. Em Israel, expressões como "a face de Deus", o seu nome, e o "anjo do Senhor", eram veículos que sustentavam a natureza separada de Deus, enquanto expressavam aspectos de sua natureza para o homem.

A despeito da natureza velada da linguagem, "a face de Deus" expressava a atividade pessoal de Deus, ao guiar Israel providencialmente. Eichrodt sugere que "é quase impossível não chegar à conclusão de que temos, aqui, outra forma de automanifestação do Deus transcendente, por meio da qual a sua presença é ao mesmo tempo feita tolerável para os homens e garantida a eles" (p. 38; cf. a p. 35 e ss.). A promessa representa um avanço definido em relação à designação do anjo para guiar Israel (32:34; 33:2), pois a "face" do Senhor irá com Israel, para lhe dar descanso.

A frase *Eu te darei descanso* está relacionada com um conceito bíblico frequentemente ignorado ou menosprezado: o descanso para o povo de Deus (cf. Von Rad, p. 94 e ss.). Embora o prometido descanso, no Velho Testamento, não seja inteiramente escatológico, mas esteja relacionado mais diretamente à vida do povo na terra, este descanso é, em última análise, um presente "que Israel achará apenas mediante uma entrada inteiramente pessoal em seu Deus". (Broadman, volume 1, pp. 536,537)

Tratando desse tema:

12. *Não me deste a saber quem hás de enviar comigo.* Não fica claro se Moisés está preocupado em saber o "status" do prometido mensageiro celeste, ou se temos aqui apenas uma oração (como a de Nm 27.16) para que Deus providencie um assistente e sucessor para Moisés. Caso esta última hipótese esteja correta, a escolha de Josué por Deus foi a resposta.

14. *Minha presença irá contigo.* Literalmente, "minha face irá...". Com esta promessa, o descanso final de Israel em Canaã fica assegurado. Esta frase significa que o "mensageiro" celeste enviado com o povo será "o anjo da Sua presença" (Is 63.9), isto é, uma plena manifestação de Deus, como em 23.20.

16. *De maneira que somos separados.* Israel sempre foi chamado para ser diferente e separado das outras nações. Moisés percebe, corretamente, que aqui jaz a característica principal de Israel, no fato da presença de Deus em seu meio. Tudo o mais é um comentário desta realidade, e dela resulta. (Gênesis, Vida Nova e Mundo Cristão, p. 218)

3. Um Gigante de Deus

Como todos nós, Moisés tinha as suas limitações e, em um momento de descuido, foi impedido por Deus de entrar na Terra Prometida. Ele chegou a ver a terra de longe, mas outro líder entraria nela conduzindo o povo. Tal fato não tira de Moisés todo o trabalho de Deus na sua vida, nem o quanto esse homem foi usado pelo Altíssimo no tempo em que viveu. Ele era tão usado por Deus que o apóstolo Pedro mencionou-o como referência em comparação ao ministério profético de Jesus: "Porque Moisés disse: O Senhor, vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser".

Que venhamos a entender que ter a presença de Deus conosco é mais

importante do que ter somente a bênção dEle.

CONCLUSÃO

A vida de Moisés teve outros cenários muito dignos de serem destacados. Entretanto, para esta análise e sob a perspectiva da confiança, ele teve a coragem de reconhecer que a presença de Deus faz a diferença mais ainda do que a bênção dEle.

Com isso, não estamos dizendo que a bênção de Deus não é boa, pois “a bênção do Senhor é que enriquece, e ele não acrescenta dores” (Pv 10.22). O que queremos dizer é que há uma enorme diferença entre a presença de Deus conosco e a bênção dEle conosco sem a sua presença. Que isso nos sirva de lição: sirvamos a Deus pelo que Ele é, e não pelas bênçãos que podemos receber dEle.

CAPÍTULO 2

Débora

Libertando Israel da Opressão

E enviou, e chamou a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura o Senhor, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e atrai gente ao monte de Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? (Jz 4.6)

INTRODUÇÃO

Toda sociedade necessita de pessoas com a capacidade para exercerem juízo — pessoas com discernimento e senso crítico para julgar conflitos e questões pessoais ou coletivas com base em um sistema legal codificado ou baseado em costumes. Em nossos dias, denominamos a essas pessoas de juízes.

O povo de Israel tem um livro com o nome de Juízes, onde são descritas histórias de pessoas que se destacaram não apenas pelo senso crítico e pelo discernimento, mas também por terem sido usadas por Deus para trazer livramento aos hebreus.

Neste capítulo, trataremos da história de uma juíza, Débora. Para isso, olharemos a narrativa acerca do povo de Israel no livro de Juízes, que mostra que, para os hebreus, a entrada na Terra Prometida com a espiritualidade de

Josué não se manteve após a morte do grande general e que o povo de Deus não se comportou como tal antes da monarquia.

Débora tem a sua história narrada em um contexto de opressão, onde ela foi usada por Deus para, juntamente com Baraque, trazer livramento a Israel. Trata-se de uma história que fala acerca de fé, dúvida, limitações, companheirismo e vitória. Lembremo-nos de que tais fatos não se distanciam de nosso cotidiano, pois somos constantemente desafiados a obedecer a Deus ajudando uns aos outros.

I – ISRAEL E A VELHA REBELDIA EM UMA NOVA TERRA

1. Israel na Terra Prometida

O livro de Juízes é precedido de um contexto histórico. Os filhos de Israel vieram de uma escravidão rumo à liberdade, mas, até chegarem à terra que lhes fora prometida pelo Senhor, eles passaram 40 anos errantes no deserto até aprenderem a confiar em Deus e a ser fiéis a Ele.

A rebeldia dos hebreus destemperou até o homem Moisés, que, ordenado pelo Senhor a falar para uma rocha, bateu nela, sendo tal postura motivo para que ele fosse impedido por Deus de entrar na terra que o Senhor prometera aos descendentes de Abraão.

Deus manteve a promessa que fizera aos patriarcas. Os hebreus receberam dEle cidades que eles mesmos não construíram, morando em casas cheias de bens, bebendo água de poços que não cavaram e usufruindo de plantações que eles mesmos sequer tinham semeado. O Senhor havia-lhes dado tudo, porém com a observação de que não poderiam esquecer-se dEle, do Senhor que os tirou da terra do Egito (Dt 6.10-15).

Mas, como ingratidão e esquecimentos andam juntos, o povo não somente se esqueceu do que recebera de Deus, como também se portou como ingrato quando havia sido abençoado. Essa ingratidão foi vista quando os hebreus

decidiram buscar os deuses cananeus como os seus deuses pessoais.

2. Na Terra de Canaã

O povo de Israel conseguiu entrar em Canaã, mas não conseguiu expulsar todos os povos que lá viviam. Como se isso fosse pouco, com o passar do tempo, eles viram-se em um processo de aculturação com grupos da terra, seguindo os seus cultos e trazendo para si o juízo de Deus. Ao invés de tornar-se um povo que serviria de exemplo para os seus vizinhos, Israel passou a praticar as ações que Deus condenava. Eugene Merril comenta que:

> Após a geração de Josué ter passado, o povo esqueceu-se de Yahweh, trocando-o pelos deuses de Canaã. Isto provocou a ira de Yahweh, de forma que Ele enviou inimigos a Israel a fim de puni-lo e despertar-lhe o interesse em retornar para os caminhos de Deus. Quando Israel se arrependia, Yahweh levantava juízes que livravam a nação, e assim experimentavam um período de paz e de justo governo.[2]

Por uma questão de segurança e bem-estar, não é costume sentirmo-nos bem quando temos uma vizinhança que nos quer ver extintos. Esse foi o caso dos hebreus na Terra Prometida. Os povos no entorno de Israel fizeram o possível para destruir-lhe a paz e a existência. O povo de Israel entrou na terra, mas não se guardou da influência daquele ambiente, deixando-se levar pelas mesmas práticas dos seus antigos habitantes. É notório que, por não terem expulsado todos os moradores daquela terra, os hebreus teriam sérias dificuldades.

Sobre a permanência dos inimigos de Israel, Merril entende que:

> Uma razão por que os israelitas não puderam expulsar todos os inimigos cananeus foi, de fato, que estes poderiam permanecer na terra como instrumentos sempre que Yahweh precisasse

> disciplinar seu povo. Também esses inimigos poderiam servir como um teste de lealdade a Yahweh, e treinar a nova geração de israelitas na arte de fazer a guerra.[3]

Os hebreus não conseguiram entender que, ao misturarem-se com os povos de Canaã e seguir os seus costumes, rejeitando a Lei de Deus, esses povos seriam para eles, com a permissão do Senhor, os opressores do povo de Deus. A obediência ao padrão divino mostraria que o povo servia a Deus e que Ele próprio estaria com eles para protegê-los. Entretanto, tal coisa não ocorreu — não por causa de Deus, mas, sim, por causa do comportamento do povo.

3. Os Juízes de Israel

A Palavra de Deus mostra-nos que houve, na história de Israel, pessoas que lideraram o povo com funções diferentes. Moisés foi chamado por Deus para ser um libertador e legislador. Josué entrou com o povo na terra e serviu-lhe como um general para as conquistas que se seguiriam. Com a morte de Josué, Deus levantou juízes, que eram pessoas responsáveis por resolver questões litigiosas. Estes agiam como magistrados, analisando os problemas e julgando as questões que lhes eram trazidas pelo povo. No livro de Juízes, eles também foram responsáveis por livrarem Israel dos seus inimigos. A monarquia veio somente após o período dos juízes, quando o povo de Israel pediu um rei, e Deus concedeu-lhe que fosse governado por monarcas.

> Sob os patriarcas a autoridade judicial é exercida pelo cabeça da casa (Gn 21; 22; 27). As disputas entre famílias eram resolvidas pela força ou mediante acordo mútuo (Gn 21; 31). Embora juízes não fossem desconhecidos fora do povo escolhido (Gn 19.9; Êx 2.14), eles foram instituídos pela primeira vez em Israel por sugestão do sogro de Moisés, Jetro, para ajudar Moisés e agir no interesse de Deus ao resolver as disputas (Êx 18.13-27; Dt 1.9-18). O código deuteronômico fez provisão para a escolha de

> “juízes e oficiais” em cada cidade (16.18ss.). Os casos mais importantes deveriam ser julgados por um juiz com os sacerdotes como assessores (17.8-13). Durante a conquista de Canaã os juízes participaram nas assembleias solenes da nação (Js 8.33ss.; 24.1). Após a morte de Josué o destino de Israel dependeu dos juízes que Yahweh “suscitou para salvá-los da mão dos que os pilhavam” (Jz 2.16). Sua tarefa não era meramente julgar casos, mas manter a nação longe da idolatria e liderá-lo nas batalhas (v. 17ss.). Eles eram, às vezes, chamados de “salvadores” ou “libertadores” (3.9,15). O livro de Juízes registra suas façanhas desde Otniel (3.9) até Sansão (caps. 13–16). Entre eles estava a profetisa Débora (4.4s.). O último da linhagem foi o sacerdote e profeta Samuel (1 Sm 1–19; cp. At 13.20; 3.24), que “julgou... todos os dias de sua vida a Israel”, visitando anualmente os centros-chaves (1 Sm 7.15s.). Na sua velhice o povo pediu um rei para os “julgar” (*sãphat*) (1 Sm 8.5; cp. Dt 17.14-20).[4]

II – UMA MULHER COM DONS E VALORES

1. Débora, a Profetisa

Débora é uma mulher que se destaca na narrativa bíblica como uma profetisa e como juíza. Pela sua atuação corajosa nos seus dias, Israel viu a libertação contra um dos momentos de opressão pelo qual passou antes de haver um rei naquela nação.

> Débora, a juíza e profetisa (Jz 4). Dela se diz que era mulher de um certo Lapidote, um nome que, por causa de sua forma feminina, tem causado muita especulação. Ela é descrita como uma “mulher, profetisa” a única pessoa assim descrita em Juízes (4.4). Muitos séculos mais tarde, uma palmeira gigante que ficava entre Ramá e Betel era chamada de “a palmeira de

> Débora". No tempo da opressão das tribos desgarradas de Israel pelo rei Jabim de Hazor, Débora convocou Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e deu-lhe a ordem de Deus para reunir 10.000 homens das tribos de Naftali e Zebulom, e marchar com eles para o Monte Tabor.[5]

O ofício profético não se restringiu aos homens. Débora era uma mulher que recebia os oráculos de Deus e, por meio desses oráculos, representava o Senhor e era usada por Ele. Ana, filha de Fanuel (Lc 2.36), é descrita como profetisa quando Jesus foi apresentado no Templo. Ressaltemos que nem todos os profetas do Antigo Testamento ou do Novo tiveram necessariamente os seus nomes registrados, nem as suas profecias anotadas na Palavra de Deus. Entretanto, a ausência desses registros e nomes não invalida a atuação do Espírito de Deus na vida dessas pessoas.

2. Débora Julgava a Israel

Débora é descrita não apenas exercendo o ministério profético em Israel, como também julgando questões trazidas pelo povo (ver Jz 4.4,5).

Por meio desse registro, Deus valorizou e mostrou o quanto é importante haver na comunidade dos santos pessoas com conhecimento e sabedoria para exercer atividades como essa. E esse não era um hábito incomum. Moisés julgava as questões trazidas pelos israelitas no deserto. Pessoas costumam ter desavenças em uma coletividade, e, em muitos desses casos, é necessária a intervenção de uma pessoa com autoridade, sabedoria, conhecimento e temor de Deus para fazer com que haja ordem e que os desentendimentos não se tornem um fator que desestruture a paz social.

A necessidade de pessoas com discernimento é apontada no Novo Testamento em 1 Coríntios. Nessa igreja, irmãos levavam outros irmãos à justiça comum, situação que trouxe grande constrangimento ao apóstolo Paulo. Esses mesmos irmãos levavam outros irmãos à justiça a fim de

receberem alguma reparação. No primeiro século, como comenta Craig S. Keener:

> No mundo mediterrâneo em geral, as comunidades judaicas tinham os próprios tribunais nas sinagogas. Levar intrigas internas das comunidades cristã ou judaica aos magistrados seculares era um luxo com que essas comunidades não podiam arcar. Afinal, já sofriam bastante calúnia da sociedade (Keener, 2017, p. 560).

Ainda sobre a questão relacionada a julgamentos,

> Os membros das classes sociais mais altas recebiam melhor tratamento nos tribunais. Esse fato às vezes gerava queixas de injustiça, mesmo na Antiguidade; de fato, esse favoritismo acabou fazendo parte das próprias penas inscritas nos códigos legais. Além disso, os membros das classes inferiores raramente conseguiam uma audiência para rentar processar pessoas de status mais elevado. Entretanto, para Paulo, até os cristãos do mais baixo nível estavam capacitados a julgar casos. (Keener, 2017, pp. 560,561)

A verdade é que não estamos livres de desentendimentos entre irmãos mesmo na igreja. Mas da mesma forma como Deus trata nossas atitudes de maneira doméstica, é louvável quando problemas entre irmãos em Cristo podem ser resolvidos na comunhão dos santos sem partidarismo ou preferências pessoais.

A primeira carta de Paulo aos Coríntios mostra um problema tão grave para a Igreja de Cristo quanto os irmãos daquela comunidade que chegaram a mover ações judiciais contra outros irmãos: não haver na igreja pessoas que pudessem exercer juízo entre os seus irmãos. Isso deixou o apóstolo Paulo tão impressionado que ele chegou a perguntar: “Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?” (1 Co 6.3). A falta de pessoas com sabedoria e

discernimento pode custar caro para a igreja.

3. Débora Convoca Baraque

As Escrituras mostram a importância de Débora não apenas como uma profetisa, mas também como alguém que soube falar em nome de Deus a um homem chamado Baraque. A mensagem de Deus a esse homem está registrada em Juízes 4.6,7.

Essa foi uma mensagem bem direta e objetiva. Deus ouviu a oração do seu povo e, na sua soberania, escolheu Baraque para ir à guerra em nome do Senhor.

4. Baraque, um Obediente Relutante

Para entender o que se passava naqueles dias, precisamos ver o que o livro de Juízes diz a partir do versículo 1 do capítulo 4.

O capítulo 4 de Juízes mostra uma situação de calamidade social gerada por ações pecaminosas do povo de Deus. Aos olhos do Eterno, as atitudes do seu povo não refletiam um compromisso com Ele; por isso, eles foram assolados pelo rei de Canaã, Jabim, que tinha uma máquina de guerra de novecentos carros de ferro, uma frota imponente e opressora. E Deus, após ouvir a oração do seu povo, convoca Baraque para libertá-lo.

George M. Schwab comenta que

> Israel buscou a vontade de Yahweh, e Débora reagiu chamando Baraque. Em hebraico, melhor representado como Baraq, significa “relâmpago” [...] por meio da profetisa, Deus deu ordens a Baraque para avançar: reúna 10.000 soldados no monte Tabor. Deus prometeu que lhe entregaria Sísera com seus 900 carros de ferro no Rio Quisom. Esse provavelmente não parecia ser um bom plano de batalha. O monte Tabor se parece com uma tigela virada. Se os 900 carros de Sísera conseguissem cercar o

> monte com todas as forças de Baraque nele, não haveria escape, e Israel perderia 10.000 homens.
>
> Baraque não necessariamente questionou o plano, mas pediu uma garantia. Ele confiaria no *deber* de Deus apenas se a profetiza Débora o acompanhasse. Por causa dessa conduta covarde, Débora profetizou que a honra de destruir Sísera seria de uma mulher.[6]

É curioso Schwab considerar a conduta de Baraque como covarde, tendo em vista que, mesmo relutante, Baraque obedeceu e trouxe livramento a Israel. Covardes não obedecem a um chamado para ir a uma guerra. Se em nossos dias há cristãos que não acreditam que Deus pode falar com uma pessoa especificamente em profecia, o que se pode dizer naqueles dias tumultuados dos juízes? Se formos considerar "covarde" toda pessoa que Deus chamou para uma missão e que inicialmente apresentou uma resistência ou dúvida ao chamado de Deus ou à forma como Ele iria agir, teríamos de colocar na lista Abraão, Moisés e Gideão, pessoas que foram ícones na fé.

Baraque pode ter-se comportado com dúvidas, mas foi à batalha acompanhado de Débora, e, pela atitude desse homem, Deus trouxe livramento a Israel. Baraque foi relutante, mas não um covarde.

III – A VITÓRIA QUE DEUS TROUXE

1. Débora Encoraja Baraque

Apesar dessa insegurança, ele foi ajudado a atender ao chamado do Eterno para livrar Israel. E aqui cabe mencionar o papel de Débora nesse processo de encorajamento. De certa forma, ela pagou o preço da sua palavra profética e creu tanto na palavra que Deus deu a Baraque que foi com ele para a batalha. Ela estava disposta a ser usada pelo Senhor, trazendo palavras de Deus e ajudando pessoas a cumprir o que Ele falou pelo seu intermédio.

Há pessoas que têm sempre uma palavra de esperança ou de incentivo para trazer; quando, porém, são desafiadas a colaborar fazendo alguma coisa, voltam atrás. São hábeis comunicadores, mas não têm a disposição para agir de acordo com o que alegam ser algo da parte de Deus para outras pessoas. Débora não foi assim. Ela ouviu Deus falando, entregou a mensagem e foi ao teatro de operações com aquele que recebeu a mensagem de Deus. A presença dela no campo de combate trouxe segurança a Baraque, que se sentiu motivado a obedecer ao Senhor e a ver o que o Eterno faria. Mais do que falar, Débora mostrou-se ser uma mulher de ação.

2. Deus Dá Vitória a Israel

A batalha aconteceu. Baraque obedeceu ao mandado de Deus, e a vitória foi-lhe dada (ver Jz 4.15,16).

Flávio Josefo narra esse feito da seguinte forma:

> Baraque e o resto dos israelitas, espantados com a multidão dos inimigos, intentaram retirar-se e afastar-se quanto possível. Mas Débora os deteve e ordenou-lhes que combatessem naquele mesmo dia sem temer aquele grande exército, porque a vitória dependia de Deus, e deviam confiar no seu auxílio. Travou-se o combate. Nesse momento, viu-se cair uma forte chuva com granizo. O vento impelia-a com tanta violência contra o rosto dos cananeus que os arqueiros e fundibulários não se podiam servir nem dos arcos nem das fundas, e os que estavam armados mais pesadamente tampouco podiam usar suas espadas, tão enregelados estavam pelo frio. Os israelitas, ao contrário, tendo a tempestade pelas costas, não eram incomodados por ela e ainda sentiam redobrada coragem, vendo nela um sinal visível do auxílio divino.[7]

No fim, o Senhor trouxe a vitória ao seu povo como havia prometido.

Somente Ele poderia tornar intransitável o solo para os carros de ferro, transformando objetos que eram, em tese, uma vantagem competitiva em um embaraço ao avanço na guerra contra os hebreus. O Deus que criou a natureza utilizou-se dela para trazer livramento ao seu povo. O cântico de Débora diz: “O ribeiro de Quisom os arrastou, aquele antigo ribeiro, o ribeiro de Quisom. Pisaste, ó minha alma, a força. Então, as unhas dos cavalos se despedaçaram pelo galopar, o galopar dos seus valentes” (Jz 5.21,22).

O *Comentário Bíblico Africano* traz:

> Não obstante, Baraque deve ter ficado temeroso diante de um exército tão superior. Débora o instou a agir dando-lhe duas garantias. Em primeiro lugar, asseverou: O SENHOR entregou a Sísera nas tuas mãos e, em segundo lugar, afirmou que Deus participaria diretamente da batalha e, portanto, garantiria a vitória: Porventura, o SENHOR não saiu adiante de ti?[8]

Animados por essas palavras, Baraque e os seus homens saíram para atacar os cananeus. No fim das contas, a sua tarefa mostrou-se muito mais simples que o esperado, pois o Senhor havia causado grande confusão no meio dos exércitos de Sísera, detendo os carros e espalhando os soldados (4.15). A maneira como isso ocorreu é relatada no cântico de vitória de Débora. Nele, a juíza de Israel descreve os exércitos inimigos e diz: “O ribeiro Quisom os arrastou” (5.19-21; cf. 5.4).

O leito do ribeiro Quisom permanecia seco a maior parte do ano; porém, depois de chuvas fortes, transformava-se numa correnteza intensa, que, nesse caso, parece ter prendido o exército de Sísera. Os pesados carros de ferro provavelmente ficaram atolados, obrigando Sísera a fugir a pé. Baraque consolidou a vitória, lutando no território inimigo e perseguindo os soldados de Sísera até o seu quartel-general em Harosete-Hagoim (4.16; 4.2), onde todo o exército de Sísera caiu a fio de espada. Mas sua vitória só se completaria com a captura e morte de Sísera. (Tokunboh Adeyemo,

Comentário Africano, Mundo Cristão)

3. O Preço de Crer ou não no que Deus Disse

As pessoas nem sempre estão dispostas a crer imediatamente no que Deus disse. Baraque teve dificuldades para acreditar que o Senhor estaria com ele naquela empreitada e, por isso, pagou o preço de não ser o responsável direto por trazer uma vitória completa a Israel. A vitória veio de Deus e foi compartilhada por Baraque e Jael, a mulher que matou Sísera, o capitão de Jabim. O grande inimigo dos israelitas tombou numa tenda particular, e não no campo de batalha, aumentando, assim, a sua desonra.

É provável que Baraque estivesse olhando as circunstâncias que o cercavam, como, por exemplo, duas décadas de opressão dos cananeus ou o poder bélico que eles detinham. Ainda assim, ele atendeu a voz do Senhor, porém pediu garantias de que Deus seria com ele. Há formas adequadas de pedir a presença de Deus em certas empreitadas. No caso de Baraque, houve um condicionamento na obediência. Se a profetisa fosse com ele, então ele iria à guerra (Jz 4.8). Ambos foram à guerra, e Deus deu a vitória a eles.

Motivar pessoas não é um grande desafio tanto quanto estar ao lado delas para motivá-las com nossa presença. Até que ponto, então, estamos dispostos a ser usados por Deus ficando ao lado daqueles a quem estamos sendo canais da comunicação de Deus? Mais do que dizer às pessoas que Deus está com elas, sejamos também presentes tanto quanto Deus também o é. Mais do que uma questão de fé, é uma questão de prática.

CONCLUSÃO

Débora é um exemplo em diversos aspectos. Mais do que juíza e profetisa, ela soube estar presente em um momento crítico na história do povo de Deus.

Como líder, fez a diferença espiritual em um ambiente carente de iniciativas de retorno à fé no Deus vivo. Como profetisa, recebeu do Senhor a

orientação necessária para falar com Baraque e motivá-lo à batalha contra os opressores do povo de Deus. Como mulher temente a Deus, foi com Baraque à guerra. Ela sabia que a sua presença no campo de batalha era um incentivo a Baraque e aos 10 mil homens que o acompanhavam.

Numa cultura primordialmente masculina, Débora soube ser usada por Deus com sabedoria e teve o seu nome registrado na história, mostrando que o Senhor usa homens e mulheres para a sua glória.

"Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos! Porém os que o amam sejam como o sol quando sai na sua força. E sossegou a terra quarenta anos" (Jz 5.31 – Cântico de Débora, após a derrota dos inimigos do povo de Deus).

---

[2] MERRIL, História de Israel no Antigo Testamento. Rio de Janeiro, CPAD, 2001, p. 162.

[3] *Idem*.

[4] Enciclopédia da Bíblia, Volume 3, p. 773.

[5] Enciclopédia da Bíblia. Cultura Cristã. Volume 2, p. 65.

[6] SCHWAB, George M. Reto aos seus próprios olhos. Mundo Cristão, p. 76.

[7] JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. Rio de Janeiro, CPAD, pp. 259,260.

[8] ADEYEMO, Tokunboh. Comentário Bíblico Africano. Mundo Cristão, 2016.

CAPÍTULO 3

Os Filhos de Eli

Quando a Chamada de Deus não Faz Diferença

Portanto, diz o Senhor, Deus de Israel: Na verdade, tinha dito eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém, agora, diz o Senhor: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão envilecidos (1 Sm 2.30).

INTRODUÇÃO

Quando falamos sofre fé, é necessário falarmos também sobre pessoas escolhidas por Deus para que sirvam de intercessores, líderes que pastoreiem pessoas e que as auxiliem a crescer na fé. A esses escolhidos denominamos sacerdotes. Por ocasião da saída do Egito, o Senhor separou pessoas que ficariam diante dEle para auxiliar os hebreus na adoração correta, dentro dos padrões que Ele mesmo estabeleceu. Essas pessoas, dedicadas ao culto, à guarda e ao ensino da Lei eram os sacerdotes e os levitas.

No livro coletivo que antecede 1 Samuel, o de Juízes (Rute, no Cânon, vem antes de Samuel, mas narra a história de uma mulher moabita e viúva indo habitar em território hebreu), o destaque é dado a pessoas que julgavam o povo e libertava-o das mãos de opressores estrangeiros. Não se fala dos

sacerdotes, e duas menções são feitas a levitas (Jz 18.1-31 e 21.1-17 — um levita que sai para peregrinar onde achasse comodidade, e outro que teve a esposa violentada pelos danitas, ação que despertou a ira das demais tribos e quase extinguiu a tribo de Dã da Terra Prometida). Quando o livro de 1 Samuel começa, Deus dá destaque — negativo — a três homens da família sacerdotal: Eli, Hofni e Fineias, o pai e os seus dois filhos. Trataremos sobre os dois filhos de Eli neste capítulo.

I – A CHAMADA SACERDOTAL ESQUECIDA

1. A Família de Samuel

O autor dos livros de Samuel apresenta-nos a origem do profeta. Fruto de um voto feito ao Senhor por uma mulher casada, porém estéril, Samuel nasce em um lar dividido pela bigamia e pelas lutas constantes da possível segunda esposa do seu pai, cujo nome era Penina. Matthew Henry destaca:

> Alguns personagens notáveis das Escrituras caem das nuvens, assim por dizer; e sua primeira aparição ocorre quando já são adultos e estão envolvidos no ministério. Mas de outros temos informações do seu nascimento desde o ventre e, mesmo desde a concepção... algumas pessoas notáveis entraram no mundo com mais detalhes do que outras, e eram diferenciados mais cedo das pessoas comuns, como foi o caso de Samuel, por exemplo. Nesta questão, Deus age como um agente livre. Sansão é apresentado como filho da promessa (Jz 13). Mas Samuel é apresentado como filho da oração[9]

É preciso perceber que Samuel nasceu em um lar onde a bigamia existia, e isso é descrito como um conflito constante dentro de casa por dois motivos: uma casa onde um homem e uma mulher não são exclusivos um para o outro contradiz a orientação de Deus, de o homem deixar pai e mãe e unir-se à sua

mulher (Gn 2.24). O outro problema advindo desse arranjo familiar é que a comparação existente gera ainda mais conflitos. Penina e Ana, esposas de Elcana, destoavam não apenas em comportamento, mas também na questão da maternidade. Penina é apresentada como uma adversária que tinha filhos e irritava Ana, e esta é descrita como uma mulher estéril. Ainda que Elcana demonstrasse certa predileção por Ana, a esterilidade na sua vida falava mais alto. Penina era "abençoada", pois teve filhos e filhas com Elcana (1 Sm 1.4); já Ana não tinha filhos. A questão da infertilidade era vista como uma possível maldição de Deus sobre a pessoa, e, ao que nos parece, Elcana não enxergava com exatidão a importância de Ana ter filhos. Ao ver a sua esposa, Ana, chorando no ambiente de adoração, não levou em conta a contínua humilhação como era tratada por Penina (ver 1 Sm 1.8). A angústia de Ana é explicada por Matthew Henry:

> É possível que Elcana tivesse se casado primeiramente com Ana e, visto que não podia ter filhos com ela, casou-se com Penina, que lhe deu filhos, mas era, em outras coisas, um aborrecimento para ele. Dessa forma, os homens são surrados com frequência pelas suas próprias varas.[10]

Ele também observa a questão da convivência das duas mulheres na mesma casa:

> Penina era extremamente impertinente e provocadora. [1] Penina censurava Ana com veemência por causa de sua aflição, desprezando-a por causa de sua esterilidade, e falava de maneira insultuosa com ela, como alguém que não recebia qualquer favor dos céus. [2] Penina invejava o benefício que tinha do amor de Elcana. Quanto mais benevolente ele era com Ana, mais Penina a provocava, tornando-se desprezível e grosseira. [3] Penina aumentava seu ataque quando subiam à Casa do Senhor, talvez porque não estavam mais tempo juntos ou, porque, então a

afeição de Elcana se tornava mais evidente.

> Mas Penina agia de forma pecaminosa ao mostrar sua maldade em momentos como aquele, quando mãos puras deveriam ser elevadas ao altar de Deus, sem iras e queixas. Também foi muito insensível naquela época aborrecer Ana, não apenas porque estavam juntas e outros poderiam perceber essa importunação, mas esse era um tempo em que Ana buscava concentrar-se nas suas devoções e desejava estar calma e tranquila e livre de perturbação.
>
> O grande adversário de nossa pureza e paz é mais insistente em nos irritar em momentos em que buscamos estar mais serenos e tranquilos. Quando os filhos de Deus vêm para apresentar-se perante o Senhor, podemos estar certos de que Satanás também está entre eles.[11]

Como se percebe, o fruto de não se observar a orientação divina tem o seu preço. Deus, porém, havia atentado para a aflição da sua serva, Ana, e logo haveria de trazer do seu ventre um menino que seria profeta, juiz e sacerdote do Eterno.

2. A Família de Eli

Os livros de Samuel estão inseridos, como se entende, no período dos juízes, época em que ainda não havia rei em Israel. Trata-se de um período em que a Bíblia registra uma sequência de afastamentos do povo da presença de Deus e das permissões que Ele concedia aos inimigos do seu povo para oprimi-los. É nesse contexto que Hofni e Fineias surgem no relato sagrado. Vindos de uma família sacerdotal, os moços cresceram e foram educados, como se entende, dentro do ambiente do culto dedicado ao Senhor. Eles foram ensinados sobre os protocolos do culto. Sabiam como usar as vestimentas sacerdotais, a ordem dos cerimoniais, como oferecer os

sacrifícios, as datas festivas e como aplicariam a Lei de Deus. Todavia, mesmo esse conhecimento não fez daqueles sacerdotes pessoas tementes a Deus. A liturgia que eles exerciam não vinha do coração, mas do costume que tinham aprendido com o seu pai, Eli. Quando a Lei de Deus não está no coração da pessoa, é difícil convencê-la de que os seus atos terão a devida retribuição.

3. Sacerdotes do Senhor em Siló

Hofni e Fineias são mencionados como sacerdotes do Senhor em Siló (1 Sm 1.3). Essa localidade, Siló, tornou-se o centro de adoração naqueles dias, e os israelitas dirigiam-se àquela localidade para celebrar ao Senhor. Há estudiosos que creem que Siló pode ser considerada a primeira capital de Israel, dada à sua importância para as tribos que haviam saído do deserto. Quando entraram na Terra Prometida, os hebreus juntaram-se em Siló e ali montaram a Tenda da Congregação (Js 18.1). Em Siló, Ana orou ao Senhor pedindo um filho, sendo ouvida pelo Eterno. Foi também em Siló que os filhos de Eli davam mal testemunho do seu sacerdócio, roubando carne do sacrifício e deitando-se com mulheres. Por fim, foi em Siló que a Arca do Senhor foi capturada pelos filisteus, o que foi uma vergonha para a nação de Israel.

Deus mesmo confirma que estava naquele lugar. Foi em Siló que o Senhor disse a Jeremias: “[...] fiz habitar o meu nome” (Jr 7.12), e foi lá que Ele despertou Samuel para o chamado profético com o qual foi usado por décadas.

Os filhos de Eli receberam um ministério muito importante: o de serem sacerdotes de Deus. Acredita-se que preenchiam os requisitos para tão nobre desígnio, ao menos no que tange às obrigações relacionadas ao aspecto físico. Eles não apresentavam falhas físicas, vestiam-se como verdadeiros sacerdotes e eram considerados sacerdotes de Deus. O historiador Henry Daniel-Rops diz que

> A perfeição física era exigida do sacerdote. “Ninguém dos teus descendentes (de Arão) em que houver algum defeito se chegará...” disse o Senhor; e o infeliz Hircano perdeu o sumo sacerdócio no dia em que suas orelhas foram dilaceradas. Uma vez escolhidos, precisavam ser “separados”, consagrados numa cerimônia escrupulosamente organizada. Depois do banho ritual, vestiam-se com linho, sendo ungidos com óleo. A seguir, faziam três sacrifícios, um novilho e dois carneiros, colocando as mãos sobre os animais antes de oferecê-los. O sacerdote tomava uma porção do sangue do terceiro sacrifício, misturando com óleo, e ungia o postulante na orelha direita, polegar direito e pé direito. A seguir colocava sobre as mãos e coxas dele um pouco de gordura de carneiro, pão asmo e um bolo de farinha e óleo, que mais tarde eram queimados sobre o altar. Esses ritos vinham de tempos imemoriais, destinados evidentemente a transmitir poderes sobrenaturais ao novo sacerdote. Uma vez consagrado, este gozava de toda espécie de privilégios, entre eles o de viver no templo e comer os sacrifícios e os pães da proposição. Suas mulheres e descendentes obtinham o mesmo privilégio.[12]

Parece-nos razoável crer que os moços preencheram os requisitos externos da Lei para o sacerdócio. Acontece que o interior dos moços de Eli estava contaminado por uma criação leniente e por práticas pecaminosas no ambiente de culto.

4. Filhos de Belial

A Palavra de Deus diz-nos que aqueles moços eram filhos de Belial (1 Sm 2.12). A palavra Belial (*beliy´al*) traz a ideia de algo ou pessoa inútil, sem valor. Os filhos de Eli não eram pessoas úteis no ministério sacerdotal. O seu testemunho público era vergonhoso, e eles não representavam o Deus que os

havia escolhido. Essa expressão, filhos de Belial, é aplicada aos homens de Gibeá, que abusaram e violentaram a concubina de um levita que se dirigia à Casa do Senhor (Jz 19.22). Da mesma forma, é usada para referir-se aos sacerdotes em Siló. Eles eram sacerdotes por uma questão de sanguinidade — haviam nascido na família de sacerdotes —, mas eram imprestáveis para o ministério. Charles Swindoll diz que

> Hofni e Finéias eram sacerdotes como o pai; no entanto, agiam de maneira completamente oposta à vida de Eli e ao que ele ensinara. A Bíblia diz: "Os filhos de Eli eram ímpios; não se importavam com o Senhor nem cumpriam os deveres de sacerdotes para com o povo..." (1 Sm 2.12, 13). Eles não foram os únicos pregadores ou sacerdotes que atuaram no ministério sem conhecer o Senhor. A realidade continua até hoje.[13]

Uma comparação entre Samuel e os filhos de Eli pode ser destacada:

> Em contraste com a inutilidade dos filhos biológicos de Eli, lemos a história de Samuel, o filho adotivo. Samuel nasce de uma mulher chamada Ana. Ela era estéril e prometeu ao Senhor que, se lhe fosse concedido um filho, o entregaria tão logo fosse desmamado.... Temos três moços criados pelo mesmo homem, no mesmo ambiente, sob as mesmas regras, mas com uma enorme diferença. Samuel lembra-me uma linda rosa plantada no solo acima de uma fossa. Nesse ambiente depravado e repulsivo, Samuel conseguiu evitar a contaminação dos irmãos adotivos e cresceu amando ao Senhor.[14]

II – O DESPREZO PARA COM AS COISAS DE DEUS

1. Desrespeito com a Oferta do Senhor

Uma das ocasiões mais sagradas para o culto cristão é o momento em que

honramos a Deus com nossos dízimos e ofertas, cientes de que nosso ato de fé é importante para a manutenção da Casa de Deus, como também é uma forma de mostrar que não somos dominados pela ganância, pois tudo o que temos foi o Senhor quem nos deu.

O culto hebreu tinha o seu momento em que pessoas agradecidas traziam as suas ofertas para serem entregues ao Senhor, e parte dessa oferta — no caso, de carne — era reservada aos sacerdotes. Hofni e Fineias pegavam para si a "gordura", a parte que era destinada ao Senhor, para ser queimada, e faziam isso antes de ser apresentada ao Senhor. Quando um hebreu trazia uma oferta de animais, os sacerdotes tomavam a oferta antes de a mesma ser entregue ao Eterno. Deus não deixaria que aqueles que servissem ao altar ficassem desguarnecidos, nem as suas famílias e, por isso, propôs que parte da oferta em forma de carne fosse distribuída aos homens de Deus. Contudo, Hofni e Fineias tinham outros planos (ver 1 Sm 2.16).

O Senhor não precisava daquela carne para si, mas o ato de um hebreu trazer aquela oferta era uma expressão da sua fé, da obediência e do respeito para com as orientações de Deus. Os sacerdotes beneficiavam-se de parte daquela oferta, com a bênção e permissão divinas, mas a atitude dos filhos de Eli era abusiva tanto para com Deus quanto para com a pessoa que trazia aquela oferta.

> 13-17. Esta rara descrição da adoração em Canaã antes da monarquia revela alguma familiaridade com as regras levíticas. Os adoradores sabiam que a gordura do sacrifício devia ser queimada como oferta ao Senhor (v. 16; cf. Lv 17.6; Nm 18.17). Provavelmente, eles também sabiam que certas partes do animal eram designadas para os sacerdotes a fim de lhes servir de alimento (Lv 7.28-36; Dt 18.3). Insatisfeitos com o que devia ser uma provisão adequada, esses homens intimidavam os adoradores a permitir que apanhassem, ao acaso, bons pedaços de carne, tivessem ou não direito a isso. Os protestos eram

> inúteis, e a falta de cumprimento disso era enfrentada à força (cf. v. 9c). Em religiões étnicas, o ritual tem de ser executado exatamente de acordo com o costume, a fim de ser eficaz; na adoração do Deus vivo, que perdoa o pecado e é misericordioso, as pessoas tomavam certas liberdades e desprezavam a oferta do Senhor. Isso era indesculpável.[15]

2. Vida Violenta

Os filhos de Eli são descritos como homens violentos. Sem limites e acostumados a não ouvir ninguém, esses moços desrespeitavam a oferta do Senhor. Se isso fosse pouco, agiam com violência caso uma pessoa não quisesse entregar a eles aquilo quer era do Senhor (ver 1 Sm 2.17). Aqueles moços fizeram as suas regras pessoais no culto não para adorarem ao Senhor, mas para usufruírem das ofertas que eram trazidas pelas pessoas.

Um dos mais graves erros no que concerne à liturgia é forçar uma pessoa a agir de forma contrária aos ditames divinos, e isso de forma planejada. Obreiros podem ser tentados a usar da palavra para “forçar” pessoas a dar mais do que podem ou mais do que receberam, usando de dolo com mentiras ou teologias de troca, que “vinculam Deus” com a obrigatoriedade de abençoar pessoas sem a necessidade de elas terem comunhão com Deus ou lhe prestarem obediência.

3. Vida Imoral

Um dos pecados narrados por Samuel sobre os filhos de Eli era a imoralidade sexual que ocorria no entorno do espaço sagrado. A religião de Canaã adotava a prostituição como uma forma de envolvimento religioso no culto à fertilidade, mas os hebreus não deveriam afeiçoar-se a essas práticas, visto serem condenadas pelo Senhor, que espera que os seus filhos primem pela sexualidade sadia, tendo o casamento como parâmetro para as relações

sexuais entre um homem e uma mulher. Esses quesitos não são diferentes com a liderança do povo de Deus.

A liderança atrai pessoas de todos os tipos, cabendo aos ministros e obreiros de Deus vigiar acerca do convívio que terão com essas pessoas. Entretanto, esse não foi o caso de Hofni e Fineias. Esses homens cederam à tentação de aproveitarem-se das mulheres que vinham ao local de culto. Apesar de serem casados, desrespeitavam não apenas a sua aliança com Deus no ministério, como também os seus próprios lares, envergonhando o seu pai e o próprio Deus. O desprezo desses moços para com o Senhor era tão visível que eles tornaram o local do culto num ambiente de promiscuidade e difamação contra o nome do Eterno. Joyce Baldwin argumenta:

> Presume-se que as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação, também mencionadas em Êxodo 38.8, serviam de forma semelhante aos levitas, acerca dos quais o mesmo verbo, *sãbjã ’*, é empregado (e.g., Nm 4.23; 8.24). É a palavra também designada para o serviço militar, sugerindo recrutamento, e dá o nome “Senhor dos Exércitos” (*sebã’ôt_*; cf. o comentário sobre 1 Sm 1.3-8). A imoralidade era parte integral da adoração cananéia, mas estava em total desacordo com o culto de Israel ao Senhor; de fato, era um pecado contra o Senhor. Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro: esta última oração poderia ser traduzida assim: “os juízes poderão defendê-lo” (cf. ARC), pois a palavra *’elohim* tem esse sentido em determinados contextos (cf. Êx 21.6; 22.8-9) onde os juízes agem como representantes de Deus na administração da justiça (Êx 18.19-22). Em contraste, o pecado deliberado contra o Senhor enquadrava-se numa categoria totalmente diferente. Os filhos de Eli não poderiam alegar ignorância; sua soberba ditatorial clamava por uma queda (cf. vv. 2, 9, 10a).[16]

4. Deus não Deixa de Falar com Eli

Levando em conta que essas ocorrências foram registradas por Deus, Ele não deixou de advertir Eli, o sacerdote, que era pai dos obreiros que causavam vergonha. A Palavra de Deus diz que Eli era um homem velho quando advertiu os seus filhos. No entanto, os moços já tinham se acostumado com seus pecados.

• Eles faziam o povo de Israel pecar (1 Sm 2.24). A postura dos sacerdotes fazia com que o povo cresse que poderia agir da mesma forma. Se os homens de Deus, que ofereciam e administravam os sacrifícios, podiam fazer o que quisessem, o povo seguiria o seu exemplo de devassidão e desrespeito para com as coisas de Deus.

• Deus queria matá-los (1 Sm 2.25). Os moços já não ouviam o seu pai. A época da correção já passara. Se Hofni e Fineias não aprenderam a respeitar as coisas de Deus quando pequenos, como homens não respeitariam mais nada. A sua falta de temor e respeito geraram a sua pena de morte.

• Davam coices na oferta do Senhor (1 Sm 2.29). A oferta, que o povo cuidadosamente trazia ao Santuário em homenagem ao Eterno, era tratada como se não tivesse valor. Deus compara os filhos de Eli com animais que dão coices, que usam de violência quando incomodados.

• Eli havia engordado comendo oferta roubada do Senhor (1 Sm 2.29). Deus não diz que Eli roubou carne do sacrifício, mas deixa claro que ele foi conivente com os roubos dos filhos, pois comia a carne do sacrifício que eles haviam roubado. Quando uma pessoa participa de algo ilícito ou criminoso, beneficiando-se do roubo, é partícipe e também será julgado pelo que fez. Eli sabia dos roubos dos seus filhos, mas não agiu no sentido de repreendê-los. Talvez ele mesmo achasse que não havia problema naquela situação.

> Uma vez mais Eli carrega o peso do castigo, porque, na qualidade de chefe da casa, era responsável por verificar que a blasfêmia fosse contida. A história da insubordinação de seus filhos sem dúvida alguma remontava à juventude deles, quando teria sido possível discipliná-los. Diante dessa situação, a família toda será condenada, e nunca mais lhe será expiada a iniquidade nem com sacrifício nem com oferta de manjares. Fizeram-se provisões nos rituais para o sacrifício pelo pecado dos sacerdotes, mas tal sacrifício só cobria o pecado não intencional (Lv 4.2; cf. Lv 4.13, 22, 27). O pecado cometido com "abuso de poder", num desrespeito intencional diante da lei de Deus, tal como o que os filhos de Eli cometeram, não podia ser resolvido por sacrifício algum. O próprio Eli havia previsto um juízo calamitoso (1 Sm 2.25), e um profeta já havia anunciado a decadência de sua família (1 Sm 2.31); agora, o próprio Senhor anuncia o destino inescapável da casa de Eli.[17]

III – CONSEQUÊNCIA DE DESPREZAR-SE A DEUS

1. Perderam a Vida

Aqueles sacerdotes não respeitaram o seu chamado. Desprezaram a Deus, e, numa batalha dos israelitas contra os filisteus, a Arca do Senhor foi tomada, e eles, mortos (1 Sm 4.11). Deus havia dito a Eli que julgaria os seus dois filhos: "E isto te será por sinal, a saber, o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e a Fineias: que ambos morrerão no mesmo dia" (1 Sm 2.34).

É possível dizer que parte do comportamento visto nos filhos de Eli deve-se ao próprio Eli por ser um pai tolerante com os pecados dos próprios filhos (1 Sm 3.13). A leniência de Eli pode ser vista quando o Senhor diz a ele, por meio de Samuel, que Hofni e Fineias serão julgados (1 Sm 3.18). Como pai, Eli não se importou com o julgamento divino contra os seus filhos. Ele não

buscou ao Senhor por uma oportunidade de mudar a situação. Na mente de Eli, os seus filhos não tinham mais esperança.

2. Eu Honro os que me Honram

Uma das passagens bíblicas mais enfáticas no tocante à forma como somos tratados por Deus encontra-se em 1 Samuel 2.30. Envilecer significa tornar vão, inútil. Ao invés de Hofni e Fineias servirem ao Senhor e serem honrados por Ele, preferiram honrar a si mesmos e aos seus desejos. Deus havia-os honrado, dando-lhes a oportunidade de nascerem em uma família sacerdotal e ministrarem a todo povo, mas eles não colocaram Deus em primeiro lugar. Eles desonraram ao Senhor e pagaram o preço da sua atitude.

3. Deus Chama Samuel

Samuel tem o seu ministério profético iniciado ainda criança, e Deus diz a Samuel que vai julgar os filhos de Eli. Costumamos ensinar às crianças a história de Samuel, contando para elas somente a parte que Deus chama o menino e ele responde: “Fala, Senhor, porque teu servo ouve”. No entanto, não falamos às crianças o que Deus disse a Samuel: a Casa de Eli estava condenada, e Deus exerceria o juízo contra ela.

É curioso que, mesmo Samuel sendo um menino e sendo criado no ambiente em torno do santuário, ele não conhecia ao Senhor: “Porém Samuel ainda não conhecia ao Senhor, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do Senhor” (1 Sm 3.7). Ainda assim, Samuel obedeceu à voz de Deus pela orientação de Eli. Crianças precisam e podem conhecer a Deus e, assim fazendo, poderão ser muito usados no ministério pessoal e coletivo desde a tenra idade como o foi Samuel.

CONCLUSÃO

Desses tristes exemplos de vida, aprendemos três lições:

• A Palavra de Deus mostra-nos que não basta ser escolhido pelo Senhor para um determinado ministério. É preciso levar a sério essa chamada, sob pena de desperdiçarmos os dons que Deus depositou em nós para que fôssemos úteis na sua obra. A vocação não correspondida é inútil.

• Deus não mudou o seu plano de usar pessoas limitadas na sua obra. Entretanto, é preciso termos temor de Deus em nossas limitações para não envergonharmos o Senhor.

• Deus jamais deixará a sua obra sem uma liderança fiel. Ele é o maior interessado em que a sua obra seja feita e que os que nela trabalham sejam igualmente abençoados.

Que possamos, com base neste capítulo, ser pessoas mais gratas a Deus pelas oportunidades que recebemos e jamais desprezar a graça de servi-lo.

---

[9] HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico, volume 2**. Rio de Janeiro: CPAD, vol 2, p. 213.

[10] Idem, p. 214.

[11] Idem, p. 215.

[12] DANIEL-ROPS, Henry. A Vida Diária nos Tempos de Jesus. Vida Nova, pp. 426, 427.

[13] SWINDOLL, Charles. Casamento: da Sobrevivência ao Sucesso. 2007, p. 124.

[14] SWINDOLL, Charles. Casamento: da Sobrevivência ao Sucesso. 2007, p. 125.

[15] BALDWIN, Joyce G. **Comentário 1º e 2º Sm**. Vida Nova, p. 67.

[16] BALDWIN, Joyce G. Comentário 1º e 2º Sm. Vida Nova, pp. 67, 68.

[17] BALDWIN, Joyce G. Vida Nova, Comentário 1º e 2º Sm, p. 71.

CAPÍTULO 4

Saul

Ser Escolhido Somente não Faz a Diferença

Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; porquanto
deixou de me seguir e não executou as minhas palavras.
Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor.
(1 Sm 15.11)

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, trataremos do primeiro rei de Israel, Saul. Escolhido por Deus e ungido pelo profeta Samuel, Saul teria um futuro brilhante se não resolvesse desobedecer ao Senhor e fazer pouco caso das orientações do Eterno.

Saul foi o homem escolhido pelo próprio Deus para inaugurar a monarquia em Israel. Todavia, essa escolha, como qualquer outra, não se torna plena se o escolhido por Deus não faz o que é possível para obedecer à sua vocação.

Além da desobediência, ele optou por obedecer ao Senhor parcialmente e viu-se envolvido pelo ciúme e pela inveja. Saul perseguiu Davi, foi atormentado, consultou uma feiticeira e terminou os seus dias de forma triste, dando cabo da sua própria vida.

Como veremos, o imenso projeto de Deus não possui predileção por pessoas que desprezam a obediência e que fazem pouco caso daquilo que o

Senhor diz. Infelizmente, não são poucas as pessoas que preferem sair do caminho de Deus para seguirem outras trilhas, pagando um preço alto por isso.

I - UM INÍCIO SOBRENATURAL

A história do início da monarquia em Israel dá-se no livro de 1 Samuel. O livro dos Juízes registra que, após a morte de Josué, não havia uma liderança nacional reconhecida. Os juízes revezaram-se em diversas frentes, mas não como um governo administrativo e organizado.

A falta de uma liderança mais centralizada provavelmente despertou nos israelitas o desejo de serem governados por um rei. As outras nações tinham reis que provavelmente organizaram administrativamente os seus Estados. Além disso, os filhos de Samuel, que poderiam dar prosseguimento ao ministério do seu pai, não eram pessoas confiáveis para liderar o povo. Diferentemente do pai, eles eram pessoas que se deixaram corromper, e isso foi um dos motivos que levou os anciãos a pedir a Samuel um rei. W. T. Purkiser diz que

> “Tendo Samuel envelhecido (1) - em nenhum lugar se define a sua idade, mas em 12.2 ele fala de si mesmo com os termos “envelheci e encaneci”. Constituiu a seus filhos por juízes - os seus nomes são expressos em 1 Crônicas 6.28 como Vasni e Abias. No entanto, o Texto Massorético não os menciona, e o nome Joel pode ter sido obtido a partir de 1 Crônicas 6.33, como também o do versículo 2. A passagem sugere que Samuel associou os seus filhos consigo mesmo devido à sua própria idade avançada. Os seus próprios nomes expressam a devoção que havia no coração de Samuel: Joel significa “O Senhor é Deus”, e Abias quer dizer “O Senhor é Pai”. Infelizmente, eles não corresponderam à esperança que seus nomes expressavam

(3-5).

> Uma irônica semelhança entre os últimos anos de Samuel e os de Eli está descrita no verso 3. Nos dois casos, os dois filhos em quem se confiava provaram ser desleais. No entanto, existe uma diferença, a de que o autor, inspirado, não sugere a culpa de Samuel em nenhum momento."[18]

As nações no entorno de Israel tinham os seus próprios governantes, e Israel queria o mesmo. Mas o povo não poderia passar por cima das orientações de Deus acerca da escolha do rei. Eles teriam, sim, um monarca, mas a prerrogativa da escolha era divina, não humana. E Deus escolheu Saul.

Antes de dar prosseguimento a este tema, é preciso ver o que realmente a Palavra de Deus traz como indícios de que a vocação de Saul veio realmente da parte de Deus. É adequado que, para uma análise correta do texto bíblico, vejamos o que ela tem a dizer neste assunto.

2. Escolhido por Deus

Dizer que Saul não foi escolhido por Deus é uma declaração que precisa ser avaliada à luz das Sagradas Escrituras. De acordo com 1 Samuel, o povo pede um rei (8.5), cumprindo-se o que o Senhor havia predito em Deuteronômio 17, e Ele concede a realização desse pedido (8.22). A prerrogativa da escolha era de Deus. A orientação dada por Ele foi:

> Quando entrares na terra que te dá o Senhor, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Porei sobre mim um rei, assim como têm todas as nações que estão em redor de mim, porás, certamente, sobre ti como rei aquele que escolher o Senhor, teu Deus; dentre teus irmãos porás rei sobre ti; não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos. Porém não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o

> povo ao Egito, para multiplicar cavalos; pois o Senhor vos tem dito: Nunca mais voltareis por este caminho. Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem prata nem ouro multiplicará muito para si. (Dt 17.14-17)

O Eterno encarregou-se de revelar a Samuel quem seria o primeiro monarca dos hebreus:

> O Senhor o revelara aos ouvidos de Samuel, um dia antes que Saul viesse, dizendo: Amanhã, a estas horas, te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por capitão sobre o meu povo de Israel, e ele livrará o meu povo da mão dos filisteus; porque tenho olhado para o meu povo, porque o clamor chegou a mim (1 Sm 9.15,16).

Esses textos deixam claro que o Senhor conduziu as circunstâncias que levaram Samuel a entender que Ele havia escolhido Saul como rei de Israel. O texto ainda diz que Saul seria ungido para trazer livramento ao povo de Israel contra os filisteus. Tais declarações e a forma como tudo aconteceu mostram que Saul foi escolhido por Deus. Na perspectiva de Eugene Merrill:

> Conforme muitos estudiosos já observaram, a escolha de Saul foi mais baseada em dons carismáticos, bem mais ao estilo dos juízes, do que na linhagem dinástica normal, caracterizada pela entronização e sucessão. Ele não pertencia a qualquer linhagem especial — veio de uma pequena tribo, a tribo de Benjamim, e era filho de Quis, que embora sendo homem de aparência, certamente não possuía nem podia reivindicar qualquer grau de nobreza.[19]

Duas questões precisam ser observadas com cautela no tocante ao que Merrill disse. A primeira é em relação aos dons carismáticos pelos quais Saul foi apontado para ser rei. Estamos falando de uma época em que a profecia e

a revelação de Deus aos seus profetas era reconhecida e aceita.

Dons carismáticos são apresentados nas Escrituras como uma forma de Deus falar com as pessoas e edificar a sua obra. Foi por meio de uma palavra da parte de Deus que Débora falou com Baraque e convocou-o para a guerra, e a Escritura não coloca em xeque que quem escolheu Saul para ser rei e revelou-o ao profeta Samuel foi o próprio Deus. Os testes para a profecia ser entendida como vinda de Deus eram simples:

> Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, porquanto o Senhor, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o Senhor, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma. Após o Senhor, vosso Deus, andareis, e a ele temereis, e os seus mandamentos guardareis, e a sua voz ouvireis, e a ele servireis, e a ele vos achegareis. E aquele profeta ou sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebeldia contra o Senhor, vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito e vos resgatou da casa da servidão (Dt 13.1-5)

> E se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o Senhor não falou? Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele. (Dt 18.21,22)

Se o profeta levasse o povo a afastar-se do Senhor, ou se profetizasse e não fosse cumprido o que havia falado, era, então, tido por falso profeta. O chamado carismático de Saul estava de acordo com a vontade de Deus, como veremos.

A segunda questão, desta vez sobre a ordem dinástica, é o fato de que, para que haja uma dinastia, é necessário que haja uma sequência de reis vindos de um mesmo tronco familiar. Como Israel não tinha anteriormente esse tipo de liderança governamental, Saul foi o primeiro. Sempre é preciso ter um rei iniciando o processo que gerará uma dinastia. No caso de Saul, a dinastia não ocorreu porque Saul foi posteriormente rejeitado por Deus.

É possível que Merrill esteja fazendo uma análise da perspectiva das nações em torno de Israel que poderiam ter dinastias. Entretanto, Saul foi o primeiro dos reis hebreus e, se tivesse permanecido obedecendo às orientações do Senhor, seria também o primeiro rei de uma dinastia.

O certo é que Samuel, na escolha de Saul por Deus, atuou obedecendo orientações divinas, e rejeitar tal fato no processo de interpretação do texto é o mesmo que desprezar a própria orientação do Senhor a Samuel.

3. Sinais da sua Vocação

Para entendermos a importância do chamado de Saul, é preciso ver o que Samuel fala acerca da sua escolha. Entendemos que o Senhor não apenas falou com o profeta, certificando ao homem de Deus que aquela era a orientação divina. O próprio escolhido, Saul, precisava entender que fora chamado por Deus, e o Eterno deu-lhe claras mostras de que Ele estava conduzindo o início da monarquia em Israel por meio de Saul. Para Samuel,

> “[...] o Senhor o revelara aos ouvidos de Samuel, um dia antes que Saul viesse, dizendo: Amanhã, a estas horas, te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por capitão sobre o meu povo de Israel, e ele livrará o meu povo da mão dos filisteus; porque tenho olhado para o meu povo, porque o clamor chegou a mim. (1 Sm 9.15,16)

Na sequência, após ser relatado que o Senhor havia falado com Samuel no dia anterior, ocorre o cumprimento do que Ele havia dito:

> E, quando Samuel viu a Saul, o Senhor lhe disse: Eis aqui o homem de quem já te tenho dito. Este dominará sobre o meu povo. E Saul se chegou a Samuel no meio da porta e disse: Mostra-me, peço-te, onde está aqui a casa do vidente. E Samuel respondeu a Saul e disse: Eu sou o vidente; sobe diante de mim ao alto; e comei hoje comigo; e pela manhã te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei. (1 Sm 9.17-19)

Saul, em seguida, recebeu um lugar de honra numa refeição em que Samuel havia convidado 30 homens (1 Sm 9.22, 23).

> Porém Samuel tomou a Saul e ao seu moço e os levou à câmara; e deu-lhes lugar acima de todos os convidados, que eram uns trinta homens. Então, disse Samuel ao cozinheiro: Dá cá a porção que te dei, de que te disse: Põe-na à parte contigo.

Após isso, Samuel diz que Saul foi escolhido por Deus (1 Sm 10.1) e acrescenta que as jumentas de Quis, pai de Saul, foram achadas (1 Sm 10.2). O motivo da empreitada de Saul chegara ao fim, mas a de Deus ainda não.

Saul, após ser ungido, encontraria um grupo de profetas, juntar-se-ia a eles e profetizaria logo em seguida, tornando-se, assim, um novo homem (ver 1 Sm 10.5-7).

A orientação divina era que, após esses sinais serem cumpridos, Saul saberia que o Senhor era com ele (1 Sm 10.7). Esses sinais seriam cumpridos no mesmo dia (1 Sm 10.9). Ou foram obra do acaso e de uma manipulação dos “dons carismáticos” de Samuel, ou foi o próprio Deus que conduziu cada detalhe para assegurar a Saul que a vontade do Eterno é que o benjamita fosse rei. A verdade é que o Senhor não apenas escolheu Saul, como também mostrou por sinais que Ele estaria com o primeiro rei de Israel. Saul, com tantos sinais, ainda assim teve dificuldades de ser visto imediatamente como um escolhido do Senhor. Não havia escolas para reis. Não houve sequer um rei de Israel antes de Saul. Ele precisou confiar e depender de Deus.

Infelizmente, essa confiança e dependência duraram pouco no seu reinado.

II – ERRANDO NO MEIO DO CAMINHO

1. Uma Chamada Promissora?

Após ser ungido rei de Israel, Saul iniciou o seu reinado com uma campanha militar. Um homem chamado Naás, amonita, sitiou Jabes-Gileade e propôs que faria aliança com os homens daquela localidade caso eles arrancassem, cada um, o seu olho direito. Assim, a afronta cairia sobre Israel, uma forma de dizer que as localidades em Israel não estavam seguras e que qualquer um poderia tomá-las, pois não havia rei em Israel. A mutilação daqueles homens seria uma grande vergonha para a nação. Para que tal não acontecesse, a notícia dessa afronta chegou até Saul (1 Sm 11.6,7).

A didática de Saul foi bem simples. Enviar pedaços de carne às tribos de Israel com aquela mensagem foi convincente. A resposta do povo foi à altura da afronta lançada. Saul reuniu mais de 300 mil homens, que atacaram os sitiantes amonitas e livraram Jabes-Gileade. O gosto da vitória foi tão grande que “todo o povo partiu para Gilgal, e levantaram ali rei a Saul perante o Senhor, em Gilgal, e ofereceram ali ofertas pacíficas perante o Senhor; e Saul se alegrou muito ali com todos os homens de Israel” (1 Sm 11.15).

A vitória na campanha contra os filhos de Amom indicava que a monarquia em Israel havia começado bem. O Senhor abençoou com uma vitória a primeira guerra travada por Saul, e a sua liderança começou a ser reconhecida pelos hebreus. Como menciona Katie McKoy,

> Saul, ainda humilde, deu a Deus a glória pela vitória de Israel sobre os amonitas (vv 12, 13). Gilgal, como local onde os filhos de Israel puseram pela primeira vez os pés na Terra Prometida e erigiram um monumento a Deus pela libertação deles da escravidão do Egito (Js 4.19, 20), era um lugar apropriado para a

celebração da vitória deles.[20]

Mas eis que Saul, posteriormente, deixou-se levar pelo seu próprio entendimento. Em todo momento de guerra, soldados precisam estar alimentados para que possam manter-se em combate e dificultar as coisas para o inimigo. Numa situação de guerra seguinte, Saul conjurou uma maldição a qualquer soldado do seu exército que se alimentasse naquele dia e condenou à morte o próprio filho, Jônatas, que não sabia da ordem do rei. Por misericórdia de Deus, Jônatas foi poupado pelo povo.

> Saul era dotado de uma séria falha de personalidade. Ele se inclinava a decisões precipitadas, quando sob pressão. Isso evidenciou-se no episódio em que Jônatas, seu filho, comeu um pouco de mel encontrado no campo, sem saber que seu pai impusera uma maldição a quem comesse algo durante a batalha. Isso provocou uma crise de autoridade e, quando o exército tomou o lado de Jônatas, para que ele não fosse vítima de uma palavra precipitada do rei, a crise de autoridade tornou-se uma crise de confiança, e Saul foi o perdedor.[21]

2. Uma Desobediência Completa

Passado um ano do seu reinado, Saul entrou numa nova empreitada: lutar contra os filisteus. Os antigos inimigos de Israel armaram um combate contra os hebreus, e Saul deveria aguardar o retorno de Samuel para que o sacerdote oferecesse holocaustos ao Senhor e fossem ao combate. Entretanto, a impaciência de Saul foi mais forte que o seu senso de respeito pelo que Deus orientara. Ele mesmo ofereceu sacrifícios (1 Sm 13.9,10). O problema maior não era os filisteus no campo de batalha, e sim a precipitação do rei de Israel (1 Sm 13.13,14).

3. Uma Obediência Parcial

Em outra ocasião, o Senhor havia dito a Saul, por intermédio de Samuel, que o rei aniquilasse os amalequitas. Aquele povo seria julgado por Deus por causa dos seus maus procedimentos contra os filhos de Israel, e Saul recebeu a ordem para destruí-los. Mas o que o rei de Israel fez? Poupou o rei e separou o gado para oferecerem um "sacrifício" ao Senhor. Acontece que Deus não tinha pedido nada daquilo. A resposta do Eterno para Samuel foi: "Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras" (1 Sm 15.11). Saul até tentou apresentar desculpas para a sua atitude, só que o peso do seu julgamento é visto nas palavras de Samuel em 1 Samuel 15.22,23.

4. O Cântico das Mulheres

Outro cenário triste na vida de Saul e que mostra o quanto ele era suscetível à mudança de humor foi quando, após a morte de Golias por Davi, chegando este da batalha, mulheres receberam-no juntamente com os combatentes do rei com danças e um cântico bem distintivo: "Saul matou milhares, mas Davi matou dez milhares!". Ao que parece, Saul não se sentiu incomodado com a vitória de Davi sobre Golias. O que Saul não gostou foi do canto das mulheres após a vitória de Davi sobre gigante, pois a música que cantavam atribuiu um valor maior para a vitória do adolescente e, consequentemente, uma vitória menor para o rei (1 Sm 18.6-9).

Imagina a cena: Você chega do combate, e vêm mulheres cantando e dançando ao seu encontro com uma forma de celebração patriótica comum naqueles dias. É provável que o tipo de música que elas cantavam obrigasse-as a ficarem divididas em dois grupos, onde um grupo cantava que Saul havia matado milhares, e o outro respondia que Davi havia matado dez vezes mais.

Esse tipo de manifestação deixou o rei de Israel bastante irritado. Pouco antes da batalha contra Golias, o Senhor já havia dito a Saul duas vezes que ele havia sido rejeitado por ter desobedecido a Deus (1 Sm 13.13,14 e 15.23). A mente irritada do rei fez as devidas contas: "O que falta para esse moço,

senão o reino?”. O que Saul não percebeu é que o mesmo Deus que o escolhera já havia escolhido também o seu sucessor.

III – UM FIM DESASTROSO PARA O PRIMEIRO REI DE ISRAEL

1. O Preço de não se Ouvir e Obedecer a Deus

Deus claramente nos concede o poder da escolha, mas igualmente as consequências da responsabilidade. Ele não nos fez pessoas sem entendimento ou volição. Ter a capacidade de escolher obedecer ao Senhor ou não em nada fere a soberania de Deus, pois Ele permanece soberano. Quem perde a oportunidade de ser usado por Deus é quem rejeita o projeto divino para a sua vida. O destino de Saul estava decretado. A chance que ele tivera no governo foi mal aproveitada, e ele seria substituído.

2. Buscando Respostas no Mal

Saul, diante da batalha contra os filisteus, que seria a sua última, resolve procurar uma feiticeira para que lhe servisse de mediadora com o sobrenatural. Ele havia consultado ao Senhor, mas não obteve respostas por nenhuma das formas costumeiras (1 Sm 28.6). O preço a ser pago pela desobediência na liderança do povo de Deus foi o silêncio do próprio Senhor para com o rei. É intrigante saber que o silêncio de Deus não fez Saul busca-lo e obedecê-lo. Lamentavelmente, não são poucos os que buscam respostas de Deus sem querer buscar na mesma medida a sujeição aos desígnios dEle.

3. O Perigo da Feitiçaria

Não se pode ignorar que a feitiçaria não é uma prática nova. As sociedades antigas tinham os seus feiticeiros, e eles utilizavam-se dela para obter os seus

desejos ou prejudicar pessoas tidas por desafetas. William Barclay comenta sobre a feitiçaria no primeiro século da era cristã:

> Feitiçaria(s); Mar.: magia. A palavra *farmakeia* seguiu um processo de degeneração no significado. *Farmakon* é uma droga, e *farmakeia* é o uso de drogas. Há três etapas no significado da palavra. i. *Farmakeia* é usada como uma palavra médica sem o menor mau sentido. Platão fala dos diferentes tipos de tratamento médico; a cauterização, a incisão, o uso de drogas, a privação dos alimentos (Platão: Protágoras 354 A). Dá sua própria opinião de que as doenças não perigosas nunca devem ser complicadas ainda mais pelo uso de drogas (Platão: Timeu 89 B).
>
> A esta altura, *farmakeia* é simplesmente uma palavra médica para uso medicinal das drogas. ii. A palavra passa, então, a denotar o abuso das drogas, ou seja: o uso de drogas para envenenar e não para curar. Assim, lemos acerca da lei a respeito do envenenamento (Platão: Leis 933 B), e Demóstenes acusa um homem mau de envenenamento e de todos os tipos de vilezas (Demóstenes 40.57). Este é o começo do mau sentido da palavra. iii. Por fim, a palavra assume o significado de feitiçaria e bruxaria. É usada, por exemplo, repetidas vezes para os feiticeiros e mágicos egípcios que competiam com Moisés quando Faraó não queria deixar Israel ir (Êx 7.11, 22; 8.18; Sab. 7.12; 18.13); a magia, bruxaria e feitiçaria são pecados por causa dos quais Isaías prediz a destruição da Babilônia pela ira de Deus (Is 47.9, 12).
>
> A palavra completou um círculo inteiro. A partir do significado de uma droga que cura, veio a significar um envolvimento vicioso e maligno na bruxaria e feitiçaria. O cristianismo desenvolveu-se numa era em que o uso da feitiçaria e das artes

> mágicas era generalizado, e frequentemente com intenções criminosas. Sabemos pouca coisa, ou nada, no tocante à feitiçaria, bruxaria e magia nos primeiros séculos da literatura grega. Plínio tem uma história que diz que a magia foi introduzida na Grécia por certo persa chamado Óstanes nos tempos das guerras persas (Plínio: História Natural 30.1). A primeira referência à feitiçaria criminosa acha-se nos discursos de Demóstenes. No discurso contra Aristogeiton refere-se a Teoris de Lemnos, "a feiticeira imunda", que foi devidamente executada por causa dos seus maus caminhos. Em Roma, já nos dias das Doze Tábuas, achamos um regulamento que proíbe a danificação das colheitas alheias mediante a feitiçaria (Sêneca: Questões Naturais 14.7). Mas foi perto do fim do Império que a magia se generalizou em Roma.
>
> J. R. Mozley escreve: "É impossível negar que neste período, tentativas eram feitas no sentido de lesar inimigos e obter vantagens particulares por meios sobrenaturais, de tal maneira que a magia era exibida como prática realmente malévola, senão também maléfica" (Artigo sobre Superstitio, em W. Smith: Dictionary of Greek and Roman Antiquities). Não são poucas as inscrições em túmulos para homenagear as pessoas cuja morte, segundo se declarava, tinha sido provocada pela magia.
>
> Uma delas diz: "Eunia Fructuosa jaz aqui. Morreu de modo imerecido. Paralisada por sortilégios, ficou deitada por longo tempo, de modo que seu espírito foi torturado violentamente até sair dela, antes de ser devolvido à Natureza. Os Fantasmas ou os deuses celestiais serão os vingadores deste crime" (C.I.L. 2756).[22]

Como se fosse pouco, Saul chegou a usar o nome de Deus para garantir

que não iria punir a feiticeira que o atendeu:

> Eis que tu saber o que Saul tem feito, como tem destruído da terra os adivinhos e os encantadores; por que. Pois, me armas um laço à vida para me fazer matar? Então Saul lhe jurou pelo nome do Senhor, dizendo: Vive o Senhor, que nenhum mal te sobrevirá por isso (1 Sm 28.9,10).

4. O Fim de um Reinado

Saul termina a sua história dando fim à própria vida. Após deixar de ouvir as orientações de Deus, ele viu-se sozinho e cercado por inimigos. Perdeu três dos seus filhos na batalha e tirou a própria vida, dando fim à sua história de forma triste. Termina, assim, a história do primeiro rei de Israel, um homem escolhido pelo Senhor, mas que se perdeu no caminho por causa da desobediência.

CONCLUSÃO

Ser escolhido por Deus para uma obra ou ministério não nos isenta de andar conforme os padrões de Deus. Saul obteve do Senhor uma chamada, e sinais seguiram-se de que Deus havia-o escolhido. Entretanto, o que o fez perder o reino aos olhos do Eterno foi não andar de acordo com as orientações do Senhor. Não basta ter uma chamada de Deus. É preciso ser obediente a Ele em todo o tempo, pois isso certamente garantirá a presença e a orientação dEle conosco.

A história de Saul poderia ter tido um final diferente. Ele poderia ser lembrado como um rei obediente a Deus e temente aos seus desígnios. A honra que ele recebeu para realizar a transição entre o período dos juízes e a monarquia foi obscurecida pela sua desobediência, pela precipitação, por inveja e por buscar o mal.

Que possamos entender que ser vocacionado pelo Senhor tem o seu preço e

que a obediência imediata às ordens de Deus e a comunhão com Ele garantem que sejamos bem-sucedidos em todos os nossos empreendimentos.

---

[18] GRIDER, J. Kenneth. GRAY, C. Paul. PRICE, Ross. SWIN, Roy. Comentário Bíblico Beacon, Vol 2, Rio de Janeiro: CPAD, pp. 192,193.

[19] MERRILL, Eugene H. História de Israel no Antigo testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 203.

[20] MCKOY, Katie. Bíblia da Mulher. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 472.

[21] CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia, volume 6. São Paulo: Candeia, 1995, p. 143.

[22] BARCLAY, William. As Obras da Carne e o Fruto do Espírito. São Paulo: Vida Nova, pp. 35,36.

CAPÍTULO 5

Abigail

Quando a Sabedoria Faz Diferença para a Vida

> Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão, porque certamente fará o Senhor casa firme a meu senhor, porque meu senhor guerreia as guerras do Senhor, e não se tem achado mal em ti por todos os teus dias. (1 Sm 25.28)

INTRODUÇÃO

Uma das lições que nos traz as Sagradas Escrituras é a forma como a sabedoria — ou a falta dela — são perceptíveis na vida de homens e mulheres.

A sabedoria tem tanta importância aos olhos de Deus que o Eterno não se nega a dá-la aos que o amam, temem e, acima de tudo, pedem a Ele. Todavia, nenhuma bênção recebida dEle é, por si só, para servir somente a nós mesmos. Se recebemos sabedoria da parte de Deus, é para que esta seja usada para a sua glória, para resolver conflitos e para ter uma existência que faça a diferença neste mundo decaído.

Neste capítulo, trataremos da história de Abigail, uma mulher que usou um dos atributos mais preciosos — a sabedoria — e preservou a sua casa diante de uma ofensa que resultaria em mortes. Trata-se de um caso bíblico de uso da sabedoria para a resolução de um grave conflito.

I – MOMENTOS DIFÍCEIS EM ISRAEL

1. Samuel Morre

A história de Abigail está inserida em um contexto que se aproxima do fim do livro de 1 Samuel. Nessa história, são mencionados Davi, Samuel e Nabal.

O profeta, que também era juiz e sacerdote, encerrou os seus dias tendo um histórico impecável de integridade como líder. Tal argumento pode ser visto quando, após a primeira batalha que Saul enfrentou, tendo sido vitorioso, Samuel reúne o povo e manifesta não apenas o desejo de prestar contas, como também a garantia de que ele havia sido um obreiro fiel no seu ministério aos olhos do povo (ver 1 Sm 12.3,4).

Tal testemunho era adequado e mostrou-se necessário, pois, pouco tempo antes, o poder do mau testemunho foi visto quando os anciãos de Israel procuravam o profeta para dizer que os filhos dele não andavam no mesmo caninho do pai (1 Sm 8.1-5).

O profeta não tinha quem o acusasse de ser desonesto, apesar de os seus filhos não seguirem os seus passos. Antes de ir para a eternidade, ele comprovou que o seu nome gozava de integridade; e, tendo partido Samuel para estar com o Senhor, o povo reuniu-se para sepultar o profeta.

2. Davi, um Fugitivo

O segundo personagem dessa história é Davi. Não há o registro de que ele tenha comparecido ao sepultamento de Samuel, pois se direcionou ao deserto de Parã. Ele era fugitivo, perseguido por Saul, o rei a quem poupara a vida. Davi teve em mãos a oportunidade de acabar com a perseguição que sofria e, ao mesmo tempo, receber o trono de Israel, pois ele havia sido ungido por Samuel para essa função. Se matasse Saul, certamente os seus problemas como o rei rejeitado por Deus acabariam. Ele, porém, sabia que era o Senhor quem julgaria o seu opressor. Davi era um fugitivo, passou tempo separado dos seus familiares, ficou cercado de pessoas desgostosas com a sociedade e

foi ameaçado dia e noite pela espada de Saul. Ainda assim, não perdeu o temor a Deus. Ele sabia que somente o Senhor, no seu devido tempo, pagaria a Saul pelas suas maldades. O cenário pode ser pintado desta forma: um homem de Deus, Samuel, morre; um rei rejeitado ainda está no poder, Saul; e o novo rei escolhido por Deus está sendo caçado. É nesse contexto que Abigail é apresentada nas Escrituras.

3. Nabal, um Homem Rico, porém Tolo

Se as coisas iam aparentemente mal para Davi no aspecto político, para um homem chamado Nabal, elas aparentemente iam bem no aspecto financeiro. A Palavra de Deus, antes mesmo de falar de Abigail, fala do seu esposo. Nabal vivia em Maom e tinha propriedades no Carmelo. Esses lugares distavam dois quilômetros um do outro. Ele era rico (1 Sm 25.2). A Escritura realça que Nabal tinha “três mil ovelhas e mil cabras”, um rebanho realmente generoso, que aumentava naturalmente a cada ano, quando se reproduziam os animais. Todavia, a riqueza de Nabal não o tornou um homem sábio. O seu comportamento era grosseiro e mau.

A descrição que a Bíblia faz de Nabal é a representação de um contraste: ele era um homem “duro e maligno nas obras” (1 Sm 25.3). O contraste é demonstrado quando a Escritura diz que Nabal era descendente de Calebe, amigo de Josué no evento da espionagem da Terra Prometida.

Essa última descrição lança um peso sobre Nabal, pois ele vinha de uma linhagem de um homem de fé, um ex-escravo que foi livre por Deus e que confiou na promessa do Eterno para entrar na Terra Prometida. Da mesma forma como Josué, Calebe recebeu a garantia de que o Senhor preservaria a sua vida para que ele entrasse na Terra Prometida. Calebe foi um homem que creu no Senhor e agiu de acordo com a sua fé e a Lei de Deus. Nabal, o seu descendente, não era somente tolo. O seu proceder era mau, e isso se refletia nas suas relações pessoais. Pelo seu comportamento, ele agia como se Deus não existisse. Ele não contava que, um dia, ele mesmo seria julgado pelas

suas obras más e pelo próprio Deus.

Outra observação a ser feita é que tolice não escolhe condição social, estado civil ou sexo da pessoa. Nabal era um homem reconhecidamente próspero, só que a sua prosperidade não fez dele um homem sábio e tratável. O exemplo de Nabal ensina-nos que filhos ou netos podem escolher não seguir o exemplo dos seus antepassados. Vergonhosamente, ele não herdou nem cultivou de Calebe o temor do Senhor. Nabal era um homem rude, grosseiro e mal-agradecido. Sobre Nabal, Josefo comenta:

> Um homem chamado Nabal, do país dos zifenianos, morava nesse tempo na cidade de Maom e era rico, principalmente em rebanhos: tinha três mil carneiros e mil cabras. Davi proibiu terminantemente aos seus soldados tocar em qualquer coisa que pertencesse a esse homem, por maiores que fossem as necessidades ou sob qualquer pretexto, porque ele sabia que não se pode tomar os bens alheios sem faltar aos mandamentos de Deus e, assim fazendo, julgava que agradaria a um homem de bem, que merecia as suas homenagens. Mas Nabal era um bruto, de mau caráter e muito cruel. Sua mulher, ao contrário, de nome Abigail, era gentil, prestimosa, virtuosa e além disso extremamente bela. Quando Nabal foi tosquiar as ovelhas, Davi enviou dez dos seus para saudá-lo, desejar-lhe toda sorte de prosperidade por muitos anos e rogar-lhe que o ajudasse com alguma coisa para a subsistência de seus homens, pois podia informar-se com os guardas do rebanho que desde que estava no deserto, e isso havia muito tempo, nem ele nem os seus homens lhe haviam causado o menor prejuízo. Poderiam até dizer o contrário, isto é, que ele os havia conservado. E Nabal agora, obsequiando-o, faria bem a um homem muito grato. Esse homem, porém, em vez de dar uma resposta, perguntou-lhes quem era Davi. Eles disseram-lhe que era um dos filhos de Jessé.

> Nabal exclamou: “Ah! Um fugitivo, que se esconde com medo de cair nas mãos de seu senhor, agora quer passar por ousado e corajoso”. Essas palavras, tão ofensivas, foram referidas a Davi e o deixaram tão encolerizado que ele jurou que antes de a noite acabar exterminaria Nabal e toda a sua família e destruiria a sua casa e todos os seus bens, pois, não satisfeito em demonstrar tanta ingratidão pelos favores recebidos, tivera ainda a insolência de ultrajá-lo daquele modo. Deixou para a guarda de sua bagagem duzentos dos seiscentos homens que então contava e partiu para executar a sua resolução.[23]

4. Abigail, uma Esposa Sábia e Bela

Em nossos dias, em boa parte do mundo ocidental, os casais têm autonomia para escolherem os seus cônjuges, com o consentimento e aprovação dos pais. Há também casos de pessoas que se casam sem o consentimento dos pais, o que gera, no futuro, surpresa e desconforto para as famílias. Nos dias do Antigo Testamento, os casamentos eram geralmente arranjados pelos pais, e as mulheres não costumavam ter a oportunidade de escolher os seus maridos. Abigail, uma mulher bonita e sábia, era esposa de um homem mau e tolo. Não nos é dito como um homem com o perfil de Nabal casou-se com uma mulher como Abigail.

Ela, contudo, não se deixou levar pelas características ruins do seu esposo. As riquezas de Nabal e a sua tolice não fizeram de Abigail uma mulher fútil, grosseira e tola. Ela manteve-se sábia a ponto de saber como agir diante do problema criado pelo seu marido.

Da mesma forma como o comportamento de Nabal não tornou Abigail grosseira, a sabedoria e a gentileza de Abigail não tornaram Nabal um homem sensato e misericordioso. Nem sempre conviver com pessoas sábias traz sabedoria para quem não deseja mudar e aprender a ser melhor. Abigail também é descrita como uma mulher bela. Não desprezamos o fato de que a

Palavra de Deus exalta a virtude de uma mulher sábia, mas ela também não condena a beleza feminina, e Abigail é um exemplo desse fato.

II – A INGRATIDÃO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

1. Davi Protege os Empregados de Nabal

No Oriente Médio e em outros lugares onde a criação de ovelhas faz parte da economia local, a época da tosquia era um momento gratificante. Toda a lã que cresceu nos animais é retirada, e os donos dos rebanhos conseguem mensurar os lucros que terão com a tosquia. Foi nesse momento alegre que, de acordo com a Bíblia, Nabal chegou para acompanhar os trabalhos. O momento tornou-se de festa, de alegria, propício à generosidade e à misericórdia, mas Nabal, cujo nome significa “tolo”, vai demonstrar o motivo pelo qual era assim conhecido.

2. Davi Pede uma Ajuda a Nabal

Ao saber que Nabal estava tosquiando as suas ovelhas e celebrando o momento,

> enviou Davi dez jovens, e disse aos jovens: Subi ao Carmelo e, indo a Nabal, perguntai-lhe, em meu nome, como está. E assim direis àquele próspero: Paz tenhas, e que a tua casa tenha paz, e tudo o que tens tenha paz! Agora, pois, tenho ouvido que tens tosquiadores; ora, os pastores que tens estiveram conosco; agravo nenhum lhes fizemos, nem coisa alguma lhes faltou todos os dias que estiveram no Carmelo. Pergunta-o aos teus jovens, e eles to dirão; estes jovens, pois, achem graça a teus olhos, porque viemos em bom dia; dá, pois, a teus servos e a Davi, teu filho, o que achares à mão. (1 Sm 25.5-8)

Graças a Davi, Nabal não tivera despesas para proteger os seus pastores e o

seu gado. As suas ovelhas não foram roubadas, e nenhum dos seus empregados, feridos ou mortos. O seu patrimônio não havia sido afetado pela presença dos homens de Davi. Um pouco de comida do rico Nabal para os seus empregados não era nada, mas esse mesmo pouco de provisão para Davi e os seus homens era muita coisa aos olhos daquele descendente de Calebe. A mesquinharia de Nabal entraria em jogo nesse momento, e pedir alguma coisa a uma pessoa mesquinha desperta nela ações horríveis.

3. Quem É Davi?

A resposta de Nabal, que foi dada em forma de pergunta, mostra a falta de sabedoria que teve diante do pedido educado que Davi fez. Nabal desprezou o fato de que Davi havia protegido os seus pastores, preservando os bens de Nabal sem que houvesse qualquer aliança entre eles, o que garantiria a proteção necessária e o respeito entre os dois homens, e Davi foi respeitoso sem que houvesse qualquer acordo entre eles.

Ao invés de agredir, saquear e roubar, coisas comuns naqueles dias, aqueles homens serviram de proteção aos pastores de Nabal e receberam como paga o desprezo.

Nabal sabia quem era Davi. Ele chega a mencionar o nome do pai de Davi, Jessé. O que ele deseja mesmo é humilhá-lo, atribuindo a ele o *status* de um fora da lei sem destino. Nabal não sabia que Davi estava debaixo da proteção do Eterno e aproveitou aquela situação para desonrar o escolhido de Deus.

A situação em que Davi estava era temporária. Naquele momento, por circunstâncias contrárias à sua vontade, ele foi tido como um servo fugitivo de Saul, mas ele não demoraria a subir ao trono, e o seu *status* de *persona non grata* aos olhos de Saul logo seria mudado para rei de Israel.

4. A Resposta de Nabal Mostra a sua Arrogância

Nabal estava numa posição de destaque em relação a Davi. Ele era um

homem livre para ir aonde quisesse e não era perseguido por ninguém. Davi, por sua vez, passava por uma situação em que dependia muitíssimo da misericórdia de Deus, e a grande diferença entre eles dois era justamente a arrogância de Nabal.

> Se há um pecado que Deus odeia sobre todos os outros, creio que este é o orgulho. Em um dos meus livros anteriores, defino orgulho da seguinte forma: “O orgulho é a atitude que dá a nós mesmos o crédito por nosso êxito e culpa os outros por nossos fracassos”.
>
> Uma pessoa orgulhosa acredita que todas as coisas boas de sua vida são o resultado de seu trabalho árduo. Ela acredita que está certa em qualquer conflito, e que a outra pessoa está errada. Está convencida de que possui todas as habilidades necessárias para resolver todos os problemas que venham a ocorrer. Acha que não precisa de outras pessoas, e assim, certamente também acha que não precisa de Deus [...].
>
> Quando penso nesta palavra, lembro-me sobre uma história de Muhammad Ali anos atrás, quando era o campeão mundial dos pesos pesados. Ele sentou-se na primeira classe de um avião comercial, que estava se preparando para decolar. A aeromoça passou e educadamente pediu-lhe que colocasse seu cinto de segurança. Muhammad olhou para a mulher e disse: “O Super-homem não precisa de cinto de segurança”. Isso é orgulho! Sem hesitar, a aeromoça respondeu: “o Super-homem não precisa de avião”.[24]

III – ABIGAIL LIVRA A SUA CASA E TAMBÉM LIVRA A DAVI

1. Abigail É Avisada do Mal que Há de Vir

Abigail é notificada de que um grande mal está por vir. O mensageiro testifica que Davi e os seus homens jamais lhes perturbaram:

> Todavia, aqueles homens têm-nos sido muito bons, e nunca fomos agravados deles, e nada nos faltou em todos os dias que conversamos com eles, quando estávamos no campo. De muro em redor nos serviram, assim de dia como de noite, todos os dias que andamos com eles apascentando as ovelhas. (1 Sm 25.15,16)

Mas com a resposta de Nabal, a ira de Davi é acesa, e a morte já ronda a casa de Abigail: “Olha, pois, agora, e vê o que hás de fazer porque já de todo determinado está o mal contra o nosso amo e contra toda a sua casa, e ele é um tal filho de Belial, que não há quem lhe possa falar” (1 Sm 25.17). O empregado de Nabal não gastou tempo em uma conversa sem propósitos. Ele falou que Davi e os seus homens serviram de proteção enquanto eles cuidavam do rebanho e advertiu que a casa de Nabal estava condenada pelo fato de o seu líder não reconhecer a generosidade de Davi. Nabal não fora apenas deselegante para com Davi e os seus homens. Ele também agiu como um homem maligno, negando comida (que havia de sobra na festa) a pessoas que o ajudaram.

2. Abigail Usa de Sabedoria para com Davi

Abigail toma um pouco da farta provisão que tinha em casa e encaminha-se para encontrar com Davi e os seus 400 homens. Ela só leva consigo a esperança de que vai tentar falar com Davi e frear o seu impulso pessoal de justiça.

> Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, e desceu do jumento, e prostrou-se sobre o seu rosto diante de Davi, e se inclinou à terra. E lançou-se a seus pés e disse: Ah! Senhor meu, minha seja a

> transgressão; deixa, pois, falar a tua serva aos teus ouvidos e ouve as palavras da tua serva. Meu senhor, agora não faça este homem de Belial, a saber, Nabal, impressão no seu coração, porque tal é ele qual é o seu nome. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele, e eu, tua serva, não vi os jovens de meu senhor, que enviaste. (1 Sm 25.23-25)

Mais que isso, Abigail demonstra saber que Davi seria rei no futuro: “há de ser que, usando o Senhor com o meu senhor conforme todo o bem que já tem dito de ti e te tiver estabelecido chefe sobre Israel” (1 Sm 25.30). Diferentemente do seu marido mesquinho e tolo, Abigail lembra a Davi que ele é escolhido de Deus para ser chefe em Israel e que, quando esse momento chegasse, não matar Nabal nem fazer justiça com as próprias mãos “não te será por tropeço, nem por pesar no coração o sangue que sem causa derramaste” (1 Sm 25.31).

O julgamento de Nabal e a sua impiedade não viriam da espada de Davi, mas das mãos do próprio Deus.

3. A Importância da Sabedoria na Hora de Falar

É preciso saber discernir sobre o que falar e com quem falar. Abigail é notada como uma mulher sábia porque ela soube falar com a pessoa certa, na hora certa e da forma certa. Vejamos:

• Ela falou com a pessoa certa, Davi. Primeiro, porque Davi, dado à resposta vergonhosa que recebeu de Nabal, havia decretado o fim do rico dono de animais. A humilhação pela qual passou exigia uma reparação à altura. Ele havia condenado à morte todos os que habitavam na casa de Nabal e já se havia dirigido para lá a fim de executar a sentença. Segundo, porque somente Davi poderia ter o seu ânimo acalmado e o dos seus combatentes também. Não adiantava Abigail tentar falar com Nabal, pois este estava bêbado. Se ele era um homem grosseiro estando sóbrio,

imagine embriagado, com o seu pensamento e corpo entorpecido pela bebida.

• Ela falou na hora certa. Ela dirigiu-se para tratar do assunto com Davi antes que o futuro rei de Israel chegasse até a casa dela. Se chegasse depois de Davi, a carnificina já teria começado e, certamente, não terminaria até que todos estivessem mortos. Quando Abigail interceptou Davi, ela garantiu não apenas que o ungido de Deus mantivesse as suas mãos limpas de sangue inocente, como também preservou a vida de Nabal, além da de todos os seus trabalhadores.

• Ela falou da forma certa. Se Davi precisava de alimentos para si e os seus combatentes, esses alimentos seriam dados a eles. Sem comunicar ao seu esposo, Abigail separou provisões para Davi e dirigiu-se a ele com humildade, rogando o perdão para o marido e apresentando alimentos para serem repartidos. Abigail proveu aquilo que Nabal negou a Davi.

Abigail trouxe a solução para aquele conflito não apenas com palavras sábias, mas com uma atitude de generosidade, diferentemente da atitude de Nabal, sendo a sabedoria dela que lhe garantiu a vida. A ofensa de Nabal foi reparada não apenas com palavras, mas também com os alimentos que ele negara a Davi.

4. O Fim de Nabal

Há um momento ideal para falarmos certas verdades e sermos entendidos. Pessoas entorpecidas raramente conseguem entender o que se passa à sua volta. Se Nabal tratou os enviados de Davi com grosseria estando sóbrio, imagine Abigail tentando conversar com o esposo bêbado. De maneira inteligente, Abigail não falou nada com o seu esposo até ele estar sóbrio. Quando a sobriedade retornou a Nabal, Abigail contou o ocorrido a ele.

Não parece que Nabal estava esperando uma notícia dessas, talvez porque estivesse acostumado a ser grosseiro com as pessoas e não houvesse ninguém

que decidisse tomar as dores das grosserias dele. A arrogância de pessoas como Nabal impede que elas percebam que as suas palavras grosseiras podem custar a vida.

Por isso, a sua reação foi ficar paralisado. Ele não podia fazer nada. Davi tinha homens e armas. Nabal, pelo relato bíblico, era um homem de negócios, e não um combatente. Passados alguns dias, o próprio Deus julgou Nabal e matou-o.

A história sagrada mostra o fim de Nabal, mas não o fim de Abigail. O futuro rei de Israel convidou a viúva para ser a sua esposa, e ela aceitou a oferta.

É preciso notar igualmente a forma como o Senhor teve misericórdia de Davi. Em um relato próximo ao outro, Davi vê-se prestes a derramar sangue dos seus inimigos. No primeiro caso, o de Saul, Davi teve o discernimento de não matar o rei. No caso de Nabal, Davi foi preservado pela interferência de Abigail. Ela, de fato, foi usada por Deus para reter Davi.

5. Se Tem Falta de Sabedoria, Peça a Deus

Se precisamos de sabedoria, a recomendação do apóstolo Tiago é que peçamos a Deus:

> E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte. Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa. (Tg 1.5-7)

Aprendemos com este texto que:

• Nenhum servo de Deus tem desculpa para não ser sábio. Se alguém tem falta de sabedoria, deve pedir a Deus.

• Deus é quem nos dá sabedoria, e Ele não lança em rosto o presente que nos deu.

• Deus garante que dará sabedoria se pedirmos a Ele.

• O requisito para pedir sabedoria não é somente a certeza de que se precisa dela, mas, sim, o ato de pedir com fé.

• Se uma pessoa pede sem fé, não receberá do Senhor nem sabedoria, nem coisa alguma. O princípio vale para as duas coisas.

CONCLUSÃO

A sabedoria e a tolice fazem a diferença ao seu tempo. Podemos ser pessoas que escolhem ser sábias e aprenderão com isso, ou podemos ser estigmatizados por escolhermos ser pessoas que não aprendem a usar a sabedoria, ainda que o Senhor garanta que nos concederá se a pedirmos.

Também é preciso lembrar que as palavras de uma pessoa podem selar o seu destino e o destino das suas famílias. Nabal não perdeu a sua vida porque Abigail interveio. As pessoas daquela casa foram salvas, mas Nabal morreu depois de quase dez dias (1 Sm 25.38).

Que sejamos sensíveis à voz do Espírito Santo e guardemos nossas mentes em todos os momentos.

---

[23] JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. Rio de Janeiro, CPAD, 1955, pp. 316,317.

[24] JEFFRESS, Robert. Os Segredos de Salomão. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, pp. 191,192.

CAPÍTULO 6

NATÃ

Faça a Diferença Falando o que Deus realmente Mandou Você Falar

Conforme todas estas palavras e conforme toda esta visão,
assim falou Natã a Davi. (1 Cr 17.15)

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios a quem serve ao Senhor é estar em sintonia com Ele. Mais que isso, somos desafiados a falar em nome de Deus, e isso é um privilégio que traz consigo alta carga de responsabilidade, pois quanto maior o nível de glória revelado, maior a exigência divina. Ser um porta-voz do Eterno exige de nós uma intimidade com Deus, além de atitudes que estejam de acordo com os padrões divinos. Não raro, é preciso discernir quando o Senhor está ou não está falando e não confundir nossa vontade com a de Deus, ainda que esteja aparentemente em sintonia com Ele. Tal distinção é necessária, pois nossos pensamentos nem sempre são movidos pelos mesmos pensamentos do Eterno. Ele mesmo disse:

> Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar. Porque

> os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos. (Is 55.7-9)

Neste capítulo, veremos o exemplo de Natã, o profeta que precisou voltar atrás numa coisa que disse, e, com a história dele, aprender que o Senhor pode usar-nos para falarmos com as pessoas, mas que só podemos falar em nome de Deus o que Ele realmente disse.

I – QUEM FOI NATÃ

1. Um Profeta e Escritor

Natã é apresentado nas Escrituras, em 2 Samuel, como um homem de Deus e profeta, sendo também usado pelo Senhor e apontado como escritor que registrou as crônicas sobre a vida e os feitos de Davi: “Os atos, pois, do rei Davi, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas de Samuel, o vidente, e nas crônicas do profeta Natã, e nas crônicas de Gade, o vidente” (1 Cr 29.29).

Ele também é apresentado como uma das pessoas que auxiliou na instalação e organização do culto na Casa do Senhor, por orientação do próprio Deus, ajudando na disposição dos grupos de levitas que tocariam alaúdes e harpas. Natã desenvolveu um talento que ajudou Davi e Salomão na preparação do culto: inserir e organizar os cantos levitas que iriam tocar na Casa do Senhor. Esse ato foi importante duplamente, pois, atém de os levitas precisarem ser divididos conforme os instrumentos que tocariam nas celebrações ao Eterno, essa ordem de dividi-los tinha partido do próprio Deus. A iniciativa da obediência era de Davi, mas foi o Senhor quem ordenou que a música tivesse espaço no seu culto (2 Cr 29.25). Note que até mesmo

os levitas que tocariam instrumentos tinham de ser organizados, pois a adoração ao Eterno precisa ser ordeira. Havia muitos músicos, e cada grupo louvaria no seu devido tempo. Desde o Antigo Testamento, há uma preocupação para que a adoração a Deus tenha beleza e expresse a grandeza dEle. Cânticos novos deveriam ser trazidos, e louvores mostrando os grandes feitos de Deus deveriam ensinados por meio de músicas (Sl 96.1-9).

Davi, o rei que amava a música, compôs salmos que são entoados até hoje por cristãos de todo o mundo. O seu amor pelo culto a Deus e pelo ambiente onde Ele estava pode ser visto no Salmo 122.1: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor!” Ele amava tanto a Deus que fez questão de trazer a Arca de Deus para Jerusalém, fazendo desse momento uma festa para todos os que estavam presentes. Ainda sobre a música na tradição religiosa dos hebreus:

> A música religiosa possuía tal importância que não havia uma única cerimônia ou rito em que ela não tomasse parte. O salmista afirmou que o Senhor subiu ao som de trombetas, e que Ele devia ser louvado “com saltério e com harpa, com instrumentos de cordas e com flautas, com címbalos sonoros, com címbalos retumbantes”. Um cântico imenso se levanta das páginas da Bíblia, uma aclamação rítmica, modulada, do Todo-poderoso. O sábado e os grandes feriados eram anunciados ao som da trompa e as horas de oração com as trombetas. Na verdade, muitas partes do próprio Livro eram cantadas: por exemplo, os hinos nupciais nos Cantares de Salomão que o povo cantava enquanto caminhava com a noiva e o noivo, ou os cânticos dos degraus que as imensas caravanas de peregrinos cantavam incessantemente enquanto seguiam para Jerusalém. Muitos salmos têm como título o nome da música a qual devem acompanhar — “A pomba dos terebintos distantes” ou “O lírio da Lei” — ou dos instrumentos, de corda ou de sopro que

deveriam acompanhá-los. Os próprios serviços incluíam música.

O Templo tinha os seus cantores levíticos; e tendo em mente a relação entre música e êxtase místico, é digno de nota o fato da Bíblia chamá-los algumas vezes de videntes e profetas.38 Desde que o rei da Pérsia passara um decreto nesse sentido, eles tinham ficado isentos do pagamento de impostos, e Josefo declara que reivindicavam o direito de usar trajes de linho como os dos sacerdotes — cujo privilégio lhes foi concedido por Herodes Agripa II. Cantava-se também nas sinagogas; os primeiros cristãos adotaram este costume, como ficamos sabendo pela Epístola de Paulo aos Colossenses: “Louvando a Deus com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vossos corações” diz ele.

Os cânticos tinham um lugar de destaque na música judia, e, ao que parece, na época de Cristo eles se haviam separado por completo da música instrumental, desde que esta ultrapassara os limites estabelecidos na antiguidade não constituindo mais um simples acompanhamento da voz humana: o Novo Testamento fala muito pouco de instrumentos musicais. Era muito comum cantar em coro sob a liderança do cantor-mor tão citado nos títulos dos salmos; os cânticos eram feitos provavelmente em uníssono, e fica bastante claro que alguns salmos deviam ser cantados em antífona (responso), como fazemos hoje. Os serviços das sinagogas tradicionais hoje em dia dão uma ideia de como era a música religiosa dos antigos: aquele fluxo contínuo de que fala Robert Aron, “subindo naqueles momentos em que a natureza do serviço se intensifica e aquietando-se quando ela diminui, um fluxo que aumenta com simplicidade e imperiosamente como o ofegar da respiração humana,

> alcançando seu ponto máximo quando os rolos da Lei são tirados do tabernáculo". Israel compreendia perfeitamente o poder emocional da voz humana.[25]

2. Um Profeta Ligado à Monarquia

A ligação com Davi e a monarquia não foi um impeditivo para que Natã exercesse o seu papel de profeta. Diferentemente do rei Saul, Davi buscava ao Senhor, e este respondia ao seu servo por diversos meios, inclusive usando pessoas como Natã.

Natã era ligado à monarquia, à pessoa de Davi, e, estando nesse círculo social, foi lá usado pelo Senhor para falar com o rei. Não nos é dito como ele conheceu a Davi, mas é-nos informado que Davi respeitava bastante as palavras de Natã a ponto de ser confrontado pelo profeta sobre um pecado e, em seguida, pedir perdão a Deus.

O Senhor tem servos seus em todas as esferas da sociedade, e aqueles que estão em posição de influência por bondade de Deus devem manter o temor a Ele e depender exclusivamente dEle em tudo.

Pensemos numa pessoa como Daniel. Na Palavra de Deus, ele é descrito como um profeta, e ele era de fato. A revelação que o Senhor trouxe por intermédio do seu servo mostra muito o que vai acontecer nos últimos dias. Daniel, no entanto, exerceu o seu ministério profético sendo ele um profissional em terra estrangeira. O seu ambiente de trabalho era palaciano. Ele circulava nas altas esferas da sociedade no seu tempo. Nessa posição, ele foi a voz de Deus para advertir reis e ser um gestor de excelência.

O livro de Daniel mostra-nos o quanto Deus importa-se com todas as pessoas independentemente da sua posição social. Ele é (texto bíblico). O testemunho de Deus é uma indicação do seu plano de salvação para todos os homens sem distinção. Pela Palavra de Deus, entendemos que Ele ama e oferece a salvação a todos. Restringir teologicamente a salvação a um grupo específico de pessoas coloca nos ombros de Deus a responsabilidade de

mandar o restante da humanidade para o Inferno por iniciativa divina autoritaria. Ele “é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pe 3.9).

3. Profetas, Servos de Deus

Os profetas eram homens e mulheres usados pelo Senhor para trazerem a sua Palavra de forma impactante. As suas palavras vinham diretamente do próprio Deus, não consistindo do fruto de um estudo dos textos, da sua organização em forma de sermão, da retórica para a comunicação e da prática da homilética. Eles foram usados por Deus a partir das revelações que recebiam, e essas revelações estavam relacionadas a eventos futuros, ou mesmo a situações correntes dos seus dias, como, por exemplo, a injustiça social, pecados individuais ou nacionais.

Nem todos os profetas de Deus tiveram os seus nomes registrados nas Escrituras. Isso, porém, não invalida a importância que tiveram na história de Israel.

II – CONFRONTANDO O REI DAVI

1. Um Pecado Consumado

Quando estava reinando em Jerusalém, Davi deixa de ir à guerra e, ao passear pelo palácio, vê uma mulher tomando banho. Ele, então, procura saber quem ela é e manda chamá-la. Mesmo ciente de que ela é casada com um dos seus mais leais guerreiros, Davi deita-se com ela. Como se fosse pouco quebrar uma aliança entre um casal, Davi engravida Bate-Seba e tenta encobrir o seu pecado trazendo o marido dela para casa.

Como Urias veio, mas não tocou na sua esposa, Davi preparou tudo para que ele fosse morto. Além de adúltero, Davi tornara-se um assassino. Ele já havia matado homens em batalhas, mas o que fez contra Urias não se

enquadrou em uma morte por legítima defesa na guerra. Ele planejou a morte de um dos seus melhores soldados e deixou-o para ser morto covardemente pelo inimigo. Isso foi tão grave que o próprio Deus disse:

> Por que, pois, desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o mal diante de seus olhos? A Urias, o heteu, feriste à espada, e a sua mulher tomaste por tua mulher; e a ele mataste com a espada dos filhos de Amom. Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste e mataste a mulher de Urias, o heteu, para que te seja por mulher. (1 Sm 12.9,10)

Mesmo sendo um homem segundo o coração de Deus, Davi deixou-se levar. O rei pagou um alto preço dentro da sua própria casa por conta dos seus desejos. O Senhor acentua o pecado de Davi quando diz que os filhos de Amom mataram Urias. Um soldado que vai à guerra sabe que pode ou não voltar para casa, mas, no caso de Urias, a ordem para a sua morte partiu de Davi a fim de que os seus inimigos matassem o soldado e ele entrasse na estatística de mortos de guerra. Deus, no entanto, não pensava como Davi.

2. Falando por Parábola

Apesar do pecado de Davi, o Senhor quis restaurá-lo, só que tal feito não seria possível se Davi não fosse confrontado com o seu próprio erro, e Deus iria usar Natã para essa missão.

Para chegar ao coração do homem segundo o coração de Deus, Natã busca um método bastante didático — contar uma história. Histórias costumam prender a atenção de quem as ouve, e esse mecanismo captou a atenção do rei. O profeta não se aproveitou dos seus dons para humilhar o rei. As acusações contra Davi eram graves, e o julgamento divino já havia sido decretado contra ele. O seu pecado — matar um dos seus mais fiéis guerreiros e apropriar-se da viúva grávida — não passaria sem consequências, mas o Senhor estava pronto para tratar com Davi.

Natã contou a história de um homem rico que tinha várias ovelhas e que era vizinho de um homem simples, dono de uma única ovelhinha. No dia em que recebeu uma visita, o homem rico sacrificou a ovelha única do homem pobre e usou a sua carne para dar à visita. Essa história deixou Davi bastante irritado. Ele havia sido pastor de ovelhas quando adolescente e, impressionado pela história, disse que aquele homem rico deveria ser morto pelo que fizera — isso sem saber que as suas palavras eram o veredito do pecado que ele mesmo cometera.

3. Um Rei que se Arrependeu

Natã, usado por Deus, respondeu ao rei Davi que o homem rico daquela história era o próprio rei, apresentando, assim, o pecado de Davi, que tomou a esposa de outro homem como se fosse sua. A estratégia atinge o seu objetivo. Convencido do seu erro, Davi demonstra arrependimento, pois sabia que o seu pecado era digno de morte. Ele, então, externa a sua preocupação, que era perder a presença de Deus na sua vida: “Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo” (Sl 51.11). Ele sabia que a comunhão que tinha com o Senhor era mais importante do que ocultar um pecado; assim sendo, sujeitou-se à disciplina imposta. O preço que pagou no futuro e dentro da sua própria casa foi alto, porém Davi contou com a misericórdia de Deus.

Neste episódio de Natã para com o rei Davi, fica demonstrado que dons e talentos são bênçãos do Senhor, mas usá-los com sabedoria faz com que o projeto de Deus seja estabelecido no tocante à comunicação conosco. Davi arrependeu-se do seu pecado e voltou-se para Deus.

III – FALANDO O QUE DEUS MANDOU

Um segundo momento importante na história de Natã e Davi refere-se a quando este já era rei. O seu amor pelo Deus de Israel e pela celebração do

culto impulsionaram-no a trazer a Arca de Deus para Jerusalém em uma celebração pública em que ele chegou a oferecer sacrifícios e abençoou o povo. Para Davi, foi um momento de alegria; já para Mical, a sua esposa, foi um momento de vergonha (ver 2 Sm 6.20-23).

Pelo teor do texto, Davi ficou tão empolgado com a possibilidade de a Arca da Aliança estar em Jerusalém que acabou não prestando atenção nos seus próprios modos, e, de alguma forma, partes do seu corpo apareceram, causando repulsa em Mical, filha de Saul. Lamentavelmente, Mical não pôde ter filhos de Davi. É curioso como a informação da esterilidade de Mical é apresentada justamente após a sua discussão com Davi. Após esse cenário, inicia-se o ponto alto da narrativa.

1. Um Desejo Lícito

A Palavra de Deus mostra-nos que, antes de morrer, Davi teve o desejo de construir um santuário para o Eterno. Sendo ele o segundo rei da monarquia, desejava deixar um legado não apenas para ser lembrado, mas igualmente para refletir a sua fé e a sua devoção ao Senhor: “Sucedeu, pois, que, morando Davi já em sua casa, disse Davi ao profeta Natã: Eis que moro em casa de cedros, mas a arca do concerto do Senhor está debaixo de cortinas” (1 Cr 17.1).

Davi desejou deixar um legado à posteridade em homenagem ao Deus de Israel. O Eterno merecia um lugar de adoração para congregar o seu povo. Davi não se esqueceu do que o Senhor fez por ele. Houve outras pessoas que conseguiram destaque e foram prósperas em Israel.

> Alguns deles, como Davi, conseguiram a sua “casa de cedros”, mas diferentemente de Davi, esqueceram-se dos sagrados momentos de consagração e do concerto secreto com o Senhor. Como o Senhor Jesus nos diz, na parábola do semeador, algumas sementes caem em um solo em que são sufocadas pelos cuidados

> deste mundo e pela sedução das riquezas, e tornam-se infrutíferas. Oh, a tristeza de uma vida cujas grandes determinações de dedicação e concerto com Deus foram negligenciadas!
>
> Esse não era o caso de Davi, pois ele estava pronto para agir de acordo com a sua santa decisão, essa grande determinação de que ele deveria responder às bênçãos de Deus com os seus máximos esforços. A princípio, ele recebeu uma resposta favorável de Natã (2 Sm 7.3). Mas rapidamente ficou muito evidente que a resposta de Deus era "Não!" A linguagem desse capítulo parece um pouco incerta, está bastante clara no relato apresentado em 1 Crônicas 17.4 [...] naquela mesma noite Deus veio a Natã e disse: "Vai e dize a Davi, meu servo: Assim diz o Senhor: Tu me não edificarás uma casa para morar".[26]

2 – Falando por si mesmo

Ao ouvir o desejo de Davi de construir o Templo para o Senhor, Natã, sem consultar ao Eterno, fala como se Ele estivesse com Davi naquela empreitada. O objetivo de construir uma casa onde o culto a Deus pudesse ser uma referência era louvável, e, com certeza, não era necessário consultar a Deus para a aprovação daquele projeto (1 Cr 17.2).

Sem perguntar a Deus, Natã chancela o plano de Davi. Não é possível crer que Natã tenha falado aquilo de má-fé, mas o fato de não ter consultado ao Senhor custou ao profeta um constrangimento (1 Cr 17.3,4).

Na primeira vez em que Natã foi enviado a falar com Davi, foi por causa do pecado deste. Dessa vez, entretanto, foi por causa da precipitação do profeta (ver 1 Cr 17.7,8). O Senhor dá a Natã a estratégia para falar com o rei. Ele começa dizendo que Davi foi tirado de onde ninguém poderia vê-lo, ou seja, do curral de ovelhas. Deus deu a Davi unção, vitórias, o reino, entre

tantas coisas. A presença de Deus na vida de Davi era notória. Mas havia um "porém": Davi tinha as mãos manchadas com sangue das campanhas de guerra que participou (ver 1 Cr 22.8)

O santuário para o Altíssimo, que ficaria em Israel, seria construído sim, mas pelas mãos de outra pessoa, Salomão. O projeto de Davi seria executado pelo seu filho Salomão. Mas, para isso, era necessário Davi saber da vontade de Deus, e não da opinião do profeta. Aqui reside a lição: Nunca se utilize de um dom sem que o Senhor chancele o que você vai dizer, muito menos o use em nome de Deus. Davi havia recebido vitórias da parte de Deus, unificou o reino e queria dar um destaque ao culto ao Senhor. Isso, por si só, não era errado, mas nem todos os pensamentos que temos em relação ao culto ou à obra de Deus é necessariamente o que o Senhor deseja que façamos; nem todo projeto que, aos nossos olhos, é de Deus ou para a sua glória é realmente da parte de Deus para nós.

3. Aprendamos a Distinguir nossa Opinião da Opinião de Deus

Resguardar nossa opinião e distingui-la da orientação de Deus deve ser uma atitude corrente em nossos dias. Na verdade, é honroso manifestar essa distinção. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo fez isso na primeira carta canônica que enviou aos Coríntios.

Houve perguntas sobre a situação de casais em que um dos cônjuges havia aceitado a Jesus, ao passo que o outro, não. 1 Coríntios 7.12 mostra que, no tocante à questão da possibilidade de um homem crente viver com uma mulher não crente, e ela não desejar separar-se dele, o parecer do apóstolo era que o casal não buscasse o divórcio. Paulo fez a distinção entre o que era a sua opinião pessoal e o que era a orientação de Deus com as palavras "digo eu, não o Senhor". E por qual motivo Paulo, com toda orientação e revelação de Deus recebidas, deixou claro que quem estava dando o parecer naquele momento era ele, e não Deus? Simplesmente porque o Senhor não disse nada ao apóstolo sobre aquele assunto.

Da mesma forma como aconteceu com o profeta Eliseu, quando a sunamita perdeu o seu filho e foi procurar o profeta. O Senhor não disse ao seu servo o que havia ocorrido na casa da sunamita e, por isso, o profeta teve de ir à casa dela. Lá chegando, o servo de Deus ressuscitou o menino morto, e o Senhor foi glorificado naquele lar. Deus nem sempre manifesta a sua vontade ou revela aquilo que desejamos saber, e, nesses momentos, é preciso ter cautela para falar e agir.

Natã precisou voltar atrás no que disse a Davi. Isso pode parecer vergonhoso para algumas pessoas, pois voltar atrás no que dizemos pode significar que erramos ao falar. Talvez essa atitude nos cause constrangimento. Por isso, é necessário pensarmos bastante antes de falar. É melhor saber retroceder em atos ou palavras a fim de manifestar a humildade necessária para continuar sendo usado pelo Senhor. Manter uma palavra que não nos foi dada por Deus incorre sérios problemas não só em nossa vida, como também na das pessoas que nos cercam.

> Algumas vezes o sonho vem de Deus; outras vezes não. Ambos são nobres. Ambos são grandes decisões. Ambos são ideais. Mas, quando não são de Deus, não irão realizar-se... nem devem. E no geral é *difícil* determinar sua origem, muito difícil mesmo. De fato, você terá amigos como Natã que lhe dirão: — Vá, faça tudo que decidiu, porque o Senhor está com você — só para ver Deus *mostrar-lhe mais tarde que esse não é o* plano dele. É interessante notar que foi exatamente isso que aconteceu com Davi.[27]

4. Aprendendo a Ouvir um Não de Deus

Imagine se Davi tivesse construído o Templo? Teria gastado tempo e recursos e não teria agradado a Deus nos seus projetos. Deus poupou o rei de dispender recursos que seriam posteriormente aproveitados por Salomão, o

seu filho. O Senhor louvou a atitude de Davi, porém deixou claro que Salomão iria construir o Templo. Sobre esse assunto, Charles Swindoll diz:

> Que resposta dura para levar ao rei. Mais cedo, naquele mesmo dia, Natã dissera a Davi: "O Senhor está com você, Davi. Va em frente e realize seus planos". Agora, poucas horas depois, Natã ouve o Senhor dizendo: "Nada disso. Nada disso!" Como pode ver, Natã não ouvira a voz certa da primeira vez. Não fazia parte do plano de Deus que Davi construísse um templo. Era uma ótima ideia, um grande plano no coração de Davi... mas não era o plano de Deus. E isso e difícil de suportar. Com a recusa desse pedido, no entanto, Deus oferece afirmação a Davi: Davi, você e um homem de guerra, o seu coração está nos campos de batalha. Você e um soldado e um guerreiro, e não um construtor. E um homem para as trincheiras e o abençoei de tal modo que todos os seus inimigos foram subjugados.
>
> Lembre-se agora de que não se trata de uma questão de pecado aqui. Não e o juízo de Deus que está vindo sobre Davi em consequência de um erro. E simplesmente Deus redirecionando o plano de Davi e dizendo: — Essa *é* uma grande decisão, mas digo "não" a você e digo "sim" ao seu filho. Aceite isso.
>
> A última parte do v .8 *é* profunda, pois Deus diz a Davi: "Bem fizeste em o resolver em teu coração". Em vez de considerar o seu desejo de construir um templo como algo errado, Deus diz a ele: — Louvo o seu pensamento, louvo você por ter um coração tão sensível a mim que desejou construir uma casa de adoração para a minha glória. Foi bom isto estar em seu coração. Não é meu plano que faça isso, mas eu o louvo por pensar assim.[28]

CONCLUSÃO

Natã, com a sua história, mostra-nos que é possível uma pessoa ser usada por Deus em um momento e, em outro, deixar-se levar pela sua própria opinião e manifestá-la como se fosse a vontade de Deus. O fato de Deus ter-nos usado uma vez, de uma forma, não significa que Ele assim o fará da mesma forma. Não estamos imunes a apresentar nossas próprias opiniões como se fossem palavras de Deus.

Por isso, é necessário que tenhamos o devido discernimento para não ultrapassar os limites daquilo que o Senhor disse. Ter um dom da parte do Eterno não nos isenta de usá-lo com sabedoria. Para que isso não ocorra, é necessário estarmos alinhados com a sua Palavra, que está revelada nas Escrituras, e sabermos ouvir o Eterno falando conosco.

Mais que isso, é necessário saber voltar atrás naquilo que falamos em nome de Deus, sem que o Senhor tenha-nos mandado falar. Por mais que a intenção seja boa a nossos olhos e que pareça que o Senhor há de ser honrado em uma empreitada, é necessário saber se Ele está de acordo com aquele projeto.

---

[25] DANIEL-ROPS, Henry. A Vida Diária nos Tempos de Jesus, Vida Nova, pp. 330,331.

[26] REDPATH, Alan. Formando o Homem de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 175.

[27] SWINDOLL, Charles. Davi: *um homem segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Mundo Cristão, p. 200.

[28] *Idem*.

CAPÍTULO 7

Jezabel

Fazendo a Diferença para o Mal

E sucedeu que, vendo Jorão a Jeú, disse: Há paz, Jeú? E disse ele: Que paz, enquanto as prostituições da tua mãe Jezabel e as suas feitiçarias são tantas? (2 Rs 9.22)

INTRODUÇÃO

Ao observar a história dos reinos de Israel, vemos que as monarquias foram marcadas por governantes que ouviram a voz de Deus, e outros que deliberadamente rejeitaram ao Senhor. O Reino do Norte, Israel, destacou-se por ter sido governado por reis marcadamente afastados dos padrões divinos. Dentre esses reis, destaca-se o rei Acabe.

O seu governo, apesar de militarmente vitorioso, foi marcado por uma grande idolatria, perseguição aos profetas de Deus, injustiças e até mesmo um período de seca que impediu que a terra desse a sua produtividade. Acabe tinha por esposa Jezabel, uma mulher fenícia que fez o possível para oficializar a idolatria em Israel. A maldade desse casal é tão impressionante que os livros dos reis dedicam pelo menos oito capítulos (1 Rs 16-22; 2 Rs 9) para contar a sua história.

Neste capítulo, veremos que pessoas em posição de liderança têm a oportunidade de fazer a justiça, como também têm a chance de fazer a

diferença para o mal e atrair para elas a ira de Deus.

I – UMA MULHER COM FÉ PARA O MAL

1. Uma Mulher Fenícia

Jezabel tinha origem fenícia, um povo que se dedicara à construção de embarcações e ao comércio. A capacidade de esse povo processar e comercializar a púrpura rendeu-lhe recursos e fama. Há quem considere os fenícios como cananeus devido não apenas à proximidade geográfica desses povos, como também por causa de uma invasão dos amorreus na Fenícia e na Palestina 2 mil anos antes de Cristo.

Como todos os povos do mundo antigo, os fenícios dedicaram a sua fé à adoração a Baal, o deus cananeu "responsável" pela fertilidade, pelas tempestades e pela chuva.

> A terra dos fenícios era uma longa e estreita faixa que se estendia desde o rio chamado hoje de Nahr el-Kebir, ao norte, até o Monte Carmelo, ao sul, numa distância de 193 km. A largura dessa faixa é de apenas 8 km, e vai desde o Mar Mediterrâneo, no oeste, até o contraforte da montanha do Líbano, localizado no leste. A vegetação na planície fértil consistia de arbustos perenes, pinheiros, carvalhos, amoreiras, faia, videiras, figueiras, tamareiras, oliveiras, trigo, cevada, cebola e alho. A região era muito fértil na antiguidade, e foi cultivada desde muito cedo.
>
> Considerando as limitações impostas a eles pela estreiteza de sua planície litorânea, não é surpresa que os fenícios procurassem aumentar sua produção alimentícia através do comércio transoceânico. Os fenícios eram famosos no mundo antigo como marinheiros (cp. Is 23). Eles desenvolveram o comércio marítimo no Mar Mediterrâneo, no Mar Vermelho e,

> possivelmente, também no Oceano Atlântico. A exploração subaquática e a investigação dos naufrágios da Idade do Bronze indicam que navios fenícios faziam o comércio entre a Creta minoana e os poderosos continentes do oriente. Os fenícios estabeleceram colônias no oeste do Mediterrâneo em Cartago, Malta, Sardênia e no sul da Espanha. As principais exportações da Fenícia eram madeira, tintura púrpura, artigos de vidro e produtos manufaturados. Em troca eles obtinham ouro, prata, marfim e também trigo e cevada para suplementar sua limitada produção (cp. 1 Rs 10.22). Esses talentosos comerciantes eram fenícios. Por isso, o termo "cananita" logo tomou-se sinônimo, em hebraico, de "comerciante".[29]

2. A Fé de Jezabel

Jezabel foi criada na cultura dos fenícios. A sua adoração a Baal certamente lhe foi ensinada na infância, e essa mentalidade de adoração seguiu os passos dela até à sua morte. Como fiel ao culto a Baal, ela não hesitou em levar a sua crença à terra de Israel. Jezabel não apenas levou consigo a fé em Baal, como também levou a idolatria a todo o Reino do Norte.

Os cananeus, de onde ela procedia, criam em deuses que existiam na mente dos seus adoradores, mas que não eram deuses, como diz Deus a Jeremias: "Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, posto não serem deuses? Todavia, o meu povo trocou a sua glória pelo que é de nenhum proveito" (Jr 2.11).

> O quadro que essas fontes oferecem é de um panteão de divindades da fertilidade. A cabeça do panteão e rei dos deuses era uma divindade masculina chamada El, cuja esposa possuía o nome de Aserá. O deus jovem, que era o mais influente entre o

> povo, chamava-se Hadd, o filho de dagãn. Devido a sua imensa popularidade e influência, referiam-se a ele pelo epíteto ba‘al, um substantivo fenício comum, que significava “senhor”. Hadd (*ba‘al*) estava associado a duas divindades mais novas, as deusas Anat e Ashtart (Anate e Astarote) que, numa fase inicial do desenvolvimento da religião fenícia, estavam fundidas numa única deusa. Outras divindades mencionadas no texto são: o deus-mar Yamm; o deus da morte, Mot; o deus-lua, Yarih; o deus-sol, Shapsh; o deus da praga, Resheph; o deus da cura, Eshmun; e o deus da cidade de Tiro, Melqart, que se desenvolveu como o deus de todas as atividades marítimas. Em tempos posteriores, uma divindade masculina, que era cônjuge de Astarote e que se assemelhou à divindade sumero-babilônica, ficou conhecida pelo epíteto Adõni (Adonis, no grego: “meu senhor”). Ele era o deus da fertilidade e da vegetação que supostamente morria quando o calor do verão começava. Fontes indicam que acreditava-se que ele morria e renascia anualmente, mas não há provas de que o Hadd (ou Baal) dos textos do segundo milênio a.C. era igualmente concebido. (Teney, 2008, p. 800)

Apesar da reconhecida idolatria nos territórios fenícios, a Palavra de Deus fala que uma mulher, cujo nome não foi registrado, que vivia em Sidom, terra de Jezabel, creu no Deus de Israel. Esse fato deu-se no mesmo período em que Jezabel foi rainha em Israel durante o ministério de Elias. Após o profeta ter decretado a seca no território hebreu do Norte, o Eterno mandou-o para Sidom (uma clara demonstração de senso de humor divino, pois Acabe e Jezabel procuraram Elias para matá-lo durante muito tempo e em diversos lugares, mas não o procuraram em Sidom). Na localidade chamada Sarepta, uma mulher viúva e pobre cuidou do profeta Elias, tendo ela mesma e o seu filho, pela fé, sido sustentada por Elias posteriormente. Foi uma experiência e

tanto, tendo em vista que ela havia sido ensinada a adorar e depender dos deuses cananeus, e não do Deus de Israel.

3. Um Casamento Fora da Vontade de Deus

A influência de Jezabel na história de Israel é registrada na Palavra de Deus por causa do casamento dela com o rei Acabe, que é descrito na Bíblia como um rei que “fez o que era mau aos olhos do Senhor, mais do que todos os que foram antes dele” (1 Rs 16.30). Acabe conseguiu superar, dos reis que vieram antes dele, toda a maldade que eles fizeram juntos.

É dito que o rei Acabe andou nos pecados de Jeroboão, que era um valente operário nos tempos de Salomão e foi escolhido pelo Eterno para ser rei das tribos do Norte (1 Rs 11.29-36). Deus disse a ele por meio do profeta Aías: “[...] reinarás sobre tudo o que desejar a tua alma e serás rei sobre Israel” (1 Rs 11.37). Tal promessa era grandiosa, mas, quando Jeroboão tornou-se rei, esqueceu-se da promessa de Deus e colocou dois bezerros de ouro, um em Betel, e outro em Dã. Ele convenceu o povo de que seria trabalhoso ir a Jerusalém adorar e, com esses bezerros, inseriu as dez tribos na idolatria. Ele também tornou sacerdotes pessoas que não eram da tribo de Levi, “dos mais baixos do povo” (1 Rs 12.31). Como se fosse pouco oferecer deuses aos hebreus, ele colocou pessoas sem a chamada ou a devida qualificação ministerial em posição de liderança espiritual. Eis aí o resultado de esquecer-se daquilo que o Senhor prometeu. Somos chamados por Deus para uma missão. Cabe, porém, a nós andar de acordo com o que nos ordenou o Senhor.

Para piorar a sua biografia, o rei Acabe casou-se com Jezabel. Filha de um rei pagão, Jezabel influenciou fortemente um homem que já não temia ao Senhor. Ele casou-se sem consultar ao Eterno, e isso fez com que o seu reino fosse mais conhecido pelas maldades e pelo desvio do culto a Deus. Foi um casamento misto, de proporções nacionais e apropriado para conflitos relacionados à fé. Como já era previsto, Jezabel exerceu forte influência na

vida do rei Acabe a ponto de a Bíblia dizer: “Porém ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor, porque Jezabel, sua mulher, o incitava” (1 Rs 21.25).

As Escrituras dizem que Acabe vendeu-se para fazer o que era mau aos olhos do Senhor. É como se ele olhasse para si mesmo, avaliasse o seu potencial, calculasse o seu preço e colocasse a si mesmo à venda. A Bíblia não diz que ele foi vendido; ela diz que ele vendeu a si mesmo. Essa é a história do casal, nos registros de Israel, que fez muito para desviar o povo da fé em Deus.

A verdade é que a Palavra de Deus mostra, pelo exemplo de Acabe e Jezabel, que a união sem a bênção de Deus geralmente conduz o casal e a família à idolatria ou mesmo a conflitos familiares desnecessários. Acabe já não temia ao Senhor e, ainda por cima, celebrou a sua união com uma princesa estrangeira, piorando, assim, a sua vida espiritual. Foi um casamento com peso político e espiritual contrários a Israel.

II – A SUA INFLUÊNCIA EM ISRAEL

1. Levando Israel à Idolatria

Como já percebemos, a liderança de um povo tem a capacidade de influenciar os liderados. Jezabel influenciou muito e negativamente a história de Israel quando se casou com o rei Acabe e levou consigo o culto a Baal. Esse culto trazia o costume da prostituição cultual, pois Baal era considerado o deus da fertilidade e era tido por senhor entre os fenícios.

Ba‘al era geralmente representado por um touro. Numa sociedade agrícola, a dependência dos elementos da natureza era primordial, e, enquanto os hebreus eram ensinados a confiar em Deus, que lhes mandava as chuvas e garantia a eles as colheitas, os povos vizinhos criam nos baalins e em Astarote, que, aos olhos dos seus adoradores, eram responsáveis por iniciar os processos que faziam a manutenção da vida.

Os cultos cananeus geralmente eram oferecidos tendo como elementos a prostituição cultual e a bebedeira. A quebra dos valores sexuais do casamento e a falta de discernimento trazida pela ingestão do vinho mostravam bastante o tipo de comportamento a que os seus adeptos estavam acostumados. Profetas desses deuses também ofereciam sacrifícios. Num caso específico, no Monte Carmelo, os profetas de Baal chegaram a cortar-se e a derramar o seu próprio sangue para que a sua voz fosse ouvida pelo seu deus. A própria Jezabel é descrita como uma pessoa que agia com prostituições e feitiçarias (2 Rs 9.22)

2. Perseguindo e Matando Profetas

É dito que Jezabel matou os profetas do Senhor (1 Rs 18.13). Os profetas de Yahweh representavam um forte apelo ao retorno do culto ao verdadeiro Deus, e Jezabel não desejava concorrência. Sem hesitação, ela ordenou a morte daqueles que eram porta-vozes do Eterno.

A nação de Israel, contudo, não podia ficar sem profetas. Ao matar grande parte dos profetas de Deus, Jezabel instituiu outros profetas, mas de Baal. Eles corroboravam as práticas dos fenícios, e as suas “profecias” não vinham do Espírito de Deus.

A profecia é fruto direto da revelação divina. Ela não advém dos estudos, da leitura de um texto sagrado, da sua análise, da interpretação e da homilética, pois essas são atividades do intelecto humano. Não foi pela atividade intelectual humana que Samuel ungiu Saul e Davi como reis, ou que Elias confrontou Acabe, ou que José, pai de Jesus, teve as orientações que preservaram a vida do recém-nascido Salvador. Somente as orientações vindas diretamente de Deus fizeram a diferença sobre a atividade do intelecto humano.

Em nossos dias, o Senhor Deus continua manifestando a sua presença por meio do dom de profecia, que é dado pelo Espírito. Tal dom não é consequência da reflexão teológica e exegética. Há grupos teológicos que

acreditam que a profecia deixou de existir logo após a Palavra de Deus ter a sua conclusão. Como diz A. A. Macrae:

> O novo período de profecia, assim como o anterior (cp. II, E), chegou ao fim quando essa parte da Palavra de Deus foi terminada. O fim desse período, quando novas revelações divinas não mais seriam dadas, não foi imediatamente perceptível. Assim como no AT, elas simplesmente cessaram. A Bíblia inteira estava escrita. Desde então os homens na igreja foram chamados de profetas apenas no sentido de apresentar ao povo de Deus as verdades recebidas, não por revelação direta, mas por um estudo cuidadoso da Palavra de Deus.[30]

Os problemas com essa colocação de Macrae são:

• Não há um respaldo bíblico sequer para que se diga que o dom de profecia cessou com a escrita da Palavra de Deus. Tal opinião baseia-se mais no racionalismo do que na exatidão escriturística.

• Em segundo lugar, a História da Igreja traz exemplos de pessoas que foram usadas por Deus não somente no dom de profecia, mas também em curas divinas, manifestação das línguas e operação de maravilhas.

• A Palavra de Deus, por sua vez, faz distinção entre o profeta e o pregador. Em nossos dias, é possível ver um pregador sendo usado no genuíno dom de profecia, trazendo revelações de Deus sem o sentido escriturístico; já no sentido bíblico, profetas são distintos de pregadores.

3. Matou um Inocente

Outro pecado cometido por Jezabel foi matar Nabote, o proprietário de uma vinha que ficava ao lado do palácio em Jezreel. Desejando ter mais um pedaço de terra, Acabe quis negociar a propriedade onde Nabote e os seus ancestrais plantavam uvas, mas Nabote recusou-se a fazer tal negócio, ainda

que lhe fosse mais proveitoso trocar as suas terras com o rei. A maligna rainha escreveu cartas para autoridades em nome do rei, ordenando que, após um jejum, Nabote fosse colocado em um lugar visível e fosse acusado por homens ímpios. Após isso, Nabote foi acusado de blasfêmias contra Deus e, em seguida, assassinado.

O que mais pesa nesse crime é o fato de que Nabote foi morto por causa de um falso testemunho, sob a acusação de que tinha blasfemado contra Deus. Jezabel não servia ao Senhor, mas usou o nome dEle para promover uma acusação contra Nabote e matá-lo. Nabote havia respeitado o direito de manter a herança da sua família, mas foi acusado de ser blasfemo e, ainda por cima, por homens que tinham deixado de lado a fé no Deus Eterno.

Gente sem Deus pode usar o nome dEle quando lhe convém. Dois homens, filhos de Satanás, deram um falso testemunho, e Nabote foi apedrejado até morrer.

O rei de Israel, ao receber a notícia da morte do seu vizinho, Nabote, simplesmente se levantou e apropriou-se das terras do morto. A maldade de Jezabel e o poder que tinha para orquestrá-la mancharam ainda mais a sua biografia.

III – O FIM DE JEZABEL

1. Tentou, com o Rei Acabe, Destruir Elias

Um dos profetas mais representativos da Antiga Aliança é Elias. Ele foi usado por Deus de forma impetuosa, realizou milagres e buscou restaurar em Israel a fé no Deus Eterno. Graças ao seu empenho em fazer isso, foi perseguido por decretar a seca no Reino do Norte, humilhando, dessa forma, o culto a Baal. Se não tinha chuvas na época correta, Baal não poderia ser reverenciado, pois acima dele estava o Deus verdadeiro de Israel, que fechou os céus e impediu que houvesse provisão.

O ódio de Jezabel para com os servos de Deus era tanto que ela mandou

matar os profetas do Senhor. Um mordomo chamado Obadias — homem temente e que escondeu 100 profetas do Senhor e manteve-os com pão e água — foi informado sobre o fato de Jezabel matar esses profetas (ver 1 Rs 18.4; 13). Mesmo assim, tal informação não impediu Elias de obedecer a Deus e ser usado poderosamente.

Jezabel teve a oportunidade de arrepender-se diante dos milagres ocorridos pelo ministério de Elias. Fazer descer fogo do céu, intervir na natureza impedindo a chuva e manter-se vivo quando caçado não foram eventos suficientes para ela pensar que o Deus de Israel não poderia ser comparado a qualquer outro deus, preservando a vida do servo dEle.

2. Deixou uma Semente, Atalia

Jezabel e Acabe tiveram uma filha por nome Atalia, que se casou com Jeorão, filho de Josafá. Da mesma forma como Jezabel trouxe males para o Reino do Norte, a sua filha trouxe um grande mal no Reino de Judá, pois ela convenceu o seu marido a seguir a Baal.

2 Reis 8.18,19 diz de Jeorão

> E andou no caminho dos reis de Israel, como também fizeram os da casa de Acabe, porque tinha por mulher a filha de Acabe, e fez o que era mal aos olhos do Senhor. Porém o Senhor não quis destruir a Judá por amor de Davi, seu servo, como lhe tinha dito que lhe daria para sempre uma lâmpada a seus filhos.

A influência de Jezabel passou, como vemos, à geração seguinte, a ponto de a descendência de Davi ficar mantida apenas por uma criança. Ela e Jeorão tiveram um filho chamado Acazias, que reinou no Norte. Jeú, o homem ungido para ser rei em Israel, matou Acazias e, quando Atalia soube que o seu filho foi morto, mandou matar toda a descendência de Davi, que reinava em Judá. Só Joás restou da linhagem de Davi, sendo escondido ainda criança no templo até que o sacerdote Joiada fez um levante contra a governante

assassina e restaurou, com o exército de Israel, o reino à casa de Davi. A situação era tão ruim nessa época em Judá que havia no reino um sacerdote dedicado a Baal chamado Matã (ver 2 Rs 11.18). Esse foi o legado de Jezabel passado para a sua filha.

3. Foi Morta segundo a Palavra do Senhor

Após ter no seu currículo a “baalização” das tribos do Norte e a matança de profetas do Senhor, o Eterno também julga Jezabel pelo assassinato de Nabote. Os crimes de Jezabel foram tão graves que Deus decretou a sua morte duas vezes. Elias disse: “E também acerca de Jezabel falou o Senhor, dizendo: Os cães comerão Jezabel junto ao antemuro de Jezreel” (1 Rs 21.23). O lugar que foi tomado de Nabote serviu de julgamento e punição para a rainha de Israel. A segunda vez que o Senhor fala dela é com o profeta Eliseu, quando este vai ungir a Jeú como rei sobre o Reino do Norte: “E ferirás a casa de Acabe, teu senhor, para que eu vingue o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor da mão de Jezabel” (2 Rs 9.7).

A morte de Jezabel levou um tempo para ocorrer. Entretanto, não devemos pensar que o Senhor deixou de punir a impiedade dela. Deus fez justiça contra as maldades dela quando Jeú, que foi ungido rei por Eliseu, entrou no palácio de Jezreel e mandou jogá-la de uma das janelas da habitação real.

Findava-se, portanto, a vida da feiticeira e prostituta Jezabel.

4. Apocalipse: uma Advertência a Jezabel

A imagem de Jezabel ultrapassa o Antigo Testamento. No livro de Apocalipse, uma mulher na igreja em Tiatira chamada Jezabel, profetisa, estava desviando pessoas na congregação.

> Tenho, porém, contra ti o tolerares (deixar agir) que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine,

mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas (carne) sacrificadas aos ídolos. Os fatos são os mesmos como os de Balaão, talvez com maior provocação e despudor, uma vez que a imoralidade desde já passa a ocupar o primeiro lugar (quanto aos detalhes, cf. Ap 2.14). Tampouco falta a propaganda aberta: em Tiatira, parece que se deixou o ensino da comunidade nas mãos da herege pregadora, enquanto os discípulos elogiados por Cristo recolheram-se ao campo do discipulado prático (cf. v. 19).

Em Pérgamo, ademais, existiam ainda duas linhas de proclamação lado a lado. Com certeza Jezabel é, nesse caso, um nome simbólico (nota 193). Cabe observar amargamente, também em vista da rainha israelita no AT, que ele poderia significar justamente — a casta. Através dela penetrou em Israel o culto sírio da fertilidade (1 Rs 16.31-33). Em 1 Rs 22.38; 2 Rs 9.30 talvez transpareça algo de seu caráter. Na verdade ela não pregou pessoalmente, mas trouxe ao país centenas de profetas da deusa gentílica de fertilidade (1 Rs 18.19), exterminou os profetas do Senhor (1 Rs 18.4,13) e intimidou Elias.

Assim tornou-se paradigma da profecia mentirosa. Em 1 Rs 21.25 é mencionado seu papel de sedutora e no v. 26 também se estabelece uma relação com o tempo de Balaão. Também no presente caso ela seduz os meus servos (como consta literalmente em 2 Rs 9.7; 17.13). São os membros da igreja que em Ap 1.1 são chamados de — seus servos. Dei-lhe tempo (prazo) para que se arrependesse. Apesar de que At 11.18 diz que Deus — concedeǁ arrependimento, ele não desloca simplesmente para o arrependimento. Ele não o arremessa contra a pessoa, como se lança o reboco contra uma parede. O ser humano não é

> tratado por Deus como uma parede, o que seria graça sem clemência. Ele dá espaço e tempo para a penitência. Ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição (imoralidade‖). Conforme Mt 23.37, Jesus manteve sua boa vontade em vigor por longo tempo.[31]

CONCLUSÃO

Jezabel teve a sua passagem pela história de Israel de forma lamentável. Serva de um falso deus, conseguiu influenciar o seu marido e filhos a seguir o seu caminho. A sua influência sobre Acabe para que o culto a Baal fosse realizado em todo o Israel foi vitoriosa, e ela não trocou o seu deus mesmo vendo o Deus de Israel intervindo na natureza e operando milagres. Mesmo adorando a um falso deus, Jezabel permaneceu fiel à sua fé, algo que deveria fazer toda a igreja pensar no seguinte: “Até que ponto somos tímidos em falar de Jesus, ou quantas vezes somos tentados a trocar nossa fé quando atingidos por circunstâncias que nos provam?”.

Jezabel, por causa da sua impiedade, foi julgada por Deus e entrou para a história bíblica como um exemplo a não ser seguido. Que isso nos sirva de lição! Servimos a um Deus vivo e não podemos substituir o Eterno por algo que não tem valor algum, nem ser influenciados por aqueles que não têm compromisso com Deus.

---

[29] TENEY, Merril C. Enciclopedia de Bíblia, volume 2. Cultura Cristã, 2008, p. 799.

[30] Enciclopédia da Bíblia, p. 1090.

[31] POHL, Adolph. Apocalipse de João. Curitiba: Comentário Esperança, 2001, p. 64.

CAPÍTULO 8

A Sunamita

Quando a Fé Faz a Diferença em Atitudes

> E ela disse ao seu marido: Eis que tenho observado que este que passa sempre por nós é um santo homem de Deus (2 Rs 4.9)

INTRODUÇÃO

A história de homens e mulheres de Deus é narrada na Bíblia de diversas formas. Mesmo em lugares onde existe uma aparente impiedade, o Senhor dá o seu testemunho na vida de pessoas que foram usadas ou abençoadas por Ele.

O período em que a sunamita viveu foi o da monarquia, no Reino do Norte. Não era efetivamente um dos períodos que poderíamos destacar como sendo de profunda devoção nacional a Deus. O Reino do Norte viu surgir profetas como Elias e Eliseu, homens que foram usados pelo Eterno de forma poderosa, pois era um reino que também tinha pessoas do naipe de Acabe e Jezabel.

No Reino do Norte, também havia pessoas aparentemente anônimas, cujas ações foram agradáveis aos olhos de Deus e que colocaram a fé e a generosidade como práticas pessoais, sendo, posteriormente, abençoadas por isso. Neste capítulo, trataremos de uma mulher de Suném, a quem a Bíblia

chama de sunamita. A narrativa da sua trajetória na Bíblia é curta, porém impressionante o suficiente para fazer-nos pensar que boas ações trazem boas recompensas e que Deus pode fazer além do que pedimos ou pensamos.

I – A MULHER QUE VIVIA EM SUNÉM

1. O Contexto

Suném era uma localidade situada no território destinado à tribo de Issacar, no sul da Galileia e ao norte de Samaria. Levando em conta que essa localidade era próxima a Jezreel, pode-se entender que Suném não estava distante dos acontecimentos que antecederam o ministério de Eliseu. É provável que Suném fosse um lugar que tivesse espaço para a permanência de grupos grandes de pessoas, pois, no reinado de Saul, após a morte de Samuel, os filisteus acamparam-se em Suném para atacar os hebreus naquela que seria a última guerra em que Saul participaria antes de tirar a própria vida.

No aspecto religioso, poucos anos antes do ministério de Eliseu, Acabe reinava em Israel, Reino do Norte, e implantou com Jezabel a adoração a Baal nos costumes do povo. Os embates de Elias contra os pecados do rei Acabe e Jezabel mostram a supremacia do Deus verdadeiro sobre os que se diziam deuses. Ainda assim, com tantos sinais, até à vinda do cativeiro assírio, reis ímpios revezavam-se no governo do povo de Deus.

2. Uma Mulher com Recursos e Atitudes Acolhedoras

Em nossos dias, dado à necessidade cada vez mais constante de privacidade, pessoas que se deslocam de um lugar para outro mais distante prezam por ficar em hotéis. Eles geralmente são seguros, oferecem um isolamento mínimo, comida, conforto e uma noite de descanso.

Em outros tempos, ficar na casa de famílias também era usual, mas esse

costume tem sido menos incentivado na atualidade. De qualquer forma, em casas familiares ou em hotéis, viajantes acham abrigo para descansar.

Não há o registro de que houvesse uma estalagem ou outro meio em que um viajante pudesse parar para alimentar-se e descansar naquela localidade. Eliseu, como profeta, deveria ter de percorrer diversos lugares, e o convite para comer pão na casa da sunamita foi bem-vindo como um momento de descanso e comunhão. Viagens costumam ser cansativas e, nos tempos antigos, também eram demoradas e desgastantes.

Eliseu teve tempo para comer e usufruir da hospitalidade daquele lar. Isso nos mostra que também é necessário ter espiritualidade para fazer vínculos de amizades que agradem ao Senhor: “[...] e sucedeu que todas as vezes que passava, ali se dirigia a comer pão” (2 Rs 4.8). A casa da sunamita tornou-se um refúgio para o profeta sempre que ele passava naquela região.

3. Um Santo Homem de Deus

De alguma forma, a santidade de Deus na vida do profeta havia sido expressa, e isso faz a diferença. Eliseu, pelo relato, somente comia pão na casa daquela mulher, não havendo registros de profecias ou milagres nessa parte do texto. Ao que nos parece, a santidade vista no profeta está mais associada à maneira como ele mantinha a sua postura. A verdadeira santidade é vista no convívio de pessoas santas com outras pessoas.

Pessoas santas refletem a sua comunhão com Deus para outras pessoas. A Palavra de Deus não nos diz que Eliseu trouxe alguma profecia àquela casa inicialmente, mas diz que ele foi considerado um homem santo. A santidade de Deus na vida de Eliseu não o impediu de interagir com a família da sunamita ou de alimentar-se na casa dela. Santidade não é isolamento.

Eliseu era um homem simples, não era dado ao luxo e nem se aproveitava da sua posição de profeta para lucrar com as coisas de Deus. Ele nunca vendeu uma profecia para ter bens, ou roupas caras, ou propriedades. O seu ministério foi impecável. E, desse mesmo jeito, ele portou-se como um santo

homem de Deus.

A santificação, como parte da atuação do Espírito Santo, é tratada desta forma:

> "A santificação é apresentada aqui no seu sentido mais amplo. A santificação é o processo mediante o qual Deus está purificando o mundo e os seus habitantes. Seu alvo derradeiro é que tudo, tanto as coisas animadas quanto as inanimadas, seja purificado de qualquer mancha de pecado ou de impureza. Com essa finalidade, Ele tem proporcionado os meios de salvação mediante Jesus Cristo. E, no fim dos tempos, Ele pretende consignar ao fogo tudo quanto não pode ou não quer ser purificado (Ap 20.11–21.1; ver também 2 Pe 3.10-13), e assim tirar da Terra tudo o que é pecaminoso.
>
> A tarefa do Espírito Santo na presente etapa da história da salvação é quádrupla: (1) levar o mundo à convicção, (2) purificar o crente mediante o sangue de Cristo, no novo nascimento, (3) tornar real na vida do crente o pronunciamento jurídico da justificação já feita por Deus e (4) revestir o crente de poder, a fim de que este possa ajudar no processo de santificação de outras pessoas por meio (a) da proclamação do Evangelho ao descrente e (b) da edificação do crente.
>
> É comum os teólogos empregarem o termo "santificação" somente com referência à terceira dessas quatro tarefas do Espírito Santo. Neste sentido mais estreito, A. H. Strong define a santificação como "aquela operação contínua do Espírito Santo, mediante a qual a santa disposição outorgada na regeneração é mantida e fortalecida". Charles Hodge concorda com o Catecismo de Westminster, que define a santificação como "a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo

> o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a justiça". Nada temos que objetar a tais explicações, mas consideramos a definição de Millard Erickson a mais clara, segundo o nosso modo de entender essa parte do processo. Ele diz: "E uma continuação do que foi começado na regeneração, quando então uma novidade de vida foi conferida ao crente e instilada dentro dele. Em especial, a santificação é santificação é a operação do Espírito Santo que aplica à vida do crente a obra feita por Jesus Cristo". (Horton, Teologia Sistemática, CPAD, p. 407)

II – MILAGRE E ADVERSIDADE

1. Um Cômodo para o Profeta

Estendendo a sua prática de hospitalidade, a sunamita e o seu esposo constroem um cômodo onde o profeta poderia descansar. Tal narração na Bíblia mostra que as decisões daquele lar eram tomadas com base no diálogo (2 Rs 4.9,10).

Quando há diálogo no lar, as ações são tomadas em consenso. Um quarto foi construído, servindo de refúgio para o homem de Deus. Dentro do local, havia utensílios simples, mas que trariam conforto ao ilustre viajante. O quarto ficava dentro da propriedade, do lado do muro, trazendo certa privacidade ao profeta.

Tal atitude foi tão nobre que Eliseu quis saber o que ele poderia fazer por ela. Nada mais natural para o homem de Deus, pois aquele casal não pediu nada em troca pela generosidade oferecida.

2. Uma Casa sem Filhos

A generosidade da sunamita trouxe ao profeta Eliseu o desejo de

retribuição. Nenhuma pessoa é tão abastada que não precise de nada. O homem de Deus perguntou a ela se havia algum favor que ela gostaria de receber do rei ou do chefe do exército, pois o profeta poderia interceder por ela às autoridades. Sendo abastada, a sunamita entendeu que não precisava de nada da parte do profeta. Ela não o acolheu esperando receber retribuição alguma e, quando questionada por Eliseu sobre que tipo de benefício ela gostaria de receber, respondeu simplesmente que habitava no meio do seu povo — uma forma de dizer que não tinha falta de nada.

Entretanto, o lar da sunamita não tinha uma criança, e quem reparou isso foi Geazi, moço de Eliseu. Nem mesmo o profeta percebeu aquela situação. Na cultura judaica, crianças sempre foram vistas como “herança do Senhor”. Na perspectiva do Antigo Testamento, aquela casa não estava completa. Uma casa sem crianças era um lar onde Deus não havia pousado a sua mão, abrindo o ventre para receber a chegada de uma “herança”.

Então, o profeta diz àquela mulher que “segundo o tempo da vida, abraçarás um filho” (2 Rs 4.16). A surpresa na declaração do profeta gera uma expectativa na sunamita, que, decorrido o prazo, teve um menino. Se faltava algo naquela casa, agora não faltava nada.

Passado o tempo da gestação, conforme a palavra de Eliseu, nasceu um menino, trazendo alegria àquela casa. O Senhor surpreendeu aquela família, completando o lar com uma criança. Isso pode parecer estranho em dias como os nossos, em que há um clamor de certos ramos da sociedade para dar permissão à mulher dar cabo da vida de crianças que ainda não nasceram. Deus valoriza a vida, e o presente que Ele deu para a sunamita foi um filho.

3. O Filho Morre

Passado algum tempo e tendo o menino já se desenvolvido e crescido, aquela família passou por um drama terrível: o menino sentiu uma dor de cabeça e, em seguida, morreu.

Como em nossos dias, a perda de um filho é sempre traumática, sendo

sempre pior para os pais. Apesar de não gostarmos de lidar com esse assunto, a ordem natural da vida é que os pais passem para a eternidade e, depois, os filhos. Espera-se que os pais envelheçam e terminem os seus dias com uma idade avançada. Quando essa ordem é rompida, há um processo doloroso de sentimento de perda.

A sunamita passou por essa situação com um agravante: ela perdeu o único filho que tinha. Há quem creia que pais que perderam um filho sentiram uma profunda dor, mas que tal infortúnio foi atenuado pela presença de outros filhos que permaneceram vivos na família. Esse, porém, não foi o caso da sunamita. O filho único que ela teve, dado por Deus, havia sido levado pela morte.

III – A AÇÃO DE DEUS NA VIDA DA SUNAMITA

1. Deus não Fala nada com o Profeta

Profetas são descritos na Bíblia como pessoas a quem o Senhor revelava informações necessárias. Todavia, nem sempre Deus fala tudo com os profetas. A sunamita dirigiu-se para falar com Eliseu, o homem santo de Deus. O filho dela estava morto. Ele precisava saber da dor daquela mulher e intervir de forma sobrenatural (ver 2 Rs 4.27).

Essa é uma narrativa singular, pois o sucessor de Elias, Eliseu, não tinha recebido qualquer revelação do Eterno sobre o que estava acontecendo com a sunamita. Todavia, aqui há um motivo: Deus queria que o profeta fosse à casa dela para que pudesse ver o que estava acontecendo e saber quais medidas deveria tomar.

Quando o Senhor fica calado acerca de alguma circunstância, é necessário termos o devido tato para saber o que está acontecendo. Há coisas que Deus espera que saibamos por meios naturais. Eliseu precisou ir à casa da sunamita para saber que o filho dela estava morto e, lá chegando, foi canal de um milagre para aquela família.

2. Deus Traz o Menino de Volta

Da mesma forma como a sunamita foi generosa com o profeta, construindo-lhe um quarto para descansar e colocando nele uma cama (2 Rs 4.10), Deus foi generoso para com ela, pois a ressurreição do seu filho ocorreu no mesmo quarto que foi construído para abrigar o profeta, na cama em que o corpo do menino havia sido colocado.

A ressurreição é uma verdadeira quebra da ordem natural pós-Éden. Não fomos criados por Deus para morrer, mas, por causa do pecado, fomos sujeitos à morte, e até que possamos ressuscitar no grande dia em que Cristo voltar, veremos pessoas que amamos sendo recolhidas.

O profeta entrou no seu quarto, onde estava o corpo do menino, e orou. Ele não tinha poder sobre a morte, mas sabia que Deus tem. O homem de Deus, após ter orado, agiu: deitou-se sobre ele, e o calor do seu corpo aqueceu o corpo do menino. Deus, então, traz de volta aquela criança para o convívio com os seus pais.

3. A Proteção de Deus na Adversidade

> Ora, o rei falava a Geazi, moço do homem de Deus, dizendo: Conta-me, peço-te, todas as grandes obras que Eliseu tem feito. E sucedeu que, contando ele ao rei como vivificara a um morto, eis que a mulher cujo filho vivificara clamou ao rei pela sua casa e pelas suas terras; então, disse Geazi: Ó rei, meu senhor, esta é a mulher, e este o seu filho, a quem Eliseu vivificou. E o rei perguntou à mulher, e ela lho contou; então, o rei lhe deu um eunuco, dizendo: Faze-lhe restituir tudo quanto era seu e todas as rendas das terras, desde o dia em que deixou a terra até agora. (2 Rs 8.4-6)

Eliseu, passados vários acontecimentos, disse à sunamita que o Senhor havia chamado para a terra um período de fome e que ela deveria mudar-se

daquele lugar com a sua família e retornar em outro momento. Passados sete anos, ela retornou ao Reino do Norte e precisou dirigir-se ao rei para pedir as suas terras de volta. Na sua ausência, as suas propriedades foram tomadas, e ela queria-as de volta. Como o rei não a conhecia e estava conversando com Geazi, moço de Eliseu, ouviu que o profeta havia ressuscitado o filho de uma mulher. Naquele momento, ela clamou ao rei, e este foi informado de que aquela mulher e o seu filho eram as pessoas que Eliseu, pelo seu ministério, havia abençoado. Então, o monarca ordenou que as suas terras e a renda dessas terras fossem devolvidas àquela família.

Esse foi o resultado de uma atitude generosa daquela mulher para com o homem de Deus.

CONCLUSÃO

A história da sunamita coloca-nos diante de algumas verdades fundamentais:

• Recursos dados por Deus devem ser usados com generosidade e misericórdia. A sunamita mostra-nos que podemos usar nossos recursos para fazer a diferença na vida de outras pessoas. As posses que ela e o seu marido possuíam foram usadas para abençoar um homem de Deus, e, por meio dessa postura, ela e o seu esposo foram grandemente abençoados.

• A sua história também nos fala que há momentos em que o Senhor permite-nos passar por situações adversas, mas que Ele sempre terá uma solução. O filho da sunamita faleceu, mas foi trazido de volta à vida pelo profeta que ela e o seu esposo abençoaram anteriormente. Em alguns casos, aqueles que abençoamos tornam-se nossos abençoadores depois.

• Por fim, mostra que nossas ações em benefício de outras pessoas, desde que seja de forma sincera, são aprovadas por Deus e que Ele retribui-nos no devido tempo. Quando foi necessário, houve um testemunho em favor da sunamita e o seu filho, de tal forma que as suas posses foram

restauradas após o período da fome. O Senhor não se cansa de abençoar aqueles que têm um coração abençoador.

CAPÍTULO 9

José

Fazendo a Diferença Aceitando a Jesus

INTRODUÇÃO

O plano de Deus para a salvação da humanidade, que foi iniciado em Gênesis, foi tendo continuidade até o momento em que Deus enviou o seu Filho ao mundo, “nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4).

Para que o plano da salvação fosse continuado, era necessário não apenas que o Filho de Deus assumisse a forma humana, encarnando e tornando-se um ser humano. Ele precisaria crescer em um ambiente familiar, de pais judeus tementes a Deus e conscientes de que haviam sido escolhidos para uma obra fora do comum como casal: prover um lar para Jesus, dar a Ele uma educação e uma profissão.

Tal missão não seria simples de forma alguma. O Filho de Deus não poderia ter um pai humano natural, e sim adotivo. Esse pai deveria confiar em Deus não somente para crer que Ele estava agindo de forma sobrenatural, mas igualmente crer para sujeitar-se ao que o Senhor havia ordenado. Caso obedecesse, seria uma pessoa responsável por cumprir profecias relacionadas à salvação de todo o mundo.

Nesse aspecto, trataremos da pessoa de José, o carpinteiro escolhido por Deus para ser o pai terreno do Senhor Jesus Cristo.

I – JOSÉ ANTES DE JESUS

1. Um Noivo Justo

O contexto em que nos é apresentado José no Novo Testamento corresponde a uma interseção com o Antigo Testamento. Mateus liga o Antigo com o Novo, dando, assim, continuidade ao texto por meio de uma genealogia.

O início da história de José ocorre quando ele é apresentado como noivo de Maria e fica sabendo que a sua noiva está grávida. Mateus não comenta como a notícia da gravidez de Maria foi passada por ela mesma a José. De acordo com as Escrituras, e assim cremos, a jovem Maria ficou grávida por meio do Espírito Santo e precisou ter muita fé e confiança em José para dizer a ele que a sua gravidez fora sobrenatural, pois ela mantinha a sua virgindade. Dada a notícia, José pensou em deixá-la. Como se explica naturalmente uma mulher virgem estar grávida?

Todavia, a Palavra de Deus destaca que José era um homem justo.

> José poderia ter reagido de muitos modos. Ele poderia ter envergonhado Maria publicamente, exigido que ela fosse apedrejada como adúltera ou poderia ter desaparecido na noite. Ao invés disso, José tentou encontrar uma solução que agradasse a Deus e poupasse Maria.[32]

O que faz uma pessoa tornar-se justa aos olhos de Deus? O *Comentário Bíblico Hispano* oferece um esboço, que amplio neste texto:

- É a atitude que vem da compreensão. Antes de tomar qualquer atitude que venha de forma impetuosa, a justiça, na perspectiva divina, nos leva a agir de forma compreensiva, não apenas para com as pessoas que nos cercam, mas também para entender a situação, o que realmente está acontecendo.

• Quando não há espírito vingativo. A vingança parte de uma premissa de que sempre estaremos certos em nossas demandas, e que se de alguma forma fomos lesados em algo que entendemos ser um direito nosso, devemos ter o direito à retribuição. A justiça, na perspectiva divina, nos dirige a ser pessoas não vingativas.

• Quando não há intenção de ferir. José não teve a postura de agredir sua noiva, ou de feri-la com palavras, pois a justiça, na perspectiva divina, conduz o ser humano na contramão da agressividade.

• É um comportamento que surge da maturidade espiritual. Somente pessoas amadurecidas no Espírito conseguem entender que podem obedecer a Deus mesmo quando as circunstâncias parecem levá-las a tomar atitudes meramente humanas.

• Vem de uma pessoa que possui uma estreita relação com Deus. Nada é falado sobre a relação entre Deus e José antes de o carpinteiro participar da história da Salvação, mas se Deus o escolheu para ser o pai adotivo de Jesus, é porque José tinha um profundo amor por Deus, a ponto de obedecer ao Eterno sempre que recebia uma orientação para tal.

• Age corajosamente de acordo com a revelação do Senhor. Diante de tantas mudanças ocorrendo de forma rápida em sua vida, José poderia ter estacionado e decidido não agir de forma.

2. Um Homem Respeitador

A Palavra diz que José, mesmo tendo recebido Maria como a sua esposa, não a “conheceu” até que ela deu à luz. Ele teve respeito por Maria na sua gravidez, numa mostra clara de amor e de domínio próprio. Enquanto em nossos dias jovens trocam intimidades sem estarem casados, atraindo para si problemas futuros de consciência e até mesmo doenças ou gravidez indesejada, José mostra-nos o exemplo de justiça que foi vista por Deus nele.

Ainda no tocante ao aspecto que tange à vida conjugal de José e Maria, a Palavra diz que José "[...] não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe o nome de Jesus" (Mt 1.25). Já casados, não havia qualquer impedimento legal em José "conhecer" Maria, pois era a sua esposa. Entretanto, ele entendeu que, como casal, haviam sido escolhidos por Deus para um acontecimento extraordinário. Dessa forma, José só consumou as suas núpcias após o nascimento de Jesus. Maria foi a sua por mulher e teve outros filhos.

> Em Israel um noivado significa muito mais que entre nós. Sob aspecto jurídico, o noivado era equivalente ao matrimônio, pois a noiva já era considerada legalmente como esposa. Se um noivo morria, a mulher tinha se tornado "viúva"! O casamento propriamente consistia apenas na solene cerimônia de levar a noiva para a casa do noivo.
>
> Por isso é que já em Deuteronômio 5.23s a noiva é chamada de *mulher* de seu noivo. Em vista disso também se tornam compreensíveis no cap. 1 as expressões que dizem, no v. 19, José, *esposo* da Maria; v. 20: Maria é a *mulher* de José, e v. 24: José recebeu a sua *mulher*, apesar de que ainda se pensa na *relação de noivos*! Portanto, entre os judeus o noivado era o início do matrimônio legalmente contraído. As bodas na verdade eram apenas a festa de buscar a noiva para casa (cf. Mt 25). Então teria início a convivência doméstica e conjugal!
>
> Quando uma noiva tinha mantido relações com outro homem que não o seu noivo, o direito judaico considerava esse fato como *adultério*. O adultério era castigado com a morte por apedrejamento, aplicado a ambos, ao homem e à mulher. Sendo Maria filha de um sacerdote, consideravam-se ainda outros agravamentos da pena. O adultério de uma filha de sacerdote era

> castigado com a morte por fogo. O sedutor era estrangulado. É verdade que, sob o domínio romano, a pena de morte foi tirada dos judeus e era executada somente pelos romanos. Em João 18.31 os judeus dizem a Pilatos: “Não nos é lícito matar ninguém”. Contudo, expor no pelourinho, publicamente, isso estava na ordem do dia, sem problemas.[33]

3. Um Homem Obediente

Obediência é uma característica que Deus espera ver em nós. E, pela Escritura, percebemos que José era um homem obediente. Ao saber da gravidez da sua noiva, quando pensou em deixá-la, voltou atrás na sua decisão por orientação de Deus.

> “O fato de Maria “achar-se” gravida não sugere uma tentativa sub-reptícia de encobrimento de alguma coisa (“achou-se”), mas apenas que a gravidez dela se tornou evidente. Essa gravidez aconteceu por intermédio do Espírito Santo (fato ainda mais proeminente na narrativa do nascimento de Lucas). Não há nenhum indício de deidade humana pega copulando em termos grosseiramente físicos. Ao contrário, o poder do Senhor, manifesto no Espírito Santo que se esperava fosse ativo na era messiânica, realizou milagrosamente a concepção.
>
> 1. A peculiar expressão grega apresentada nesse versículo permite diversas interpretações. Eis as três mais importantes. 1. José, por saber da concepção virginal, era um homem justo e não queria tornar o assunto público (i.e., divulgar essa concepção milagrosa), sentiu-se indigno de continuar com seu plano de casar com pessoa tão altamente favorecida e planejava desistir do casamento (conforme Gundry, *Matthew [Mateus*]; McHugh, p. 164-72; Schlatter). Isso pressupõe que Maria contou a Jose a

respeito da concepção.

2. Não obstante, a forma natural de ler os versículos 18 e 19 e que Jose soube da condição de sua noiva quando ela se tornou evidente, e não quando ela lhe contou. Além disso, o motivo apresentado pelo anjo para que Jose prosseguisse com o plano de casamento (v. 20)

3. José, por ser um homem justo, não podia, em sã consciência, casar com Maria, agora sabidamente infiel a ele. E por esse casamento ser uma admissão tácita de sua própria culpa, e também por ele não querer expô-la a desgraça do divórcio público, José escolheu uma solução mais discreta permitida pela lei. O pleno rigor da lei poderia levar ao apedrejamento de Maria, embora este acontecesse raramente no século I. Contudo, era possível um divórcio público, embora aparentemente Jose não estivesse disposto a expor Maria a essa vergonha. A lei também permitia o divórcio privado diante de duas testemunhas (Nm 5.11-31;

As palavras iniciais do anjo: “Jose, filho de Davi”, ligam essa perícope à genealogia precedente, mantém o interesse no tema do Messias davídico e, da perspectiva de Jose, alerta-o para a relevância do papel que ele tem a desempenhar. A admoestação: “Não tema”, confirma o fato de que Jose ja decidira o caminho a seguir quando Deus interveio. Ele tinha de “receber” Maria como esposa — expressão que reflete principalmente os costumes de casamento da época, mas não exclui o intercurso sexual (cf. TDNT, 4:11-14, para outros usos do verbo) — porque a gravidez de Maria era um ato direto do Espírito Santo (Carson, Comentário de Mateus, Vida Nova, pag 100 e 101)

Em Israel um noivado significa muito mais que entre nós. Sob

aspecto jurídico, o noivado era equivalente ao matrimônio, pois a noiva já era considerada legalmente como esposa. Se um noivo morria, a mulher tinha se tornado “viúva”! O casamento propriamente consistia apenas na solene cerimônia de levar a noiva para a casa do noivo. Por isso é que já em Deuteronômio 5.23s a noiva é chamada de mulher de seu noivo. Em vista disso também se tornam compreensíveis no cap. 1 as expressões que dizem, no v. 19, José, esposo da Maria; v. 20: Maria é a mulher de José, e v. 24: José recebeu a sua mulher, apesar de que ainda se pensa na relação de noivos! Portanto, entre os judeus o noivado era o início do matrimônio legalmente contraído. As bodas na verdade eram apenas a festa de buscar a noiva para casa (cf. Mt 25). Então teria início a convivência doméstica e conjugal! Quando uma noiva tinha mantido relações com outro homem que não o seu noivo, o direito judaico considerava esse fato como adultério. O adultério era castigado com a morte por apedrejamento, aplicado a ambos, ao homem e à mulher. Sendo Maria filha de um sacerdote, consideravam-se ainda outros agravamentos da pena. O adultério de uma filha de sacerdote era castigado com a morte por fogo. O sedutor era estrangulado. É verdade que, sob o domínio romano, a pena de morte foi tirada dos judeus e era executada somente pelos romanos. Em Jo 18.31 os judeus dizem a Pilatos: “Não nos é lícito matar ninguém”. Contudo, expor no pelourinho, publicamente, isso estava na ordem do dia, sem problemas. Com base no exposto podemos, agora, compreender bem o v. 19. 19 Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Decepcionado, José teve que constatar: aconteceu adultério por parte de Maria. Mas não podia sequer imaginá-lo, considerando a religiosidade e pureza de conduta da Maria. Como devem ter

sido terríveis os sofrimentos na alma de José. Contudo, não lhe deve ter feito quaisquer recriminações. Deve ter silenciado, sem perguntar, para não magoar Maria. Como homem “justo”, como o v. 19 o define, José deve ter sofrido uma enorme tensão, a saber entre o amor por Maria e a obediência à lei. Como homem justo (i. é, como um homem religioso nos termos do AT, que cumpria a lei), não podia casar com uma adúltera, sob pena de tornar-se culpado do adultério. Portanto, devido à lei, ele precisava divorciar-se de Maria. Havia dois caminhos para esse divórcio de José: publicamente, isto é, mediante um processo, ou privadamente, por acordo tácito mediante uma carta de divórcio. Consequência do processo seria uma pena, que no domínio romano consistiria em expor Maria à vergonha pública. José não queria isso. A palavra grega para “vergonha pública” ou “exposição no pelourinho” retorna em Cl 2.15. José escolheu o outro caminho, que era separar-se entregando a Maria uma carta de divórcio, privadamente, com o consentimento dela. A Maria dava-se, assim, a possibilidade de se casar com aquele que mantivera relações com ela. Desse modo, o escândalo não viria a público. Tudo teria permanecido na esfera interna. Na verdade, a tradução de que José tinha a intenção de “deixá-la secretamente” não é bem correta, porque pode ser interpretada mal, no sentido de que José desapareceria secretamente, abandonando Maria. – Uma ação dessas seria contrária ao caráter de José, que era “justo”. Será que Jesus seria nascido como filho de uma adúltera? Tudo parecia pressionar nessa direção! O testemunho de Maria, a única que sabia da verdadeira situação, não seria capaz de impedir José de executar sua decisão de se separar dela. Pelo contrário, uma explicação de Maria sobre a verdadeira situação lhe teria parecido como uma afirmação inacreditável.

> Por isso Maria persistiu no silêncio! Com certeza lamentou-se muito sob essa angústia, de ter de observar o sofrimento indizível de seu noivo. Nessa circunstância incrivelmente tensa, em que não se vislumbrava saída alguma, e na qual pareciam sobrar para as duas pessoas religiosas José e Maria apenas o adultério e a vergonha, tornava-se necessária a intervenção de um poder maior, a saber, o poder do próprio Deus![34]

4. José Recebe Maria como a sua Esposa

Após essas questões, vemos na Palavra que José é orientado a receber Maria sem receio (Mt 1.20), e ele cumpriu o que lhe foi ordenado por Deus.

> O significado das palavras “levou sua esposa para sua casa” fica elucidado quando a expressão é confrontada com o v. 18: “antes de começarem a viver juntos” [...]. Embora José e Maria agora estivessem juntos na mesma casa, não praticaram relações sexuais um com o outro até que Maria deu à luz a Jesus. Porque isso foi assim não nos é relatado. Essa decisão teria sido motivada pela elevada consideração que o casal tinha por aquele que fora concebido? Ou se abstiveram para evitar qualquer alegação de que o próprio José era o pai da criança? Seja o que for que tenha levado o casal a evitar relações sexuais, há razões suficientes para crer que depois do nascimento da criança a abstenção foi interrompida.[35]

> O anjo chamou José de filho de Davi, e isto significava que José tinha um papel especial em um evento especial. O anjo explicou que José deveria receber Maria como sua esposa, pois a criança deveria pertencer à linhagem real de Davi. José não precisaria temer receber Maria como sua esposa — a despeito das repercussões sociais que isso poderia provocar. Maria não tinha

> cometido nenhum pecado. O próprio Deus havia preparado essa gravidez, e este filho seria muito especial — Ele seria o Filho de Deus.[36]

Ainda sobre esse tema,

> Embora soubesse que tomar Maria como esposa podia ser humilhante, José preferiu obedecer à ordem do anjo, casando-se com ela. Ele não hesitou. A decisão deixara de ser difícil, pois ele simplesmente fez o que sabia ser a vontade de Deus. Aparentemente, José estava quebrando a tradição quando recebeu Maria como sua mulher, pois o habitual período de um ano de espera ainda não tinha se passado. Entretanto, ele fez o que Deus mandou e "concluiu" o trâmite do casamento, levando Maria para viver consigo. Não importava o estigma social, não importava o que as más línguas locais dissessem ou pensassem sobre sua atitude, José sabia que estava obedecendo à ordem de Deus ao se casar e cuidar de Maria durante a sua gravidez.[37]

II – JOSÉ, PAI DE JESUS

1. Era Trabalhador

O Antigo Oriente possuía um cenário econômico vivo, e muitas profissões eram desenvolvidas. A carpintaria era uma das profissões da época, e José era carpinteiro. O pai terreno de Jesus não era um homem preguiçoso. O seu trabalho consistia em escolher madeiras de qualidade para que fossem trabalhadas e colocadas em estruturas de construções. Barcos eram geralmente feitos de madeira. Portas, telhados e mesas também eram feitos com essa matéria prima.

Ele honrou a Deus com a sua profissão. Sendo pai terreno de Jesus, deu-nos o exemplo de ser um homem que agradava ao Senhor com o seu

profissionalismo. Aqui cabe uma observação: o trabalho dignifica o ser humano, e devemos ser exemplos de profissionais reconhecidos por excelentes trabalhos feitos em nossos labores. Se entendermos que Jesus, no tocante ao seu empenho junto ao seu ministério, em parte teve a iniciativa que aprendeu do seu pai terreno, entenderemos que quem serve a Deus deve ter uma vida produtiva, que faça a diferença com o seu trabalho. “Viste um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte” (Pv 22.9).

2. Cumpriu o Papel de Ser Pai Terreno

José pode ser considerado o primeiro homem a “aceitar” a Jesus. E o Filho de Deus, encarnado, precisaria de um exemplo de pai. Pense no trabalho que pode ter sido ajudar a cuidar de um bebê, ensinar Jesus a falar, a obedecer aos seus pais, a ter respeito pela Lei de Deus e pelos costumes do seu povo. O papel de pai de Jesus foi cumprido por José. Sobre ele e Maria, estava a responsabilidade de dar ao bebê o nome de Jesus, educá-lo e dar-lhe uma profissão conforme a orientação de Deus. E o papel da adoção era aceito nas sociedades mais antigas.

> No período patriarcal, o antigo Oriente Próximo praticava algo semelhante à adoção. A descoberta das inscrições nas barras de Nuzu revelou esse costume pelo qual um casal sem filhos adotava um filho adulto para servi-los enquanto vivessem e enterrá-los quando morressem. Em troca, esse filho adotivo teria direito de receber a herança, a não ser que, posteriormente, o casal viesse a ter um filho. Nesse caso, o filho natural se tomaria o principal herdeiro (veja ANET, pp. 219s.). Embora nenhuma lei sobre adoção tenha sido formulada no AT, esse costume pode muito bem estar refletido no relacionamento entre Abraão e Eliézer (Gn 15.2-4). Algo muito próximo a uma adoção legal

também pode ser visto no caso dos netos de Jacó, Manassés e Efraim (Gn 4B.5) com uma fórmula reconhecida de adoção, “seja chamado neles o meu nome” que aparece no verso 16 (cf. código de Hamurabi #185, ANET, p. 174). Provavelmente Labão tenha elevado Jacó à posição de filho adotivo, pela qual Jacó deveria executar serviços (Gn 29.15) e que dava a Labão direitos legais sobre os filhos de Jacó (Gn 31,28,43,55).

Outros casos de adoção podem ser mencionados em 1 Reis 11.20 e 1 Crônicas 2.34,35. Os detalhes dessas práticas do AT não parecem ter influído no uso desse termo pelo NT Paulo é o único que emprega a palavra grega *huiothesia* e somente cinco vezes (Rm 8.15,23; 9.4; G14.5; Ef 1.5). Em Romanos 9.4 ele faz referência à privilegiada posição dos judeus como povo eleito de Deus, aludindo a Êxodo 4.22 onde o Senhor chama Israel de seu filho, seu primogénito (cf. Dt 7.6-8; Is 43.6; Jr 3.19; 31.9; Os 11,1).”[38]

A adoção era um aspecto muito comum da maneira de viver dos gregos e romanos. Se não houvesse filhos em uma família, o marido podia adotar um filho ao qual seria concedida a herança. A pessoa a ser adotada não podia ter pais vivos, mas isso não impedia os procedimentos da adoção porque as famílias muitas vezes estavam dispostas a ceder os seus filhos, que, dessa maneira, teriam melhores oportunidades na vida. Quando uma criança era adotada, o pai natural perdia toda a autoridade sobre ela, enquanto o pai adotivo adquiria controle total sobre o seu novo filho. Na história romana, um exemplo notável dessa prática encontra-se na administração do imperador Augusto. Entendendo que não possuía nenhum herdeiro responsável pelo seu trono, resolveu adotar um. Quando esse herdeiro faleceu, ele

> adotou outro e, finalmente, decidiu-se por Tibério, que o sucedeu no ano 14 d.C, (Dicionário Wicliffe, 2012, pp. 29,30)

No tocante ao aspecto da Salvação, Stanley Horton traz, sob a perspectiva teológica:

> A doutrina da adoção, no Novo Testamento, leva-nos, desde a eternidade passada e através do presente, até a eternidade futura (se for apropriada semelhante expressão). Paulo diz que Deus "nos elegeu nele [em Cristo] antes da fundação do mundo" e "nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo" (Ef 1.4,5). Diz também, a respeito de nossa experiência presente: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito93 de adoção de filhos [*huiothesia*],94 pelo qual clamamos [em nosso próprio idioma]: *Aba* [aramaico: Pai], Pai [gr. *ho patêr*]" (Rm 8.15). Somos plenamente filhos, embora ainda não sejamos totalmente maduros. Mas, no futuro, ao deixarmos de lado a mortalidade, receberemos "a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23). A adoção é uma realidade presente, mas será plenamente realizada na ressurreição dentre os mortos.95 Deus nos concede privilégios de família mediante a obra salvífica do seu Filho incomparável, daquEle que não se envergonha de nos chamar irmãos (Hb 2.11).[39]

III – EXEMPLO DE OBEDIÊNCIA

1. Pela sua Obediência, Deus Cumpriu a sua Profecia

Deus não deixou de registrar que Mateus 1.22 diz: "Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta". Esse texto coincide com o anúncio da gravidez de Maria e o propósito do

nascimento de Jesus. No capítulo 2.15, é dito por Mateus que José, tendo ido para o Egito por orientação divina, retornou de lá por ordem igualmente divina, cumprindo a Palavra, que diz: “Do Egito chamei meu Filho” (Mt 2.15). Um segundo texto, Mateus 2.23, mostra Jesus ainda pequeno sendo levado para a região da Galileia a uma localidade chamada Nazaré, cumprindo o que fora dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno” (Mt 2.23). É notório que a obediência constante de José à orientação do Eterno colocou-o nas Escrituras como um homem que foi usado por Deus para cumprir profecias acerca de Jesus. José não cumpriu todas as profecias que orbitavam acerca da pessoa de Jesus, mas as referências que apontam a sua participação no plano da salvação são suficientes para que os cristãos vejam-no como um exemplo.

2. A Obediência Substitui o Medo

À medida que obedecemos a Deus, garantimos não apenas o cumprimento do projeto dEle para nossas vidas, mas igualmente a presença dEle guardando-nos. Deus utilizou-se de meios simples e discretos para proteger a família de Jesus. Ele não disponibilizou um exército de anjos de forma visível para intimidar Herodes. Da mesma forma simples com que Jesus foi usado no seu ministério, Deus usou José para garantir a integridade da família na qual Jesus foi criado. O segredo está em ser fiel a Deus, substituindo o medo pela obediência. À medida que José obedecia, Deus trazia-lhe outra orientação, garantindo, assim, a sua segurança.

> Mesmo antes que o pequenino bebê começasse a falar, os poderes mundanos, liderados pelo próprio Satanás, estavam se movimentando contra Ele. O cruel rei Herodes, que havia matado três dos seus próprios filhos a fim de garantir o poder, estava receoso de perdê-lo, portanto elaborou um plano para matar a criança que havia nascido como “rei dos judeus”.

> Dominado pela loucura, Herodes mandou matar crianças inocentes, esperando matar também essa criança especial. Herodes manchou suas mãos com sangue, mas não feriu Jesus. Ninguém pode impedir os planos de Deus.[40]

Quem conhece bem a história de Herodes, o Grande, entende perfeitamente por que a cidade ficaria alarmada com a notícia de um rei irritado. Na sua fúria com as rivalidades e ciúmes entre os membros da sua família, Herodes matou os dois filhos de Mariana (Aristóbulo e Alexandre), a própria Mariana e Antípater, outro filho e, outrora, o seu herdeiro, além do irmão e mãe de Mariana (Aristóbulo e Alexandra) e o avô dela, João Hircano. Ele fazia um testamento depois do outro e agora padecia de uma doença fatal. A pergunta dos magos o deixou extremamente furioso. Ele externou a sua agitação, colocando a cidade inteira em alvoroço. As pessoas sabiam muito bem o que ele poderia fazer quando ficava com raiva por seus planos terem sido atrapalhados. “O estrangeiro e usurpador temia o rival, e o tirano receava que o rival fosse acolhido favoravelmente.” Herodes era um detestável idumeu (AT Robertson, Comentário Mateus, CPAD, pag 38)

3. O Papel do Sobrenatural na Vida de José

Um dos exemplos que nos deixa José é o de obediência a Deus. A cada vez que o Senhor falava, José obedecia. Em Mateus, está escrito que Deus falou por meio de sonhos com José quatro vezes. Na primeira vez, para não ter receio de receber Maria, tendo-a recebido como a sua esposa (Mt 1.20). Na segunda vez, José deveria levar a sua família para o Egito para proteger Jesus (Mt 2.13). Na terceira, a orientação era para que voltasse a Israel (Mt 2.20) e, na quarta, para que fosse morar com Maria e Jesus na Galileia (Mt 2.22). A cada orientação, um passo de obediência.

CONCLUSÃO

Duas breves lições são-nos trazidas sobre a vida de José e a sua participação no plano da salvação sendo pai adotivo de Jesus.

A vida de José mostra-nos que justiça é mais do que dar a cada um segundo aquilo que ele merece. José foi considerado justo por Deus porque não quis agir de forma pública contra Maria, porque foi temente a Deus e porque decidiu ser obediente às orientações do Eterno.

Também vemos em José que a contínua obediência às orientações de Deus garante não apenas a segurança de que precisamos para andar com Ele, como também os cuidados dEle em todos os momentos.

---

[32] KENDRICK, Michael. LUCAS, Daeyl. 365 Mensagens Inspiradas em Personagens da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 2002 p. 239.

[33] RIENEKER, Fritz. Comentário Esperança - Mateus, 1998, p. 20.

[34] RIENECKER, Fritz. Comentário Bíblico Esperança – Mateus.

[35] HENDRIKSEN, Willian. Mateus. Cultura Cristã, p. 206.

[36] Comentário do Novo Testamento – Aplicação Pessoal, Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 22.

[37] Comentário do Novo Testamento – Aplicação Pessoal, Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 22.

[38] PFEIFFER, Charles F. VOS, Howard F. REA, John. Dicionário Wicliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 29.

[39] HORTON, Stanley. Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 374.

[40] Comentário do Novo Testamento – Aplicação Pessoal, Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 25.

CAPÍTULO 10

João Batista

Prepare o Caminho do Senhor

INTRODUÇÃO

Findo o Antigo Testamento, anos de silêncio sobre a atividade profética escrita pairam na história de Israel, até que o Senhor manifesta-se de forma sobrenatural a Maria e José, anunciando o nascimento de Jesus, e a Simeão, no Templo, a quem o Espírito Santo havia prometido que não morreria sem ver o Cristo de Deus. Antes, porém, desses acontecimentos, o Senhor anunciou o nascimento do arauto do Messias. Um casal de idosos em Israel foi contemplado para receber "a voz do que clama no deserto", aquele que seria chamado por Jesus de "o maior dos profetas", João Batista.

Neste capítulo, falaremos um pouco sobre esse homem, nascido sacerdote, porém chamado por Deus para exercer o ministério profético, preparando o caminho do Senhor. Como disse Matthew Henry, há pessoas que aparecem na narrativa bíblica já adultos. Há, no entanto, outras pessoas que Deus faz questão de mostrar a história mesmo antes do seu nascimento, como foi o caso de Samuel e o de João Batista.

I – UM NASCIMENTO SOBRENATURAL

1. Resposta de Oração

Da mesma forma que Samuel, a história de João Batista inicia-se com uma

oração. Um casal de idosos — Zacarias, da linhagem sacerdotal, e a sua esposa, Isabel — orava pedindo a Deus pela oportunidade de ter um filho um dia. O passar do tempo não retirou daqueles anciãos o anseio de ter uma criança nos braços.

Deus fez questão de dizer ao sacerdote Zacarias que ele seria pai e, para dar essa notícia, enviou o anjo Gabriel. Aparições angelicais não eram comuns. Se um anjo aparecesse para trazer uma notícia, era porque a notícia era, de fato, muito importante e que a pessoa que receberia a notícia era, de igual forma, muito importante também, pois, de certa forma, Deus desejava falar com ela de forma específica. No caso de Zacarias, todo esse aparato divino era em resposta às suas orações.

2. A Revelação no Templo

Lucas diz que Zacarias recebeu a notícia de que seria pai quando servia ao Senhor no Templo. Segundo Marvin Vincent,

> Literalmente, o serviço diário [...] o grupo de sacerdotes era dividido em vinte e quatro “ordens” ou equipes. Cada uma dessas ordens executava as suas tarefas ao longo de oito dias, de um sábado ao outro, uma vez cada seis meses. O serviço semanal era subdividido entre as várias famílias que compunham a equipe. No sábado, a ordem inteira estava trabalhando. Nas datas festivas, qualquer sacerdote poderia assumir o ministério no Santuário, e na Festa dos Tabernáculos, todas as vinte e quatro ordens tinham a obrigação de se apresentarem e de assumirem os seus ofícios. A ordem de Abias era a oitava dentre as vinte e quatro. (Vincent, vol. 1, 2012, p. 209)

Vincent dá prosseguimento ao seu comentário tratando também sobre o ato de oferecer incenso, o momento em que Zacarias tem o encontro com Gabriel:

> O sacerdote encarregado pelo incenso e seus assistentes seguiam para o altar do holocausto, e enchiam um incensário de ouro com incensos; em seguida, colocavam brasas ardentes do altar em uma bacia de ouro. Enquanto passavam do Santo Lugar para o pátio, tocavam um grande instrumento chamado *magrefá,* o que convocava todos os ministros aos seus postos. Subindo os degraus rumo ao santo lugar, os sacerdotes espalhavam as brasas sobre o altar de ouro e preparavam o incenso, e o sacerdote que liderava o ofício era, então, deixado a sós dentro do Lugar Santo, a fim de esperar o sinal do presidente para efetuar a queima do incenso. Foi, provavelmente, nesse momento que o anjo apareceu a Zacarias. Quando o sinal foi dado, toda a multidão se retirou do pátio interno e caiu prostrada diante do Senhor. O silêncio invadiu o templo, ao passo que na sua parte interna, as nuvens de incenso subiam para diante de Jeová (Vincent, vol. 1, 2012, p. 210)

A história de João Batista desenvolve-se com o encontro de Zacarias, sacerdote de Deus, com o anjo Gabriel, que aparece em um momento em que Zacarias vai oferecer incenso no santuário. O anjo começa dizendo ao sacerdote que ele não deveria ter medo: “tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho (Lc 1.13). O sacerdote era um ancião, e sem filhos, e pedia em oração para ser pai, e Deus enviou um anjo para responder que aquela oração foi ouvida.

Essa mensagem deveria trazer alegria a Zacarias, mas não foi isso que ocorreu. Ele não conseguiu acreditar no que ouviu. Diante de si, décadas de oração foram respondidas, mas, ainda assim, a surpresa causou-lhe incredulidade, não alegria. Orlando Boyer, comparando os diálogos de Maria e Zacarias com Gabriel, observa:

> Como saberei isto?... (v. 18): Zacarias sabia do nascimento de

Isaque a Abraão e Sara quando os dois eram de idade avançada, Hb 11.11,12; Gn 15.4; 17.5,15-19; 21.1,2. Assim se tomaram os pais de uma grande nação, Gn 22.17,18. Mas Zacarias tinha orado durante tantos anos que não podia acreditar no momento em que veio a resposta. Quantas vezes já oramos pedindo uma coisa essencial e ficamos surpreendidos ao recebê-la? (Compare At 12.5-16).

Note-se a grande diferença entre esta pergunta de Zacarias e a de Maria, v. 34. A pergunta de Zacarias indica dúvida de tudo acerca do nascimento dum filho. A de Maria mostra que ela desejava somente saber a maneira de a resposta ser cumprida. Eu sou o Gabriel... (v. 19): Foi o mesmo anjo que interpretou a Daniel o sentido da visão dum carneiro e dum bode, e que foi voando rapidamente para esclarecer a Daniel acerca das setenta semanas, Dn 8.16; 9.21. Foi o mesmo anjo que foi enviado a Maria, Lc 1.26. Sem dúvida, Zacarias se lembrava depois do triste contraste entre sua fé enquanto ministrava sossegadamente no Templo, e a fé de Daniel no cativeiro em Babilônia enquanto, o Templo em jerusalém estava em ruínas.

E eis que ficarás mudo (v. 20): Convinha a Zacarias, ao ouvir tudo o que o anjo disse, baixar a cabeça e adorar, dizendo: “Eis aqui o servo do Senhor; cumpra-se em mim segundo a Tua Palavra.” Zacarias, em vez de fazer como Abraão que “não vacilou por desconfiança”, duvidou. E porque não se tomou forte pela fé, foi severamente castigado. Descobre-se nisso como é grave o pecado de incredulidade diante de Deus. O castigo foi tanto um sinal como repreensão da sua incredulidade.[41]

3. Será Grande diante do Senhor

João Batista também não beberia vinho nem bebida forte (Lc 1.15). Era da tradição de Israel o consumo do fruto da vide. A sua ingestão remonta ao caso de Noé, que, depois do Dilúvio, plantou uma vinha e ficou bêbado após consumir o seu suco. Como a água, o mel e o leite, o vinho fazia parte da tradição dos hebreus, exceto no caso dos nazireus (Nm 6.3,4), que se separavam para Deus e não bebiam vinho e nem mesmo comiam uvas frescas ou secas. Em alguns casos, essa característica mostra que João Batista estava separado das coisas que, no seu tempo, poderiam afetar o seu ministério como profeta. Abster-se do vinho gerou para João um comentário maligno por parte daqueles que não queriam ter compromisso com Deus (Mt 11.18). Na prática, pessoas cheias do Espírito Santo não se deixam levar por qualquer elemento — comida, bebida ou hábitos — que deturpe o seu entendimento ou que amorteça a capacidade de tomar decisões de acordo com os mandamentos de Deus.

4. Cheio do Espírito Santo

É dito que João seria cheio do Espírito Santo desde o ventre. Somente uma pessoa capacitada pelo Espírito Santo de Deus poderia fazer as obras como João fazia, ou seja, com ímpeto. Certamente foi o Espírito Santo quem revelou a João que Jesus era o Cordeiro de Deus. Era o Espírito de Deus que atraía as pessoas até João para serem batizadas. Foi o Espírito que conduziu Jesus até João para ser batizado. E a sua pregação ocorreu em um lugar diferente, a saber, no deserto (ver Lc 3.4).

Mesmo o Senhor Jesus foi cheio do Espírito Santo, bem como conduzido por Ele no seu ministério. Após o Filho de Deus ressuscitar e retornar ao Pai, deixou o Espírito para que nos enchesse e desse poder para testemunhar. É importante notar que, pelas Escrituras, Jesus não passou pela experiência do falar em línguas quando foi cheio do Espírito Santo; mas, pelas mesmas Escrituras, o Senhor disse que aqueles que creem nEle “falarão novas línguas” (Mc 16.17). O livro de Atos mostra-nos as referências dessas

experiências e que aqueles que recebessem a plenitude do Espírito Santo falariam em outras línguas.

II – UM MINISTÉRIO SOBRENATURAL

1. Pregando no Deserto

O cenário ao qual se dirigiu João para desenvolver o seu ministério foi o deserto da Judeia. João não pregou no Templo, onde teria mais visibilidade, ou nas ruas de Jerusalém, onde seria notado. Ele iniciou o seu ministério no deserto. James B. Shelton comenta:

> Na época em que Mateus escreveu o Evangelho João já havia recebido o título "batista" e tinha um notável grupo de partidários em comparação aos seguidores de Jesus (cf. At 19.1-4). Marcos designa o particípio grego *baptizon* a João, de forma que o texto grego diz: "Apareceu João batizando no deserto e pregando o batismo de arrependimento, para remissão de pecados" (Mc 1.4). Destas duas atividades, o título "batista" recebe seu significado. Não é apenas uma referência à lavagem cerimonial, mas é sinal de arrependimento e recebimento do perdão de Deus e da graça purificadora e preservadora. Conseqüentemente o batismo torna-se metonímia da mensagem de arrependimento que foi pregada.[42]

2. Sobre a mensagem de João Batista

A pregação do Batista tinha uma mensagem a ser passada: arrependimento. Seria impensável tratar do Reino de Deus se os filhos de Abraão não entendessem que precisavam arrepender-se dos seus pecados.

> Todos os quatro evangelistas registram uma versão da profecia de Isaías 40.3-5, que João Batista cumpre. O arrependimento é

preeminente na mente de Mateus, quando apresenta o ministério de João Batista como requisito prévio necessário para o iminente Reino dos Céus, que Jesus está prestes a inaugurar (Mt 3.2; note a preferência de Mateus a “Reino dos Céus” em vez de “Reino de Deus”; veja Introdução). Mateus considera que João Batista é o profeta que devia preceder a vinda do Messias e o Reino messiânico. Ele apresenta o ministério de João Batista nos termos do ministério de Elias, o profeta do Antigo Testamento que intransigentemente exigiu que o obstinado Israel arrependesse-se e seguisse o verdadeiro Deus de todo o coração. As vestes e aparência ascetas de João Batista são rememorativos de Elias e outros profetas do Antigo Testamento (Zc 13-4; esp. 2 Rs 1.8).

Como os profetas do Antigo Testamento, João Batista apresenta a sua mensagem em paralelismo poético — dizendo uma coisa e então repetindo a idéia ou sua antítese na linha seguinte. Trata-se de característica da poesia hebraica e exprime a origem semítica dos Evangelhos. João Batista apresenta dois grupos distintos e antitéticos de pessoas: os arrependidos e os impenitentes, as árvores frutíferas e as estéreis, o trigo e a palha (v. 12). O grupo dos impenitentes, condenados por João Batista, são os fariseus e saduceus (v. 7). Lucas identifica os verdadeiramente arrependidos como as multidões, os cobradores de impostos e os soldados (Lc 3-10-14). Os fariseus e saduceus aparecem muitas vezes juntos no Evangelho de Mateus como inimigos claramente definidos de Jesus. Embora estes dois grupos discordassem nitidamente entre si em termos de política e teologia, na maior parte do tempo eles estavam unidos em sua oposição a Jesus.

É comum a palavra arrependimento (*metanoia*) ser entendida

erroneamente por mera confissão de pecados; com mais precisão, diz respeito ao ato de “pensar de novo” (*meta* mais *noia*), quer dizer, reconsiderar e mudar o estilo de vida, de modo sociologicamente observável: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (v. 8). E por isto que João Batista dirige sua contundente repreensão, “raça de víboras”, aos fariseus e saduceus. Os judeus observaram a lavagem cerimonial, desde o simples ato de lavar as mãos a banhar o corpo inteiro em cisternas (como as encontradas nos sítios arqueológicos em Jerusalém e em Qumran, a comunidade do mar Morto). Os fariseus e saduceus presumiam que, considerando que eles eram filhos de Abraão, eles tinham direito de receber o rito de João Batista, mas ele estava exigindo que eles se arrependessem como se eles fossem gentios! O modelo batismal era batismo de prosélito, o qual era exigido de todos os gentios convertidos ao judaísmo. Tal exigência seria considerada presunção grosseira e afronta aos que pensavam que sua árvore genealógica e afiliação asseguravam seu acesso ao meio da graça (Shelton, 2003, pp. 25,26)

Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Não apenas pela singularidade de seu batismo total e pela exigência da conversão, mas também com as marteladas do restante de sua pregação, João destroça todas as proteções e seguranças dos fariseus e saduceus diante dos seus próprios olhos. João chama os fariseus e saduceus de “ninhada de serpentes”, “semente de cobra”, “antro de víboras”. –

“Semente de víboras é o que são vocês”, diz ele, “e não o que presumem, semente de Abraão”! Para cada israelita essa expressão é, mais uma vez, uma palavra arrasadora. Pois “velha serpente” significa: “pai da mentira”, e a semente da velha serpente é, de acordo com a antiquíssima palavra de Deus, o poder inimigo das profundezas, contra o qual a espécie humana tem de lutar, por questão de vida ou morte. “Esse veneno de serpente assassina tornou-se agora pessoal”, diz João, “e esse veneno de víboras em pessoa são vocês fariseus e saduceus, aos quais estou falando. O que vocês possuem da semente de Abraão foi transformado no seu contrário, por isso vocês não têm nenhuma participação na semente de Abraão, porém a mais antiga maldição de Deus paira também sobre as cabeças de vocês!” Como causa mais profunda da perversão de seu pensamento João considera que, seguros de si, confiavam na sua ligação natural com Abraão. Construíam com toda a certeza sobre tudo o que torna essa ligação natural exteriormente perceptível: a circuncisão, o sábado, a letra do templo e da lei. Pensavam que era essa a religiosidade completa e agradável a Deus. João, agora, arrebenta radicalmente todas essas seguranças e apoios. De fato, arrasa tudo o que tinham! (cf. opr para Mt 5.20 e o sermão do Monte). Ao proferir essa pregação de condenação, não está João arrasando também a própria promessa que Deus fez a Abraão? Não: quando os fariseus e saduceus se afastarem substancialmente de sua religiosidade impostora e presunçosa, poderão ser inseridos na verdadeira e essencial descendência de Abraão. Isso é possível unicamente através de uma conversão fundamental, e nada mais. Assim como os fariseus se refugiavam junto de seu pai Abraão, da sua justiça, a qual requeriam vicariamente para si próprios, assim o cristão hoje, sempre de

> novo, corre o perigo de basear-se na bênção concedida aos pais. Acredita-se que, como aquilo que os pais realizaram sob a bênção ainda permanece, a bênção de Deus ainda paire sobre os descendentes. Acredita-se que, por causa dos pais, Deus também se comprometeria com os de hoje. Sem dúvida João aderiu sem restrições à promessa feita a Abraão. Pela Escritura, João sabia que os filhos de Abraão são herdeiros do reino. – Contudo, o Batista combateu com o máximo vigor a opinião dos judeus de que Deus estivesse atrelado a Israel, que para Deus Israel seria imprescindível. De modo algum Deus está amarrado a Israel. Com sua onipotência divina ele pode, em um momento, formar para si filhos de Abraão, até mesmo de pedras "mortas". Deus não precisa de nós. De jeito algum somos imprescindíveis. Deus pode passar por nós diretamente ao que lhe interessa. Ele age como ele quer, não como nós queremos! Também hoje e agora ele pode acordar para a vida e colocar no seu serviço pessoas que estão totalmente afastadas dele ("pedras mortas")! (Hieneker, 1998, p. 45,46)

3. Publicanos Buscam o Reino dos Céus

A mensagem de João deixou os doutores da Lei bem incomodados. Eles criam que o pacto de Deus estendia-se a eles pelo simples fato de serem descendentes de Abraão, de forma que não precisavam arrepender-se dos seus pecados para serem aceitos por Deus. Diferentemente desses doutores da Lei, os publicanos procuravam João para saber como poderiam ser salvos e ter uma vida que agradasse ao Senhor (Lc 3.12). Vincent diz:

> Publicanos (*telōnai*). Derivado de *telos*, um imposto, e ōneomai, comprar. Os cobradores de impostos a serviço dos romanos. Os romanos coletavam os impostos diretos e as taxas alfandegárias

> para os capitalistas, sob o pagamento de certa soma *in publicum*, *ao tesouro público*; por esta razão eram chamados de *publicani*, publicanos. Às vezes esta soma, por exceder o valor que uma pessoa poderia pagar, era paga por um grupo. Sob estes grupos estavam os *submagistri*, que moravam nas províncias; e debaixo desses, por sua vez, estavam os *portitores*, ou agentes alfandegários reais, que são mencionados pelo termo *telōnai* no texto do Novo Testamento. Eles, de modo geral, eram escolhidos a partir da escória do povo e seus métodos de extorsão tornaram-se tão conhecidos que os mesmos foram incluídos na categoria das prostitutas e dos pecadores. (Vincent, 2012, p. 232)

2. “É necessário que Ele Cresça [...]”

Em certo momento do ministério de João, alguém lhe disse que Jesus estava fazendo mais discípulos do que ele. É provável que tal comentário fosse inspirado no desejo de ver dois homens de Deus discutindo entre si para saber quem tinha mais influência diante das pessoas ou quem atraía mais seguidores e tinha mais *status*.

João não se deixou levar por tal comentário. Ele sabia da sua missão e não desejava nada além daquilo que o Senhor tinha para ele. Ele já havia batizado Jesus e identificado o Senhor como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, e essas ações foram públicas. Apesar de ser mais velho que Jesus e de ter sido usado por Deus antes de Cristo, João entendia que ele estava ali por causa de Jesus, e não Jesus por causa dele. Se se deixasse levar por esses comentários, João Batista talvez dissesse: “Jesus, eu sou mais velho, prego a mais tempo, fui eu que te batizei, e você começou o seu ministério por intermédio de minhas ações”. Mas não foi isso que João fez. Com a tranquilidade de quem é grande diante de Deus, disse: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). Tal resposta vai contra a arrogância ou o orgulho humano, mas somente é dada por quem entende que a sua atuação

faz parte de um grande projeto eterno.

3. “Ele vos Batizará com o Espírito Santo e com Fogo”

A mensagem de João Batista falava também sobre a forma como Deus agiria em relação aos que receberiam a Palavra de Deus. Duas imagens são trazidas aos ouvintes: a palha que será queimada e o trigo que será guardado no celeiro. As duas imagens remetem a uma realidade do campo, conhecida por todos naqueles dias. Qualquer plantação de trigo gera não apenas trigo, mas também a palha que recobre esse trigo. O trigo deveria ser estocado para ser servido depois, mas a palha sempre era queimada. Era dessa forma que os hebreus livravam-se daquele material orgânico que não tinha valor. A palavra “fogo”, então, tinha o sentido de juízo, um julgamento que seria posteriormente trazido por Deus aos que haviam rejeitado a mensagem de João e a de Jesus.

> A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível. Novamente João emprega a palavra “fogo”, agora pela terceira vez (v. 10-12, sempre no final). Os fariseus acreditavam que eles faziam parte do trigo que seria recolhido ao depósito. Mais uma vez precisam ouvir justamente o contrário, que por serem palha serão queimados com fogo inextinguível. Como é dura também essa sentença! Numa olhada panorâmica sobre toda a pregação do Batista, perguntamo-nos instintivamente: Será que não foi realmente pesado demais o que o Batista disse? Será que uma tal palavra de condenação não provocará o contrário do que intencionava? Os fariseus e saduceus não se rebelarão numa ira feroz? Schlatter afirma sobre este trecho: “Desejar o batismo e permanecer ao mesmo tempo fariseu ou saduceu, isso provoca a perdição definitiva e

> inevitável”. A palavra arrasadora de Jesus em Mt 12.31-34 e os oito ais do Senhor contra os fariseus em Mt 23.13-33 mostram-nos que o julgamento da obstinação é terrivelmente sério. Acaso não há sempre o perigo de experimentar a conversão e, não obstante, permanecer fariseu, isto é, agarrar-se ao que era antes, próprio da gente, e não levar integralmente a sério o novo? Não ocorre muitas vezes que, após a conversão, adota-se muitas palavras piedosas, passa-se a falar com fluência um linguajar existente de fé, orar e ler a Palavra de Deus se tornam atividade religiosa? E que, apesar de toda essa ocupação religiosa, a substância interior do eu continua sendo a mesma, deixando existir bem no fundo, quase igual como antes, a pessoa orgulhosa, inflexível, melindrosa, teimosa e insensível, que de bom grado inclina seu ouvido ao elogio, à bajulação, mas o fecha para a verdade, a necessidade de um corretivo?! Conversão autêntica tem conseqüências, conseqüências imprevisíveis, para a existência própria e também para a vindoura; ela traz fruto, ela gera vida borbulhante em santidade e justiça! Cf. Mt 5–7. (Hieneker, 1998)

III. FIEL ATÉ O FIM

1. “És tu aquele que Esperávamos?”

João Batista, o servo de Deus, havia sido preso e, na cadeia, questionou se Jesus era o Messias que viria, anunciado pelos profetas, ou se Ele era outra pessoa. Como poderia tal questionamento partir justamente da pessoa que batizou Jesus, do homem que disse às pessoas que Jesus era o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo? Naquela prisão, de onde só sairia para ser decapitado, João teve dúvidas sobre a messianidade de Jesus. Mas eis aqui uma observação: a dúvida fez com que João fosse procurar a verdade, inquirir

para saber se ele havia agido certo no seu ministério. Não foi uma pergunta com base na incredulidade, que rejeita argumentos mesmo estando provado. “Ide e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11.4,5). Jesus não chamou João de incrédulo e nem o condenou pela pergunta feita da prisão, e as suas palavras acerca do que estava fazendo confirmavam que a missão de Jesus estava sendo realizada.

2. O Maior dos Profetas

O maior dos profetas veio para preparar o caminho do Senhor e endireitar as veredas por onde Ele passaria (Mt 11.10). João Batista não deixou nada escrito. Não há nada registrado sobre ele ter realizado milagres, ressuscitado mortos ou expulsado demônios. Ele foi morto numa prisão, decapitado. Ainda assim, declarado pelo próprio Senhor Jesus, João foi o maior dos profetas. A postura de Jesus para com João foi a seguinte:

> Temos aqui o grande elogio que Cristo fez a João Batista; não enquanto os seus mensageiros estavam presentes (para que não parecesse que ele o bajulava), mas depois que eles se retiraram (v. 24), para sensibilizar as pessoas a respeito dos benefícios que elas usufruíam através do ministério de João, dos quais foram privados devido ao seu aprisionamento. Agora deveriam considerar o que saíram a ver no deserto, aquele sobre quem tanto se falara, e a respeito de quem havia uma admiração tão grande e generalizada. Venham, diz Cristo, Eu vos direi. (Henry, vol 6, p. 573)

3. Prepare o Caminho (Lc 3.4)

A vida de João Batista resume-se na sua missão: preparar o caminho para

que Jesus passasse. Em liberdade, ele pregou de forma destemida, desafiou os fariseus, batizou pessoas e ainda anunciou a Jesus como o Salvador. O seu testemunho permanece por séculos como aquele que foi chamado desde o ventre para anunciar a vinda do Messias, o cumprimento do plano da Salvação.

Em outro aspecto, até que ponto temos esperado que Deus faça tudo e que bênçãos caiam dos céus sobre nós sem que façamos nada? Prepare o caminho do Senhor. Faça sua parte. O Senhor é Deus do impossível, não do absurdo. O que devemos fazer é nossa responsabilidade — trabalhar, estudar, gerir recursos, ser fiéis para com Deus e com nossos irmãos —, e isso Ele não vai fazer. Nós é que devemos ter tal iniciativa para que Deus encontre o caminho preparado quando Ele vier.

CONCLUSÃO

Após ter lido sobre João Batista, encerro com um questionamento: até onde temos preparado o caminho por onde Deus vai agir? Ser cheios do Espírito Santo como foi João não pode eximir-nos de sermos pessoas cujas atitudes pavimentam a obra de Deus. O Eterno espera que estejamos disponíveis. Se quisermos vê-lo agindo, será preciso fazermos nossa parte, preparando o caminho do Senhor.

---

[41] BOYER, Orlando. Espada Cortante, vol 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 26.

[42] SHELTON, James B. Comentário Bíblico Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 27.

CAPÍTULO 11

A Mulher Samaritana

A Diferença que a Água da Vida Faz

E diziam à mulher: Já não é pelo que disseste que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo. (Jo 4.42)

INTRODUÇÃO

Deus, na sua soberania, apresenta situações em que pessoas mais improváveis aproximam-se dEle e buscam-no de uma forma excepcional. Na hora em que o evangelho é proclamado, o seu poder é tão impactante que pode mudar não apenas a vida de uma pessoa, como também a de várias em uma localidade.

O poder de Deus vai além de fronteiras e costumes delimitados pelos homens. O próprio Paulo, enviado pelo Senhor, evangelizou diversas culturas no seu tempo, ganhando pessoas para o Reino de Deus. E o que dizer do próprio Jesus Cristo?

Este capítulo mostra-nos a história da mulher samaritana e o seu encontro com Jesus. Pouco tempo depois da sua conversa com o mestre da Lei Nicodemos, Jesus passa por Samaria e tem uma conversa com uma mulher que, dentro da própria localidade onde vivia, provavelmente não era bem aceita. A conversa entre o Messias e a samaritana trouxe diversas

interpretações ao longo dos séculos e, acima de tudo, a grandiosa lição de que o Senhor Deus ama a todos e deseja que todos possam ser alcançados pelo poder da salvação.

I – NO CAMINHO PARA A GALILEIA

1. Uma Rota Necessária para Jesus

Ao tratar da mulher samaritana, João descreve que o encontro dela com Jesus ocorreu no próprio território samaritano. Jesus retirou-se da Judeia em direção à região dos galileus e precisava passar por Samaria. O povoado por onde Jesus passou, Sicar, era o local em que Jacó tinha um poço, e este servia de abastecimento de água para pessoas e animais naquela região.

Jesus, conforme narra João, deixou a Judeia e dirigiu-se para a região da Galileia, um ambiente repleto de influência gentia, e, nesse caminho, passou por Samaria. É possível que houvesse outras rotas para que o Senhor fosse para a Galileia, mas João registra que “era-lhe necessário passar por Samaria” (Jo 4.4). Havia uma grande obra aguardando Jesus na região dos gentios, mas, antes de chegar lá, Samaria precisava ser visitada. Uma cidade dentro do território dos desprezados samaritanos receberia a visita do Eterno. Se Jesus seria objeto de curiosidade na Judeia, em Samaria a sua chegada traria alegria não apenas para uma mulher, como também para muitos samaritanos.

A conversa entre Jesus e a samaritana aconteceu em um momento em que os discípulos de Jesus foram comprar comida. Sobre isso, Matthew Henry diz:

> “Seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida”. Daqui, podemos tirar uma lição, em primeiro lugar, de justiça e honestidade. Cristo comprava e pagava pela comida que comia, como Paulo, 2 Tessalonicenses 3.8. Em segundo lugar, da nossa dependência diária da Providência: “Não vos inquieteis pelo dia

de amanhã". Cristo não foi à cidade para comer, mas enviou seus discípulos para buscarem seu alimento. Não porque Ele receava comer em uma cidade samaritana, mas: 1. Porque Ele tinha uma boa obra a realizar junto àquela fonte, que devia ser feita enquanto eles estavam cuidando das provisões. É sábio preencher nossos minutos de inatividade com aquilo que é bom, para que os fragmentos de tempo possam ser aproveitados. Pedro, enquanto o jantar estava sendo preparado, teve um arrebatamento, Atos 10.10. 2. Porque era mais privativo e afastado, mais barato e simples, que sua refeição lhe fosse trazida do que ir à cidade para comer. Talvez sua bolsa tivesse pouco dinheiro, e Ele nos ensinou a economizar, gastar de acordo com o que temos, e não além disso. Pelo menos, Ele nos ensinou a não nos influenciarmos pelas coisas grandes. Cristo podia comer seu jantar tanto junto à uma fonte como na melhor hospedaria da cidade. Devemos nos comportar de acordo com nossas circunstâncias. Sendo assim, isso proporcionou a Cristo uma oportunidade de conversar com essa mulher samaritana sobre assuntos espirituais, e Ele a aproveitou. Ele freqüentemente pregava para multidões que se aglomeravam diante dele para receber ensinamentos. Mas, apesar disso, aqui o Senhor Jesus se digna a ensinar uma única pessoa, uma mulher, uma mulher pobre, uma estranha, uma samaritana, para ensinar seus ministros a fazer o mesmo, como aqueles que sabem que a obra gloriosa é ajudar a salvar alguém da morte, ainda que seja apenas uma alma.[43]

2. Uma Mulher Trabalhadora

A samaritana não era uma pessoa preguiçosa. O apóstolo João comenta que o encontro de Jesus com ela ocorreu quase à hora sexta, perto do meio-dia (Jo

4.6). Esse não é necessariamente o melhor horário para buscar água. Experimente andar nesse horário com um cântaro de barro vazio sobre os seus ombros e voltar para casa com esse cântaro cheio, e você verá o nível de trabalho árduo que envolvia a existência da mulher samaritana. Não havia ninguém para tirar água para ela; logo, ela mesma deveria buscar a água que lhe era necessária para a sobrevivência.

Ela deveria carregar o cântaro até o poço, pegar a água, encher o cântaro dela e depois retornar à sua casa com o cântaro cheio. Era um trabalho pesado, mas que garantia a ela ter água na sua casa. Enquanto há pessoas que não desejam ter uma vida produtiva, que reclamam por ter pouco e do trabalho em que desenvolvem as suas habilidades, a samaritana, com todas as suas limitações, dá o exemplo de uma vida produtiva. Ela não foi ao poço saber da vida das pessoas da sua aldeia ou passar o tempo olhando o horizonte. Foi trabalhando que ela encontrou a salvação da sua alma na pessoa de Jesus. Donald Carson comenta:

> Aparentemente, a mulher foi ao poço sozinha. Era mais comum que as mulheres fossem buscar água em grupos, ou mais cedo ou mais tarde no dia, quando o calor do sol não era tão forte. Possivelmente, a vergonha pública da mulher (4.l6ss.) contribuiu para seu isolamento. A conexão entre o versículo 7 e a explicação parentética do versículo 8 sugere que, normalmente, os discípulos de Jesus o teriam ajudado a tirar água, mas sua ausência levou Jesus a quebrar a regra social [...] e pedir água à samaritana. O fato de que Jesus e os discípulos estivessem dispostos a comprar comida dos samaritanos revela certa liberdade em relação aos regulamentos auto-impostos, do tipo mais estrito, dos judeus, que não se disporiam a comer comida manuseada por samaritanos. Alguns alimentos, entretanto, especialmente as comidas secas, eram considerados menos facilmente contamináveis que outros [...].[44]

Foi nesse contexto de Jesus no poço de Jacó olhando a samaritana tirar água para a sua subsistência que surgiu uma das conversas evangelizadoras mais importantes dos evangelhos.

3. Uma Mulher Ciente dos Costumes da sua Época

Ao chegar ao poço, a samaritana depara-se com um homem judeu, que lhe pede água. Não nos parece um pedido incomum, tendo em vista que a samaritana tinha ido lá para pegar água para si mesma. Então, não haveria problema no pedido de Jesus a ela — claro, se Ele não fosse judeu. Ocorre que, ao receber de Jesus o pedido de um pouco de água, a samaritana fez o primeiro questionamento: “Como um judeu vem pedir água a uma mulher, e samaritana?”. A sua pergunta mostra que, na sua mente, a desunião entre judeus e samaritanos não poderia ser esquecida. Séculos de contendas entre esses povos estavam vivos no coração de cada um deles. Samaritanos eram vistos pelos judeus como pessoas impuras, misturadas. Samaria também era vista como um ambiente onde se havia praticado a idolatria; foi lá que o rei Acabe instalou um templo a Baal (1 Rs 16.32). Carson diz que

> Samaria não tinha existência política separada nos tempos de Jesus: ela estava unida com a Judéia sob o procurador romano. Não obstante, para judeus e samaritanos, a área era definida pela história e pela religião. O rei Onri chamou a nova capital do Reino do Norte de “Samaria” (l Rs 16.24), nome que, na época, era aplicado ao distrito e algumas vezes a todo o Reino do Norte. Após os assírios conquistarem Samaria em 722–721 a.C., eles deportaram todos os israelitas de posses e povoaram a terra com estrangeiros, que se casaram com os israelitas sobreviventes e aderiram, de alguma forma, à antiga religião deles (2 Rs 17-18). Após o exílio, os judeus retornando a sua terra natal, os remanescentes do Reino do Sul, viram os samaritanos não só

> como filhos de rebeldes políticos, mas como mestiços raciais cuja religião estava manchada por vários elementos inaceitáveis (Ne 13; cf. Josefo, Ant. xi. 297–347, esp. 340). Por volta de 400 a.C., os samaritanos erigiram um templo rival no monte Gerizim; e esse templo, no final do século II a.C., foi destruído por João Hircano, o governador hasmoneu da Judéia. Essa combinação de eventos estimulou as animosidades religiosas e teológicas. Certamente, no século I, os samaritanos tinham desenvolvido sua própria herança religiosa baseada no Pentateuco (eles não aceitavam os outros livros da Bíblia hebraica como canônicos), continuando a focar sua adoração não em Jerusalém e seu templo, mas no monte Gerizim. Um pequeno número de samaritanos sobrevive até os dias de hoje. João talvez tenha a intenção de fazer um contraste entre a mulher dessa narrativa e Nicodemos do capítulo 3. Ele era um erudito, poderoso, respeitado, ortodoxo, teologicamente preparado; e ela era inculta, sem influência, desprezada, capaz somente da religião popular. Ele era um homem, um judeu, um líder; e ela era uma mulher, uma samaritana, pária moral. E ambos necessitavam de Jesus.[45]

Mesmo ciente dos costumes do seu tempo, ao responder a Jesus, ela deu prosseguimento à conversa que faria dela uma samaritana filha de Deus.

II – A ÁGUA PARA A VIDA ETERNA

1. “Onde, pois, Tens a Água Viva?”

A segunda pergunta da samaritana é uma resposta à declaração de Jesus: “Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (Jo 4.10). Jesus desenvolve o evangelho com a samaritana à medida que ela vai fazendo as perguntas. Pacientemente, Jesus responde os questionamentos diversos que ela faz. A pergunta fazia

sentido. Jesus estava ao lado de um poço, mas não é dito que ele tinha em mãos qualquer instrumento que possibilitasse tirar água para beber. Ele, então, pede água à mulher. É certo que, ao confrontar Jesus com o fato de Ele não pegar água do poço, ela está julgando-o dentro da sua ótica natural. O que ela não sabia é que Deus estava ali em pessoa, oferecendo a possibilidade de ela receber uma água que mudaria a sua vida para sempre.

2. “És tu Maior do que Jacó, o nosso Pai?”

A pergunta da mulher mostra que ela tinha uma referência histórica: Jacó era considerado o ascendente dos que moravam naquela região. Ele tinha recebido a primogenitura enganando o pai, Isaque, que estava velho e cego, e ainda colocou Deus na história. Quando questionado por que havia retornado tão rápido da caça, fazendo-se passar por Esaú, disse: “[...] o Senhor, teu Deus, a mandou ao meu encontro (Gn 27.20).

Jacó passou os seus dias enganando e sendo enganado. Foi trapaceado pelo sogro na hora de casar-se com uma das suas filhas. Foi enganado na hora de receber o seu salário. Teve que trabalhar bastante para poder casar-se com a mulher que amava e, já com os seus 12 filhos, passou por maus bocados, chegando a chorar a morte de um filho que estava vivo.

> A pergunta da mulher (v. 12) é cética, talvez levemente desdenhosa, mas Jesus a responde. Alguma medida da grandeza relativa de Jacó e de si mesmo pode ser achada no fato de que a água provida pelo venerável patriarca, tão valiosa como era, matava a sede somente por um curto período; a “água viva” [...] que Jesus dá acaba para sempre com a sede daquele que a bebe. Essa sede não é de água natural, mas de Deus, da vida eterna na presença de Deus; e sacia-se a sede não pela remoção desse doloroso desejo, mas pelo derramamento 221 João 4.1-42 do Espírito. De fato, essa água se tornará nele uma fonte de água a

jorrar para a vida eterna (v. 14) — claramente uma referência ao Espírito que, só ele, dá vida (6.63). Novamente, há ecos de promessas do Antigo Testamento. No dia da salvação de Deus, o povo de Deus, com alegria, tirará "água das fontes da salvação" (Is 12.3). "Não terão fome nem sede" (Is 49.10; cf Ap 7.16); o derramar do Espírito de Deus será como o derramar de "água na terra sedenta, e torrentes na terra seca" (Is 44.3). A linguagem da satisfação e transformação interiores traz à mente uma série de profecias antecipando o novo coração, a troca do falido formalismo religioso por um coração que conhece e experimenta a Deus, e que anseia por fazer sua vontade (Jr 31.29-34; Ez 36.25-27; Jl 2.28-32; cf. notas sobre 3.5). É difícil não pensar em Isaías 55.1-3: "Venham, todos vocês que estão com sede, venham às águas [...] para que sua alma viva". Aqui Deus pode fazer "uma aliança eterna" com todo aquele que vem — não só com Israel mas com os "povos", "nações que não o conhecem" (Is 55.4,5). A mesma passagem exige que "o ímpio abandone o seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos", porque, desse modo, Deus terá misericórdia e dará "de bom grado o seu perdão" (Is 55.6,7) — e de fato é para o pecado da mulher que Jesus está para se voltar (4.16ss.). Os samaritanos, que limitavam o cânon ao Pentateuco, não poderiam ter entendido tais alusões aos profetas (embora os leitores judeus de João o façam), mas na liturgia samaritana posterior que chegou a nós para o Dia da Expiação, diz-se do Taheb (o equivalente samaritano do Messias).[46]

3. "Vai, Chama o teu Marido e Vem cá"

No decurso da conversa, Jesus mostra que o amor de Deus pretende trazer plenitude a todas as esferas da vida de uma pessoa. Como um judeu, que era

estranho naquela aldeia, poderia saber que a mulher passara por cinco casamentos e que o relacionamento que tinha naquele momento não se enquadrava na orientação de Deus?

Essa parte da história mostra-nos que a samaritana buscou várias vezes ser aceita e amada, mas que houve rupturas em todas essas buscas. Ela seria uma mulher completa somente em Deus. O evangelho de Cristo não se propõe apenas a salvar a pessoa dos seus pecados, mas também completar o que está faltando. Jesus não condenou aquela mulher na sua busca pelo amor conjugal, mas deixou claro que aquele relacionamento não trazia a ela o reconhecimento devido e esperado.

O Senhor realmente se importa com nossas relações pessoais e com as alianças que fazemos? Sem dúvida; do contrário, Jesus não teria tocado nesse assunto durante aquela conversa evangelística. O certo é que a cada pergunta e resposta, a samaritana mais vislumbrava como Deus tinha interesse pleno por ela.

III – ESTE É VERDADEIRAMENTE O CRISTO

1. “[...] Vejo que És Profeta”

Jesus recebe da mulher uma declaração impressionante: a de que Ele era um profeta. Em Israel, várias foram as declarações dadas sobre Jesus, como, por exemplo, a de que Ele era samaritano e tinha demônio (Jo 8.48), que Ele expulsava demônios por Belzebu (Mt 12.24) e que era comilão e beberrão e amigo de pecadores (Mt 11.19). Essas foram declarações vindas de pessoas que estavam vendo ensinamentos e milagres, mas que, ainda assim, rejeitavam o Filho de Deus. A samaritana, por sua vez, foi reconhecendo que aquele jovem judeu tinha o que os profetas do Antigo Testamento tinham: a capacidade de saber de certas informações pelo Espírito de Deus.

Jesus não se utilizou das suas prerrogativas para qualquer aproveitamento pessoal, ainda mais quando foi dito que Ele era profeta. Ele não ficou

orgulhoso com o elogio. O seu objetivo de agradar ao Pai fez com que Ele mantivesse o foco na sua missão. Após essa declaração, a mulher pergunta sobre um local de adoração. Note que a samaritana tinha interesse nas coisas espirituais. Por mais que a sua vida conjugal não fosse o melhor exemplo de adequação social, ela demonstra, na sua pergunta, que a adoração era uma parte integrante da sua vida e que precisava de uma orientação quanto ao local onde deveria adorar.

2. “[...] em Espírito e em Verdade”

Uma das palavras manifestas por Jesus que causam mais impacto é a sua referência à adoração ao Deus Eterno. A samaritana, segundo o pensamento da sua época, havia vinculado a sua adoração a um local de culto.

Não raro, preocupamo-nos bastante com a forma de culto, e isso não é errado. É correto pensarmos em ter um lugar de adoração organizado, limpo, com uma acústica agradável e onde podemos estar unidos e reunidos para um momento de adoração, contribuição e aprendizado da Palavra. Jesus não disse que a adoração não poderia ter uma ordem, nem que um local de culto era dispensável à comunhão. A liturgia faz parte de nosso culto, onde ordenamos os momentos de nossas atitudes de louvor, do ato de ofertar, do momento de ouvir a Palavra, e isso é correto. O que Jesus deixou patente é que nosso culto a Deus deve ser entregue por inteiro, em espírito, numa adoração feita com sinceridade e em verdade, sem máscaras. Deus valoriza a adoração, mas está realmente mais atento aos adoradores.

> A expressão os verdadeiros adoradores não faz uma distinção entre adoradores após o ministério de Jesus (os verdadeiros adoradores) e aqueles de antes do ministério de Jesus (presumivelmente os falsos adoradores). Tanto os verdadeiros quanto os falsos adoradores poderiam ser encontrados sob os termos da antiga aliança, e ambos podem ser encontrados

apelando-se à nova aliança também. Ao contrário, o ponto é que, com a chegada da "hora, a distinção entre os verdadeiros adoradores e os outros depende de fatores que tornam a antiga disputa de reivindicações conflitantes do templo de Jerusalém e do monte Gerizim obsoleta. Sob as condições escatológicas da hora que está raiando, os verdadeiros adoradores não podem ser identificados por sua ligação a um santuário particular, mas por sua adoração do Pai em espírito e verdade. A força dessa frase claramente depende do que se quer dizer com a oração simples: Deus é espírito, porque, no versículo 24, essa oração serve como explicação adicional e fundamentação para a verdade reiterada de que os adoradores [de Deus]. Alguns eruditos estão tão convencidos de que João é anti-semita que descartam o v. 22b como uma glosa. [...]. João 4.1-42 226 devem adorar em espírito e em verdade. Ao dizer "Deus é espírito" (não 'Deus é um espírito, como na versão em inglês AV [Authorised Version]: cf. ljo 1.5; 4.8), Jesus não está sugerindo que Deus é um espírito entre muitos outros, nem simplesmente que ele é incorpóreo no sentido estóico, nem que "espírito" defina completamente suas propriedades metafísicas. Nesse contexto, "espírito" caracteriza como Deus é, da mesma forma que carne, localização e corporeidade caracterizam como são os seres humanos e seu mundo [...]. "Mas os egípcios são homens, e não Deus; seus cavalos são carne, e não espírito" (embora essas palavras não se encontrem na LXX). Geralmente, o "espírito" no Antigo Testamento é renovador, criativo, doador de vida [...]. Barrett (p. 238), corretamente, chama atenção para 3.8, em que o que é "espírito" não pode em si mesmo ser completamente apreendido, mas seu efeito não pode ser negado. Ele é conhecido por intermédio de seu "som" (*phônê* – cf. 1.23; 5.25, 28, 37,38; 10.3-

> 5, 16, 27; 11.43; 12.28, 30; 18.37). Da mesma forma, “Deus é espírito” significa que Deus é invisível, divino em oposição a humano (cf. 3.6), doador de vida e desconhecido para os seres humanos a menos que ele decida se revelar (cf. 1.18). Como “Deus é luz” e “Deus é amor” (l Jo 1.5; 4.8), assim também “Deus é espírito”: esses são elementos na forma em que Deus se apresenta aos seres humanos, em sua bondosa auto-revelação em seu Filho (cf. Porsch, p. 49; cf. Ibuki, pp. 311–313). E ele escolheu se revelar: ele pronunciou sua Palavra, sua própria auto-expressão. Naquela Palavra, agora tornada carne, ele pode ser conhecido tão verdadeiramente quanto é possível para os seres humanos conhecê-lo (1.1-18). A Palavra encarnada é a única que batiza seu povo no Espírito Santo (1.33), pois, a menos que sejam nascidos do alto, a menos que sejam nascidos do Espírito, não podem ver o Reino de Deus, eles não podem adorar a Deus de fato. Essa provisão do Espírito torna-se possível pela obra daquele que é a verdade (14.6), e quem, por sua glorificação por meio da cruz, derrama o Espírito que é chamado o Espírito da verdade (14.17; 15.26; 16.13). Esse Deus que é espírito pode ser adorado somente em espírito e em verdade.[47]

3. “Vinde e Vede”

A Palavra de Deus não nos mostra todo o discurso de Jesus com a samaritana. A narrativa daquele encontro termina, em relação às palavras de Jesus com aquela mulher, com a declaração dEle de que Ele era o Messias. A conversa que aquela mulher teve com Jesus impulsionou-a a levar as Boas Novas aos demais samaritanos daquela localidade.

Nenhum momento que passamos com Jesus é sem importância. Os samaritanos de Sicar foram falar com Ele por causa do testemunho da Samaritana e, ao fim do encontro, pediram a Jesus que ficasse em Samaria. O

Mestre ficou ali dois dias e foi reconhecido como “[...] verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo” (Jo 4.42).

Nos demais evangelhos, vemos diversas vezes Jesus sendo chamado de nomes que demonstram o desprezo dos judeus pelo Senhor e pela sua mensagem, enquanto numa aldeia de samaritanos o Senhor foi recebido e convidado a ficar mais dias, podendo trazer ali a mensagem do evangelho graças ao testemunho daquela mulher.

Os samaritanos viram e creram no que Jesus disse. João não registra milagres ocorridos entre aqueles samaritanos, nem qualquer outro sinal que não fosse as palavras de Cristo. Eles creram no que ouviram, ao passo que, dentro de Israel, locais como Betsaida, Corazim e Cafarnaum, que presenciaram sinais feitos por Jesus, permaneceram incrédulos. Quanta diferença faz a incredulidade, como também faz diferença o estar aberto a ouvir a Palavra de Deus!

CONCLUSÃO

O encontro de Jesus com a mulher samaritana mostra-nos o quanto Deus proporciona bênçãos aos que o temem, a oportunidade de testemunhar sobre o evangelho e alcançar pessoas, mudando-lhes as vidas; que é possível trazer para Deus uma adoração sincera e verdadeiramente espiritual; que, para Deus, não importa o sexo da pessoa, nem mesmo a sua condição social ou o seu estado civil, pois Deus ama a todos e deseja que sejam alcançados pelo evangelho; que o testemunho de uma pessoa pode transformar uma localidade inteira e que a fé naquilo que Jesus diz é suficiente para que pessoas sejam alcançadas e transformadas pelo poder de Deus.

Por fim, esse encontro ímpar de Cristo e a mulher samaritana mostra-nos que Deus é procurado em lugares onde acreditamos que Ele não é lembrado. Sempre haverá pessoas que buscam ao Senhor, ainda que de forma equivocada, e que precisam conhecê-lo mediante o Senhor Jesus Cristo.

[43] HENRY, Matthew, p. 790.

[44] CARSON, Donald. Comentário de Mateus, p. 218.

[45] CARSON, D. A. Comentário de João. Shedd, p. 217.

46 CARSON, D. A. Pp. 220, 221.

[47] CARSON, 2007, pp. 225,226.

CAPÍTULO 12

Judas

Quando a Proximidade com Jesus não Faz a Diferença

INTRODUÇÃO

Lembro-me de que, em minha infância, na semana da Páscoa, algumas pessoas da comunidade onde fui criado faziam uma coleta e montavam um boneco. Ele era do tamanho de uma pessoa normal, vestido com roupas e enchimento, e era trazido à rua e espancado até que os seus pedaços pudessem ser espalhados. Era a representação do Judas, aquele famigerado discípulo que traiu Jesus. As pessoas reuniam-se e batiam no boneco até não poder mais. Na percepção dessas pessoas, o Judas não merecia sequer ter o seu corpo preservado. Ele deveria ser linchado por ter traído o seu Mestre. Quem traiu o Salvador trairia qualquer outra pessoa.

É possível pensarmos que todas as pessoas que andaram próximas a grandes líderes tenham sido grandemente influenciadas por eles. Pregadores experientes servem de modelo para pregadores que estão começando. Gestores que fizeram carreiras de sucesso são estudados por pessoas que estão começando a interessar-se por processos de gestão.

Com o Senhor Jesus não foi diferente. Ele serviu e serve de exemplo como mestre, amigo e servo. Entretanto, nem todos os discípulos seguiram o exemplo de Jesus. Neste capítulo, trataremos sobre Judas Iscariotes.

I – JUDAS, UM DOS DOZE ESCOLHIDOS

1. Um Discípulo de Jesus

Dentro da perspectiva deste estudo, a história de Judas inicia-se quando ele é chamado por Jesus para ser um discípulo. Lucas 6.12,13 diz: “E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos”.

O nome Iscariotes pode ter, segundo se entende, dois significados: um referindo-se à possibilidade de Judas ser oriundo de um lugar chamado Queriote, situado na parte sul da Judeia. Outra possibilidade seria que Judas faria parte de um grupo de homens que portavam adagas, os chamados sicários. A primeira opção parece-nos mais razoável, pois os relatos sobre Judas não nos mostram um homem com tendências violentas ou portando qualquer arma.

O Senhor precisava de pessoas que estivessem próximas dEle a fim de que, aprendendo com o seu exemplo e as suas palavras, fossem os seus seguidores e dessem prosseguimento ao seu ministério. Ele orou para escolher esses discípulos e não observou somente o jeito de cada um, mas também agiu de acordo com a orientação do Espírito Santo. É provável que, uma vez sabendo daquilo que Judas faria se tivesse oportunidade, não o deixaríamos participar de qualquer grupo em nossas igrejas. Entretanto, ele foi escolhido e teve permissão da parte de Cristo.

Judas andou com Jesus, ouviu os seus ensinos, viu os milagres operados e demônios sendo expulsos. Cremos que ele estava no grupo de discípulos que voltou com alegria após terem sido enviados por Jesus de dois em dois e presenciarem até a libertação de pessoas oprimidas (Lc 11). Ele teve a honra de ser uma das pessoas mais próximas do Senhor — uma oportunidade sem precedentes para nossos dias.

2. Um Homem que Lidava com Dinheiro

O Evangelho segundo escreveu João informa-nos que Judas tinha uma incumbência específica: lidar com recursos financeiros no ministério. Era o que, em nossos dias, chamamos de “tesoureiro” do grupo das pessoas que andavam com Jesus (Jo 12.6). Isso nos mostra que, de alguma forma, ele tratava com questões financeiras no ministério terreno de Jesus, guardando as ofertas e doações que chegavam. Jesus recebia doações.

Entendemos que o dinheiro tem um poder de sedução muito forte para pessoas que desejam *ter* ao invés de *ser*; entretanto, não podemos jamais dizer que quem lida com recursos financeiros será como Judas, que era desonesto. Há pessoas sérias e comprometidas com o Reino de Deus que lidam com o dinheiro e não se deixam levar por ele. E por que entendemos que o dinheiro tem um forte apelo a nossos corações?

O dinheiro nunca é neutro. Ele tem o poder de atrair o coração do homem (ver Ec 5.10). O próprio Jesus personificou o dinheiro quando o chamou de Mamom, o “senhor” que tenta disputar nossa fidelidade com Deus.

> Mas, por que Jesus e seus seguidores mais íntimos precisariam de um tesoureiro? E como o futuro traidor pode preencher o perfil necessário para ocupar este posto? O relato dos evangelhos nos deixa claro que, à medida que eram chamados, os apóstolos abandonavam seus ofícios e priorizavam, em suas vidas, o discipulado aos pés de Cristo (cf. Mt 19.27, Mc 1.16-18 e Lc 5.11). Assim, ao se estabelecerem como um corpo, os doze e seu Mestre passaram a sobreviver basicamente de ofertas que recebiam dos corações mais generosos que de perto os seguiam (Lc 8.3). Com o crescimento desses donativos, surgiu também a necessidade de se escolher alguém dentre os doze que assumisse a responsabilidade por sua administração. Essa honrosa tarefa, por mais paradoxal que a princípio nos pareça, recaiu sobre

> Judas, conforme João 12.6. Embora a Bíblia nada comente a respeito, a escolha de Judas para a tesouraria do grupo nos leva a deduzir que o traidor não era alvo de qualquer desconfiança de seus condiscípulos; muito ao contrário, é bem provável que tenha conquistado a simpatia de todos. Para seus amigos ele aparentava ser (como no episódio de Betânia) alguém altruísta e dotado de uma sensibilidade especial para com os necessitados. Ademais, com a disponibilidade de um hábil contador como Mateus integrando o grupo, presume-se que Judas também fosse dotado de preparo intelectual e alguma experiência administrativa que justificasse sua eleição para aquela função. Embora a suposta simplicidade de Judas Iscariotes tenha cativado seus parceiros, não o fez com o Mestre que, desde cedo, conhecia os intentos de seu coração. Em Jo 6.70 vemos Jesus, mais de um ano antes da crucificação, profetizando um futuro sombrio acerca do apóstolo: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo.[48]

3. Um Ladrão que Condenou a Forma como Maria Ofertou ao Senhor

Em um determinado momento no ministério de Jesus, Maria ofertou ao Senhor um unguento, com o qual ungiu os pés do Senhor. Judas, vendo a cena, ficou indignado com o que considerou um “desperdício”.

A ocasião faz a oportunidade para que se manifeste um ladrão. João 12.4-6 diz: “Então, um dos seus discípulos, Judas Iscariotes, filho de Simão, o que havia de traí-lo, disse: Por que não se vendeu este unguento por trezentos dinheiros, e não se deu aos pobres? Ora, ele disse isso não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava”. Para Judas, não bastava amar o dinheiro. Ele roubava valores do ministério de Jesus. O amor ao dinheiro deturpa até a missão mais nobre, que

é a pregação e o ensino da Palavra de Deus e a conversão de perdidos.

Entendemos que todo ministério necessita de recursos financeiros para subsistir, mas o dinheiro é um meio para chegar-se a certas realizações, e não a finalidade da obra de Deus. Portanto, repito: entendemos que o dinheiro tem um poder de sedução muito forte para pessoas que desejam *ter* ao invés de *ser*; entretanto, não podemos jamais dizer que quem lida com recursos financeiros será como Judas, que era desonesto.

Na fala de Judas, há três pontos que precisamos destacar. (1) A oferta de Maria foi um desejo dela. A gratidão de Maria, que foi manifesta no perfume de nardo, é um reconhecimento da parte dela para o Senhor. Não havia qualquer impedimento para ela oferecer algo de valor para Jesus, e ela assim o fez. (2) Judas queria usufruir parte do dinheiro se o perfume fosse vendido. O argumento de que aquela especiaria aromática para angariar fundos deveria ser vendida não moveu Judas à generosidade, mas à cobiça. (3) As suas palavras mostram que ele não honrava Jesus — diferentemente da postura de Maria, que decidiu entregar a Cristo algo que foi fruto do seu trabalho:

> “Este perfume era feito de uma erva aromática (nardo) das montanhas da Índia, e era importado em garrafas de alabastro. Este caro artigo importado tinha tanto valor que as pessoas o usavam para fins de investimento, como o ouro é frequentemente usado em nossos dias. Quando a ceia terminou, Maria pegou este perfume puro e caro e ungiu os pés de Jesus. O nardo era usado para ungir reis; Maria pode ter ungido Jesus como seu Messias real.
>
> [...] De acordo com Mateus e Marcos, todos os discípulos ficaram indignados porque Maria havia ‘desperdiçado’ esse unguento valioso (Mt 26.8; Mc 14.4). Mas no Evangelho de João, Judas Iscariotes verbalizou a indignação. Por que não se vendeu esse unguento por trezentos dinheiros, e não deu aos

pobres?”[49]

“O descontentamento de Judas com a homenagem de Maria, ou com o símbolo do seu respeito por Cristo, w . 4,5, onde observe-se: 1. A pessoa que reclamou foi Judas, um dos discípulos. Judas não tinha a mesma natureza dos demais discípulos, mas era somente um deles, um dos que faziam parte do grupo deles. E possível que os piores homens se escondam sob o disfarce da melhor profissão de fé, e há muitos que fingem que se relacionam com Cristo, quando, na realidade, não lhe dedicam uma amizade sincera. Judas era um apóstolo, um pregador do Evangelho, e ainda assim desencorajou e censurou este exemplo piedoso de afeto e devoção. Observe que é triste ver a vida cristã e o zelo sagrado serem censurados e desaprovados por pessoas que teriam a obrigação, pelo seu trabalho, de ajudá-los e incentivá-los. Mas este era aquele que iria trair a Cristo. Observe que a indiferença no amor a Cristo, e um desprezo secreto da piedade séria, quando aparecem nos que professam a religião, são tristes presságios de uma apostasia final. Os hipócritas, através de exemplos menores de materialismo, revelam se dispostos a aceitar tentações maiores. 2. A desculpa com a qual Judas encobriu seu descontentamento (v. 5): ‘“Por que não se vendeu este unguento’, uma vez que se destinava a um uso piedoso, por trezentos dinheiros, ‘e não se deu aos pobres?” (1) Aqui uma vil iniqüidade é embelezada com uma desculpa plausível e aparentemente aceitável, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. (2) Aqui a sabedoria mundana repreende um zelo piedoso, como sendo culpado de imprudência e incompetência de administração. Aqueles que se valorizam com base na sua política secular, e subestimam os outros pela sua séria piedade, têm mais do espírito de Judas em si do que se

imaginaria que tivessem. (3) Aqui a caridade aos pobres é usada como pretexto para a oposição à piedade a Cristo, e é, secretamente, um disfarce para a cobiça. Muitos se justificam por não gastarem com a caridade sob o pretexto de acumularem recursos para a caridade. Mas, se as nuvens estiverem cheias de chuva, irão se esvaziar. Judas perguntou: “Por que não se deu aos pobres?” A isto, é fácil responder: Porque era melhor concedê-lo ao Senhor Jesus. Observe que não devemos concluir que não fazem um serviço aceitável aqueles que não o fazem da nossa maneira, e exatamente como nós o teríamos feito, como se todas as coisas devessem ser consideradas imprudentes e inadequadas se não se baseiam em nós e nos nossos sentimentos. Os homens orgulhosos julgarão imprudentes aqueles que não se aconselharem com eles. 3. A descoberta e a revelação da hipocrisia de Judas, v. 6. Aqui está a observação que o evangelista faz a este respeito, sob a orientação daquele que sonda o coração: “Ele disse isso não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava”. (1) Não se originava de um princípio de caridade: “não pelo cuidado que tivesse dos pobres”. Ele não sentia compaixão por eles, nem se preocupava com eles. O que os pobres eram para Judas, além do fato de que eles podiam servir aos seus próprios fins, sendo um administrador de recursos destinados aos pobres? Desta maneira, alguns disputam acaloradamente o poder da igreja, e outros, sua pureza, quando, talvez, pudesse ser dito: Não pelo cuidado da igreja. Para eles, é a mesma coisa, se o verdadeiro interesse é nadar ou naufragar, mas, com este pretexto, eles progridem. Simão e Levi fingiram zelar pela circuncisão, não porque se preocupassem pelo selo do concerto, não mais do que Jeú se preocupou com o Senhor dos

exércitos, quando disse: “Vai comigo e verás o meu zelo”.”[50]

II – JUDAS, O TRAIDOR

1. O Pecado da Proximidade

A traição pode ser considerada como um pecado cometido contra quem está próximo. É uma demonstração de falta de lealdade, de uma ruptura na fidelidade. Soldados de unidades especiais chegam a passar por treinamentos físicos e psicológicos que provam duramente a sua fidelidade à pátria e ao grupo, de tal forma que, se um deles deixa-se levar pela dor, pela privação do sono, pela fome ou cansaço e deixa patente a todos a sua tendência à falta de fidelidade para com a sua unidade, ele é logo tirado do grupo.

A verdade é que não costumamos tratar bem pessoas traidoras. Elas perdem não somente nosso respeito, como também nossa confiança. Elas entram para a história como indignas de aceitação, manchando históricos familiares e estendendo o fruto dos seus atos às gerações seguintes.

Judas era do círculo de discípulos de Jesus, pessoas que tinham a confiança do Senhor. Nenhuma traição é feita contra pessoas inimigas, mas, sim, contra amigos. Por estar no círculo de Jesus, ele testemunhou coisas que nós, em pleno século XXI, gostaríamos de ver, como, por exemplo, a libertação do Gadareno, a multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro, o mar acalmando-se ou as muitas curas e milagres que Jesus realizou.

Judas também era um homem que poderia ser comprado. Os sacerdotes e doutores da Lei procuravam uma chance de prender e matar Jesus. Eles detestavam os ensinos do Mestre, que eram transmitidos com autoridade. Eles viam as multidões seguindo ao Senhor, tinham conhecimento dos milagres realizados por Ele e acabaram achando em Judas a pessoa ideal para quebrar as barreiras que impediam os seus planos de serem executados. O preço de Judas foi 30 moedas de prata.

> Os dias que antecederam o momento da traição foram certamente de grande conflito para Judas. Afinal, como um discípulo próximo de Jesus, por três longos anos ele testemunhara tanto a riqueza dos ensinamentos quanto a sublimidade dos prodígios realizados por seu Mestre. Por isso, a única certeza que tinha ao prosseguir com aquela maquinação era a de não estar traindo um impostor. Entretanto, à medida que o dia se aproximava, sua ganância encontrava na covardia e no medo seus piores inimigos. Destarte, permanecendo com toda dissimulação junto aos demais até momentos antes da última ceia, Judas encontra nas palavras do Mestre (Jo 13.27b) o ímpeto que lhe faltava para a consolidação de seu intento: "(...) O que pretendes fazer, faze-o depressa."
>
> Uma vez consumada a traição, a tentativa implícita de Judas compartilhar a responsabilidade de sua iniqüidade com os sacerdotes e anciãos judeus (Mt 27.3,4), demonstrou-se infrutífera em amenizar os tormentos de sua consciência e fê-lo precipitarse num sentimento de autodestruição irrefreável (Mt 27.5).[51]

2. Uma Profecia Cumprida

A Palavra de Deus mostra-nos que o Filho de Deus seria traído. Essa situação havia sido registrada pelo profeta Davi no Salmo 42.9 "Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar." O salmo registra uma traição realizada por uma pessoa próxima a Davi, e esse texto tem sido aplicado também à forma como Judas tratou o Senhor. De forma lamentável, Judas cumpriu o que havia sido predito contra o Senhor Jesus.

A profecia diz que o Messias seria alvo de traição, mas não diz que o seu

traidor deveria tirar a própria vida. Entendemos que Judas poderia ter um destino diferente, ainda que tenha sido instrumento de Satanás para entregar Jesus à morte. Outros discípulos, quando Jesus foi preso, afastaram-se do Senhor. Eles não o entregaram aos sacerdotes para ser torturado, mas ficaram preocupados com a sua própria segurança e de não serem reconhecidos como seus seguidores. Entretanto, todos eles foram restaurados, porque, após a ressurreição do Senhor, estavam vivos. Mesmo tendo-se escondido, não deram cabo das suas vidas.

Há pessoas que, assim como Judas, se deixam levar pelo desgosto dos seus atos e, então, encerram não apenas a própria vida, como também a possibilidade de serem restauradas por Deus. O caso de Pedro foi diferente. Ele negou a Jesus, mas foi restaurado. Tomé duvidou da ressurreição do Filho de Deus, mas creu depois. Sempre há oportunidade em Cristo para que venha a restauração.

3. Judas, um Homem Dominado por Satanás

Judas foi chamado de “filho da perdição” (Jo 17.12). Mesmo andando com Jesus, Satanás entrou em Judas em duas ocasiões. A primeira está registrada em Lucas 22.1-5. Já a segunda vez ocorreu por ocasião da Santa Ceia (Jo 13.21-27)

Em ambas as ocasiões, Judas estava bem próximo do Senhor. Ele não estava à margem de comunhão ou passando por um processo de disciplina eclesiástica. Ele estava em plena comunhão com o grupo, tanto que nem mesmo os discípulos desconfiaram das intenções dele.

III – COMO JESUS TRATOU JUDAS

1. Jesus Amou-o até o Fim

A declaração registrada em João 13.1 mostra que Jesus não fez acepção de

pessoas mesmo sabendo que Judas iria traí-lo. Ele não tratou Judas diferentemente da forma como tratou os demais discípulos naquela noite. A traição de Judas não mudou a atitude do Senhor em relação a ele, nem fez de Jesus um traidor. Jesus foi coerente com o plano de Deus, que era demonstrar amor por aqueles que não o amavam.

2. Jesus Deu a Ceia a ele

"E, acabada a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o traísse" (Jo 13.2). É quase impensável que uma pessoa como Judas pudesse participar da comunhão, mas Jesus ceou com ele e com todos os discípulos.

É preciso deixar claro que Jesus deu, com o seu exemplo, oportunidades para que Judas arrependesse-se. A forma como Jesus tratou o seu discípulo deve desafiar-nos como exemplo. A Ceia era um momento de comunhão entre os participantes e, apesar de Judas ter mostrado que não queria comunhão com Jesus, que iria traí-lo, o Senhor não excluiu Judas da mesa e deu-lhe lugar à mesa para cear. A traição de Judas não fez diminuir a misericórdia de Jesus, nem fez dEle um traidor.

3. Jesus Lavou os Pés dele

"Depois [...] lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa [...]" (Jo 13.12). Jesus não deixou de fora o seu traidor, dando, com isso, uma lição de humildade e de liderança servil. Ele sabia que Judas iria traí-lo e, por isso, disse: "[...] vós estais limpos, mas não todos" (Jo 13.10). Judas, consumido pelo seu desejo de dinheiro, teve os seus pés lavados, mas a sua alma ainda estava contaminada.

Somente o servo de menor importância lavava os pés das pessoas que chegavam na casa. As estradas poeirentas da Palestina deixavam os pés sujos e, junto com o cansaço natural da caminhada, com um aspecto ruim para os

viajantes. Ter os seus pés lavados trazia alívio da caminhada e limpeza para os pés. A oportunidade que Jesus estendeu a Judas foi ímpar, mas também obscurecida pela ganância do discípulo ladrão.

Judas foi consumar a traição somente após ter ceado e ter os seus pés lavados por Jesus. As devidas oportunidades que lhe foram dadas poderiam ser suficientes para que mover o coração do traidor, mas este já estava dominado por Satanás.

4. O Apostolado Entregue a outra Pessoa

Morto Judas, o grupo dos Doze precisava de uma reposição. Há quem defenda que Paulo, o apóstolo dos gentios, deveria ter sido escolhido no lugar de Matias como apóstolo, em substituição de Judas Iscariotes. Tal postura beira ao que considero uma “idolatria paulina”, tendo em vista que Paulo não conheceu Jesus segundo a carne, nem esteve com o Senhor no seu ministério terreno, fatores necessários para que se destacasse como um dos Doze Apóstolos.

Paulo tem o seu lugar na História da Igreja e nas Sagradas Escrituras. Os seus trabalhos evangelísticos e literários jamais foram desprezados. Entretanto, atribuir uma posição a Paulo que nem mesmo ele atribuiu a si é perigoso e beira à parcialidade. Paulo não foi um dos Doze, e isso nunca foi um demérito. Ele mesmo disse que era o menor dos apóstolos, pois havia perseguido a Igreja de Cristo. Ele fez muitas coisas em prol do Reino de Deus, chegando a dizer que fez mais do que todos os que estiveram com ele juntos, com uma ressalva: “Não eu, mas a graça” (1 Co 15.10)

CONCLUSÃO

Judas poderia figurar entre os apóstolos na História da Igreja. Poderia ter visto o Senhor ressurreto. Poderia ter sido batizado no Espírito Santo no dia de Pentecostes, mas entrou para a história como um traidor, e o seu nome

representa, ainda hoje, essa imagem. Os demais discípulos também deixaram a desejar quando abandonaram Jesus nos seus últimos momentos de vida, mas foram trazidos de volta à comunhão pelo próprio Messias ressuscitado. Apenas Judas perdeu tais oportunidades não apenas por ter traído Jesus, mas também por ter dado fim à sua vida. Que possamos entender que sempre há restauração em Deus, desde que tenhamos fé para crer no perdão que Ele concede a todos e abandonar aquilo que desagrada ao Senhor.

---

[48] BARROS, Aramis de. Doze Homens, uma Missão. United Press, 2006, pp. 89,90.

[49] Comentário Aplicação Pessoal NT. Rio de Janeiro, CPAD, pp. 558,559.

[50] HENRY, Matthew. Comentário Bíblico Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 939.

[51] BARROS, Aramis de. Doze Homens e uma Missão, pp. 91,92.

CAPÍTULO 13

Barnabé

Quando a Graça de Deus Faz a Diferença

Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé.
E muita gente se uniu ao Senhor (At 11.24)

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, trataremos um pouco sobre Barnabé. A Bíblia apresenta-o como um homem de Deus, cheio de fé, compassivo e que dava oportunidades para outras pessoas servirem ao Senhor com os seus talentos. O seu ministério envolvia a receptividade, a fé e a certeza de que pessoas precisavam ser orientadas e receber oportunidades para manifestarem a graça de Deus nas suas vidas.

Não é exagero dizer que precisamos de homens e mulheres que tenham o mesmo estilo desse santo homem de Deus. Em dias como os nossos — onde disputas são feitas muitas vezes nas igrejas e em locais de exposição plena, como redes sociais, onde os *likes* movem os corações de seguidores e de produtores de conteúdo, criando ídolos e envergonhando o evangelho —, temos na história de Barnabé um homem que soube como procurar o melhor de Deus em cada pessoa que o cercava.

I – BARNABÉ, UM HOMEM DE DEUS

1. Um Levita (At 4.36)

Barnabé era descendente da tribo de Levi. Os levitas eram homens que descendiam dessa tribo, que leva o nome do terceiro filho de Jacó e Leia. Inicialmente, Levi é apresentado em Gênesis como tendo um comportamento bem violento, por ocasião das mortes que promoveu com Simeão, vingando a virgindade de Diná. Pelo texto sagrado, Levi e Simeão aproveitaram que os homens de Siquém haviam feito a circuncisão; e, no terceiro dia, no ápice da dor, os dois irmãos entraram na cidade e mataram todos os homens. O seu pai, Jacó, chegou a dizer: “Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel” (Gn 49.7). Posteriormente, séculos depois, com o comportamento dos seus descendentes já mudado e pelo fato de eles terem se dedicado às coisas de Deus, a tribo de Levi ouve de Moisés, quando este abençoou as tribos: “Abençoa o seu poder, ó Senhor, e a obra das suas mãos te agrade” (Dt 33.11). Com o passar do tempo, a tribo de Levi solidificou-se nos trabalhos do culto ao Senhor, chegando a ter pessoas separadas no culto para os cânticos, e não apenas para a manutenção e guarda do ambiente do santuário.

2. Um Homem Generoso

Esse levita de Chipre é apresentado no livro de Atos em um momento em que a Igreja em Jerusalém passava por uma experiência de comunhão muito interessante:

> Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha. (At 4.34,35).

Após terem experimentado o Pentecostes, a “Igreja-mãe” viu entre os seus membros uma busca para que não houvesse pessoas necessitadas dentro da

congregação, e José, também apelidado de Barnabé, estava nesse ambiente.

> Em razão disso, ainda cabe mencionar especialmente uma pessoa, que constitui um exemplo de uma ação assim na primeira igreja. É José, cuja família é de Chipre, e que os apóstolos chamaram de “Barnabé”. Naturalmente também ele é israelita, até descendente da tribo de Levi. Ele é mencionado de forma especial porque ainda aparecerá muitas vezes, em importantes serviços para a igreja em Atos dos Apóstolos (At 9.27; 11.22-26,29,30; 13.1s; 14.12,20,27,28; 15.2). O cognome, pelo qual ele passa a ser citado de agora em diante em Atos dos Apóstolos, é interpretado por Lucas como “filho da consolação”. Como esse nome deve ser entendido? “Filho da consolação” significaria em primeiro lugar que ele era alguém especialmente consolado. Será que ele recebera esse nome ao ser batizado, porque ele agora conhecia a “consolação de Israel” (Lc 2.25)? Ou será que foi chamado pelos apóstolos como alguém que possuía com bela intensidade o dom de consolar? Vários aspectos dos serviços que prestou mais tarde combinariam muito bem com essa explicação. Ao que parece, ele (ou seu pai) fazia parte daqueles judeus que vêm do vasto mundo e adquirem propriedade em Jerusalém para estar a postos ali, vivo ou morto, quando o Messias vier. Nesse caso, a venda do terreno se torna uma ação que se reveste de significado singular. Barnabé se desfaz de uma propriedade que não representava mero investimento financeiro, mas que se relacionava com a grande esperança de Israel. Podia desfazer-se dessa propriedade porque para ele a esperança de Israel estava cumprida em Jesus. Por isso, quando vendeu sua terra “e trouxe o dinheiro e o depositou aos pés dos apóstolos”, esse ato era ao mesmo tempo uma confissão de sua fé.[52]

3. Um Homem que Confiava (At 9.27)

Um novo convertido de Tarso chamado Saulo teve uma experiência com Deus. Ele estava indo para uma cidade chamada Damasco com o objetivo de perseguir cristãos, até que teve um encontro pessoal com o Jesus ressuscitado. Após essa experiência, ele ficou tão empolgado que passou a tentar convencer as pessoas de que Jesus era o Cristo (ver At 9.19-23).

Esse relato mostra basicamente duas coisas: a primeira é que que as pessoas ficaram surpresas com o fato de que o encrenqueiro perseguidor, Saulo, tinha passado para o lado dos seguidores de Cristo. E a segunda é que os judeus tomaram conselho, reuniram-se, para tramar a morte de Saulo. Uma vontade assassina havia-se formado no coração dos filhos de Abraão para dar cabo de Saulo, outro filho de Abraão. E o motivo? Saulo havia mudado de lado. Ele conseguiu sair de Damasco e foi para Jerusalém (At 9.26-30).

Em Jerusalém, as coisas não foram tão diferentes se comparadas às que havia acontecido em Damasco. Era surpreendente a todos ver Saulo falando bem de Jesus, dizendo que Ele era o Cristo, e a ousadia do novo convertido chamou a atenção dos gregos, que decidiram que matar o novo seguidor de Jesus daria fim às discussões. Era uma situação nova para a Igreja em Jerusalém. Saulo falava em nome de Jesus, mas o seu passado como perseguidor ainda causava um afastamento natural dos irmãos. Ele estava em uma situação muito desconfortável, até que Barnabé, “tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos e lhes contou como no caminho ele vira o Senhor, e este lhe falara” (At 9.27).

Foi preciso fé por parte de Barnabé para trazer Saulo ao convívio dos apóstolos, mas também a certeza de que Deus havia feito uma obra no coração do perseguidor. A oportunidade que Barnabé deu a Saulo foi surpreendente, e a igreja precisa de pessoas como ele, que, com coragem, tragam ao convívio dos santos aqueles que foram alcançados por Jesus. Saulo tinha uma história antes de Jesus, mas o Eterno decidiu mudar o presente e o futuro de Saulo.

O discípulo de Tarso atraiu a atenção dos gregos, que propuseram matá-lo. O ímpeto de Saulo poderia comprometer o andamento dos trabalhos em Jerusalém, e, por isso, a Igreja em Jerusalém enviou-o de volta para Tarso numa passagem só de ida para casa.

II – BARNABÉ, UM HOMEM USADO POR DEUS

1. Viu a Graça de Deus

É inegável que Barnabé destaca-se por ser um homem misericordioso, generoso e acolhedor, mas o que o distingue também é que ele tinha a capacidade de ver a graça de Deus, e ver a graça de Deus em certos ambientes não é uma tarefa fácil. A Igreja em Antioquia havia nascido e crescido dado à perseguição. Os dispersos anunciavam o evangelho "somente aos judeus" (At 11.19), mas pessoas de Chipre e de Cirene, entrando em Antioquia, "falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus" (At 11.20). Como os hebreus ainda estavam tentando entender a conversão de Cornélio e o seu batismo, não falavam com os gentios sobre a salvação. Deus, todavia, usou outras pessoas para falarem aos gregos. Estes aceitaram a Jesus, e ambos os grupos, judeus e gentios, passaram a congregar juntos em Antioquia, a primeira igreja mista da história, fora das terras de Israel, com pessoas que professavam o nome de Jesus. Além disso, era uma igreja em franco crescimento, pois "a mão do Senhor era com eles" (At 11.21).

> Como foi bom e necessário, porém, que o acontecimento em Cesaréia tenha acontecido anteriormente! Quando "a notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém", de que em Antioquia grandes multidões de gentios incircuncisos, apenas com base em sua conversão a Jesus e de sua fé nele, teriam sido acolhidos na igreja, ela não era mais uma novidade assustadora. Ao mesmo tempo também não era um fato tão diretamente provocante, já que não fora o líder principal da

primeira igreja, como antigo israelita, que mantivera comunhão de mesa com homens incircuncisos. Tudo acontecera numa distância muito maior. Mesmo assim, a notícia agita não apenas os apóstolos, mas toda a congregação de Jerusalém. Ela se considera responsável por todos os que se congregam em torno de Jesus Cristo em qualquer lugar. “E enviaram Barnabé até Antioquia.” Desta feita os apóstolos não podem ir pessoalmente, Antioquia está distante demais. Barnabé, oriundo de Chipre, está intimamente mais próximo daquelas pessoas de Antioquia. Na pessoa dele, o “filho da consolação”, chega à igreja recém-surgida alguém que por natureza é um homem de plena confiança. Por isso ele também chega a Antioquia não como observador crítico, mas “tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se”. No grego essa breve frase é ainda mais eloquente por causa da semelhança de som entre as palavras “graça” = “*charis*” e “alegrou-se” = “*echáre*”. Barnabé não vê em primeira instância coisas “questionáveis” e “problemáticas”. Ele vê como a graça soberana de Deus acolhe também gentios na igreja. Como poderia reagir de outra forma do que se alegrar porque a graça de Deus vai tão longe e realiza coisas tão inesperadas? Isso é bem mais do que a palavra de Pedro: “Não pude impedir Deus de agir.”

Barnabé não apenas deixou de “impedir”, mas ele “alegrou-se”. Obviamente também viu o perigo de que esses gregos intelectualmente versáteis podiam facilmente esmorecer outra vez. Por isso “exortava a todos a que, segundo o propósito do coração, permanecessem no Senhor” [tradução do autor]. Quantas dessas exortações para “permanecer” perpassam todo o NT! De forma alguma é ponto pacífico que todos os convertidos também “permanecerão” na fé! “Certeza de salvação” não é

> “despreocupação”! A certeza da salvação olha para o poder e a fidelidade do Senhor. O cuidado pastoral correto também vê seriamente todas as ameaças externas e internas do ser humano, motivo pelo qual exorta para “permanecer” com seriedade e constância![53]

2. Homem Cheio do Espírito Santo e de Fé

Como um homem como Barnabé, levita e ligado à tradição judaica de culto, poderia ver algo bom numa igreja mista? Os levitas eram treinados desde a época do deserto para frequentar o santuário-templo e cuidar do culto judaico com afinco. E um levita é mandado para Antioquia a fim de ver como a igreja de lá estava crescendo.

A questão é: o que vemos nos outros pode refletir o que está dentro de nós mesmos. Lucas descreve Barnabé como “homem de bem, cheio do Espírito Santo e de fé” (At 11.24). Barnabé enxergou a graça de Deus naquele lugar porque ele era um homem de Deus.

É preciso lembrar que a graça de Deus é atuante não apenas no que concerne à salvação do pecador, mas também na forma como Deus age na sua Igreja, trazendo pessoas improváveis, tornando-as filhas de Deus e introduzindo-as no seu Reino. Barnabé destacou-se em Atos por ter visto a graça de Deus naquela composição diferente de igreja.

3. Foi Buscar Saulo (At 11.25)

Como vimos anteriormente, os irmãos de Jerusalém viajaram com Saulo para Cesareia, lugar onde havia um porto, e mandaram-no de volta para a sua cidade natal (At 9.31). Nada mais é mencionado sobre ele, nem ao menos por quanto tempo durou esse afastamento, até que Lucas menciona que Barnabé foi a Tarso procurar Saulo, trazendo-o para que servissem juntos ao Senhor na nova igreja. O trabalho conjunto desses dois homens em Antioquia foi

bem-sucedido a ponto de aqueles que seguiam a Cristo serem chamados pela primeira vez de “cristãos” (At 11.26).

> Quando chegou a Jerusalém a notícia da formação de uma igreja predominantemente gentia em Antioquia, Barnabé foi selecionado como o mais bem qualificado para assistir os irmãos helenistas no novo empreendimento (At 11.19-22). Sua resposta cordial ao novo trabalho evocou um raro elogio nas Escrituras (11.24). Ele viu aí a esfera de trabalho adequada para o esquecido Paulo (11.23-25). A parceria ministerial de ambos resultou em grande crescimento e na origem do nome “cristão” em Antioquia (11.26). (Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 102.)

III – UM HOMEM USADO POR DEUS

1. Obedecendo ao Espírito. (At 13.1)

Antioquia era uma igreja que também tinha por disciplinas o serviço e o jejum (At 13.2). O jejum, visto por alguns pregadores de nossos dias como algo antiquado e restrito à Lei de Moisés, era praticado na Igreja em Antioquia, uma comunidade composta de judeus e gentios.

Lucas faz uma dupla menção ao serviço e ao jejum (At 13.2,3), o que é uma clara demonstração de que atitudes espirituais como o serviço e o jejum trazem orientações do Eterno à congregação. Deus tinha uma obra a fazer por meio de Barnabé e Saulo, e essa informação veio àqueles irmãos. Foi nesse ambiente que o Espírito de Deus disse para que separassem os dois apóstolos para uma obra específica.

> Fica claro que a igreja possuía entre suas pessoas dirigentes as duas mais importantes formas da “palavra”: a proclamação diretamente provocada pelo Espírito, com perspicácia em relação

> aos corações e antevisão do futuro, e a exposição doutrinária, apoiada em determinado conhecimento, decisiva nas questões práticas e pastorais. O “carisma” e o “ministério” ainda estão completamente entrelaçados, porque tudo ainda é vida dada e dirigida por Deus. Há homens poderosos no Espírito, agindo. Questões organizacionais, delimitação de competências, problemas da constituição eclesiástica não têm nenhuma importância, motivo pelo qual tampouco se tornam perceptíveis. Mas Barnabé de fato é o primeiro da lista, e Saulo está no final, como o mais jovem. Aprender a ver “historicamente” faz parte da leitura correta de Atos: o “grande Paulo” também foi um jovem iniciante, que constava como último na lista, depois de outras personalidades dirigentes. Neste 13º capítulo poderemos acompanhar por um longo período como Paulo “se fez”. A liderança deve ter sido exercida pelos cinco, “em conselho fraterno”. Aliás, não há nenhum antioqueno recém-convertido entre eles.[54]

2. Milagres e Debates

A passagem de Atos 13 e 14 mostra que, “enviados pelo Espírito Santo” (At 13.4), os irmãos em Cristo Barnabé e Saulo, acompanhados do cooperador Marcos, foram a Salamina, onde Elimas, um encantador, ficou cego, como juízo do Senhor por ter atrapalhado a pregação dos homens de Deus. Na Pisídia, os gentios “alegraram-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram [...]” (At 13.48). Em Listra, Eneias, um homem coxo desde o nascimento, teve fé e foi curado.

Barnabé foi guiado pelo Espírito Santo em cada uma dessas situações. Por ocasião da cura de Eneias, ele foi comparado ao deus Júpiter, porém, obviamente, rejeitou ser adorado. Ele também escolheu com Paulo anciãos para ficarem nas igrejas por onde passaram, trazendo para a igreja que os

enviou relatos sobre como o Senhor havia aberto a porta do evangelho aos gentios (At 14.17). Saulo não trabalhou sozinho. Barnabé participou de todos os eventos da primeira viagem missionária.

3. Uma Separação não Programada

Preparando-se para a segunda viagem missionária, Barnabé e Paulo destoaram sobre levar João Marcos nessa nova empreitada. Não era razoável para Paulo levar Marcos, pois este havia abandonado o grupo na primeira viagem. Barnabé, por sua vez, queria dar a Marcos a mesma oportunidade que deu a Saulo, tanto no momento em que a Igreja em Jerusalém não acreditava na conversão quanto na época em que Barnabé foi a Tarso buscar o esquecido Paulo e trouxe-o para trabalhar em Antioquia. Por fim, ambos foram separados pelas suas respectivas opiniões. Não se tornaram inimigos. Apenas decidiram seguir caminhos diferentes, porém focados na transmissão do evangelho.

É preciso notar que essa separação entre os dois obreiros não atrapalhou a obra de Deus. Enquanto Paulo foi para a Síria e Cilícia, Barnabé e João Marcos foram para Chipre. A obra de Deus não se dividiu; ela foi duplicada por meio dessa separação. Notemos também que Barnabé exerceu com Marcos um ministério de restauração. Da mesma forma que trouxe Saulo à comunhão da Igreja em Jerusalém, deu suporte ao processo de restauração de João Marcos. O moço já tinha conhecimento da Palavra. A sua casa era um ambiente de oração onde se reunia a igreja. Ele interessou-se por atender ao chamado de Deus e arriscou-se na primeira viagem missionária.

> Depois da sua defesa pública em Jerusalém, Paulo e Barnabé continuaram seu ministério em Antioquia (At 15.35). Aparentemente foi nesse período que ocorreu o incidente relatado em Gálatas 2.11-14, embora alguns estudiosos o situem em Atos 15.1. O fato de “o próprio Barnabé ter-se deixado levar”

indica a enorme pressão criada pela atitude de Paulo. O comentário de Paulo, sobre a vacilação momentânea de Barnabé, indica também a profunda admiração que tinha pelo companheiro. Barnabé prontamente acatou a proposta de Paulo de empreenderem outra viagem, mas a sua insistência em novamente levar João Marcos resultou em "desavença" entre eles, em que nenhum dos dois homens brilhou. Em virtude da sua natureza afável e conciliadora, Barnabé sentiu que devia dar outra oportunidade a João Marcos, enquanto a aversão de Paulo pela inconstância levou-o a rejeitar aquele que demonstrara não ser confiável. Se Barnabé errou por ser indulgente, Paulo errou por sua severidade. Com sua partida para Chipre na companhia de Marcos, Barnabé saiu definitivamente de cena (15.36-41). A ruptura encerrou a parceria missionária, mas não a amizade de ambos. Paulo reconheceu os trabalhos subseqüentes de Barnabé, o qual continuou seguindo o mesmo princípio de auto-sustento que Paulo adotou (I Co 9.6).[55]

Paulo e Barnabé concordavam sobre a importância da viagem, mas não sobre a formação da "equipe". Vemos aqui dois homens dedicados que acabaram de ajudar a promover a união dentro da igreja e que, no entanto, não conseguiam resolver suas diferenças! Por mais perturbadores e dolorosos que sejam esses conflitos, aparecem com freqüência na história da Igreja; no entanto, Deus predomina sobre eles e realiza seus propósitos. Não causa surpresa Barnabé defender João Marcos, pois os dois eram primos (Cl 4:10), e os laços de família deviam ser fortes. Mas, além disso, Barnabé era o tipo de pessoa que procurava ajudar os outros de todas as maneiras, o que explica por que a igreja o chamava de "filho de exortação" (At 4:36). Estava disposto a dar a João Marcos a oportunidade de servir ao Senhor

e de provar seu valor. Assim, Barnabé insistiu que levassem João Marcos consigo na viagem. Mas Paulo mostrou-se igualmente irredutível em sua posição de que não deveriam levar Marcos! Afinal, na primeira viagem missionária, ele desertara, voltando para casa (At 13:13) e dando mostras de fraqueza. O ministério era importante demais, o trabalho exigia muito deles, e não poderiam pedir a ajuda de alguém não confiável. A discussão continuou e se transformou em discórdia (o termo paroxismo vem da palavra traduzida por "desavença" nesse versículo), e a única solução aparente era os amigos dividirem o território e se separarem. Barnabé foi para Chipre, sua terra natal, levando consigo Marcos; Paulo chamou Silas e ambos se dirigiram à Síria e Cilícia (ver At 1 5:23). Quem estava certo? Na verdade, não faz muita diferença. Talvez ambos estivessem certos em alguns aspectos e errados em outros. Sabemos que, no final, João Marcos teve o ministério restaurado e recebeu o amor e apreciação de Paulo (ver C l 4:10; 2 Tm 4:11; Fm 23, 24). Mesmo quem é bom e piedoso às vezes discorda de outros na igreja; esse é um dos fatos tristes da vida que devemos aceitar. Paulo olhava para as pessoas e perguntava: "O que elas podem fazer pela obra do Senhor?", enquanto Barnabé olhava para as pessoas e perguntava: "O que a obra do Senhor pode fazer por elas?" As duas perguntas são importantes para o trabalho de Deus, e, por vezes, é difícil manter o equilíbrio.[56]

CONCLUSÃO

Barnabé foi um homem que ainda nos traz o exemplo de alguém dedicado a Deus, à sua obra e ao próximo. Saulo não seria trazido à comunhão dos santos sem a atuação de Barnabé, sem falar que não teríamos o evangelho de Marcos como referência para os demais escritos nesse gênero literário.

Também não teríamos o relato de uma igreja mista sendo alcançada pelo homem de Deus, bem como o registro de que a graça de Deus estava naquele lugar.

Barnabé deixou a sua história marcada como um desbravador do evangelho e como um homem de fé que vivenciou a graça de Deus numa igreja diferente dos padrões da época.

---

[52] BOOR, Verner de. Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 51.

[53] Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 102.

[54] Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 111.

[55] Enciclopédia da Bíblia. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 659.

[56] WIERSBE, Warren, Comentário do Novo Testamento, p. 603.

Referências Bibliográficas

As Obras da Carne e o Fruto do Espírito. Willian Barclay, Vida Nova, 2010.

A Vida Diária nos tempos de Jesus. Henry Daniel-Rops, Vida Nova, 2008.

Bíblia de Estudo da Mulher, Dotothy Kelley Patterson. CPAD, 2019.

Casamento – Da sobrevivência ao sucesso. Charles Swindoll, Thomas Nelson, 2013.

Chave Linguística do Novo Testamento Grego. Wilfrid Haubeck & Heinrich Von Siebental, Hagnos, 2009.

Comentário Aplicação Pessoal do Novo Testamento – Volume 1. CPAD, 2009.

Comentário Beacon Volume 1. CPAD, 2012

Comentário Beacon Volume 2. CPAD, 2012

Comentário Beacon Volume 6. CPAD, 2006.

Comentário Beacon Volume 7, CPAD, 2006.

Comentário Bíblico Africano. Tokunboh Adeyemo. Mundo Cristão, 2016.

Comentário Bíblico Antigo Testamento – Volume 1. Matthew Henry. CPAD, 2010.

Comentário Bíblico Antigo Testamento – Volume 2. Matthew Henry. CPAD, 2010.

Comentário Bíblico Broadman, Volume 1. JUERP, 1988.

Comentário Bíblico Broadman, Volume 8. JUERP, 1988.

Comentário Bíblico Novo Testamento – Volume 1. Matthew Henry. CPAD, 2008.

Comentário Bíblico NVI. F. F. Bruce. Editora Vida, 2008.

Comentário Bíblico Vida Nova. Donad A.Carson. Vida Nova, 2009.

Comentário Devocional da Bíblia. Lawrence O. Richards, CPAD, 2012

Comentário Esperança – Mateus. Fritz Rieneker. Esperança, 1998.

Comentário Esperança – Atos dos Apóstolos. Werner de Boor, Esperança, 2002.

Comentário Histórico Cultural da Bíblia – Novo Testamento. Craig Keener, Vida Nova, 2017.

Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento. Lawrence O Richards, CPAD, 2017.

Comentário João. Donald A. Carson. Shedd, 2007.

Comentário Mateus. Donald A. Carson. Shedd, 2011.

Comentário Mateus e Marcos. Archibald Thomas Robertson. CPAD, 2011.

Comentário Pentecostal do Novo Testamento - Volume 1. James B. Shelton, CPAD, 2006.

Como a Natureza Mudou a História. Erick Durschmied, Ediouro, 2004.

Davi. Série Heróis da Fé. Charles Swindoll, Mundo Cristão, 1998.

Desafios da Vida de um Homem. Patrick M Morley, Mundo Cristão, 1997

Descobrindo o Novo Testamento. Walter A Elwell & Robert W. Yarbrough, Cultura Cristã, 2002.

Dicionário Bíblico Eerdmans. Patmos Editorial, 2017.

Dicionário Vine. W.E. Vine & MerrilF Unger. CPAD, 2010

Dicionário Wicclif. Charles Pfeiffer, CPAD, 2006.

Enciclopédia da Bíblia, Volume 1. Merril C Teney. Cultura Cristã, 2008.

Enciclopédia da Bíblia, Volume 2. Merril C Teney. Cultura Cristã, 2008.

Enciclopédia da Bíblia, Volume 3. Merril C Teney. Cultura Cristã, 2008.

Enciclopédia da Bíblia, Volume 4. Merril C Teney. Cultura Cristã, 2008.

Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia, R. N. Champlin. Candeia, 1995.

Espada Cortante – Volume 2. Orlando S. Boyer, CPAD, 2007.

Estudo no Vocabulário do Novo Testamento Grego – Volume 1. Marvin Vincent, CPAD, 2012

Estudo no Vocabulário do Novo Testamento Grego – Volume 2. Marvin Vincent, CPAD, 2012

Formando o Homem de Deus. Alan Redpath, CPAD, 2011.

Gênesis – introdução e comentário. Derek Kidner, Mundo Cristão, 1967.

História de Israel no Antigo Testamento, Eugene Merrill, CPAD, 2001.

Lendo a Bíblia para a Vida. George H Guthrie, CPAD, 2014.

Lidando com pessoas difíceis. Les Parrot III, CPAD, 2014.

Manual Bíblico. Merril Frederick Unger, Vida Nova, 2009.

Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos -Willian Coleman, Betânia, 2017.

Moisés. Charles Swindoll Série Herois da Fé. Mundo Cristão, 2008.

Mulheres que fazem a Diferença. Jodi Detrick, CPAD, 2017.

Novo manual dos Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos. Ralph Gower, CPAD, 2012.

O Líder 360º. Jonh Maxwell. Thomas Nelson, 2007.

Orgulho Fatal. Richard W Dortch. CPAD, 1996.

Os Segredos de Salomão, Robert Jeffress. CPAD, 2002.

Os Sete Pecados Capitais. Os Guinness. Shedd, 2006.

O Sucesso que Mata. Wayde Goodal. CPAD, 2011.

Reto aos seus Próprios Olhos. George M. Schwab. Cultura Cristã, 2016.

Tempos do Novo Testamento, Merril C. Tenney. CPAD, 2010.

Tempos do Antigo Testamento, Merril C. Tenney. CPAD, 2010.

12 Homens Extraordinariamente Comuns. John Macarthur, Thomas Nelson, 2016.

12 Mulheres Extraordinariamente Comuns. John Macarthur, Thomas Nelson, 2019.

12 Homens e uma missão, Aramis C de Barros, United Press, 2006.

365 Mensagens Inspiradas em Personagens da Bíblia. Michael Kendrick, CPAD, 1999

---

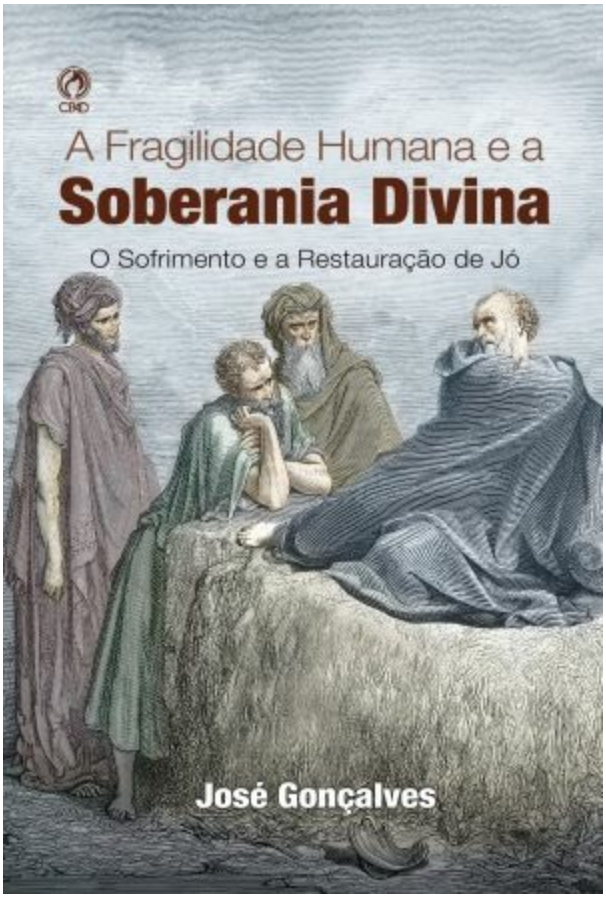
[52] BOOR, Verner de. Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 51.

[53] Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 102.

[54] Comentário Atos. Curitiba: Esperança, 2002, p. 111.

[55] Enciclopédia da Bíblia. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 659.

[56] WIERSBE, Warren, Comentário do Novo Testamento, p. 603.


A Fragilidade Humana e a
Soberania Divina
O Sofrimento e a Restauração de Jó
José Gonçalves

A Fragilidade Humana e a Soberania Dívina

Gonçalves, José

9786586146509

160 páginas

Compre agora e leia

Prezando por uma abordagem ao mesmo tempo conservadora e confessional, o autor busca destrinchar todos os problemas levantados pelo livro de Jó, tais como a questão relativa à origem e natureza do mal, bem como a fala da esposa de Jó, além de outros de natureza puramente exegética. Esta obra também traduz para linguagem teológica aquilo que é, em seu princípio, de natureza puramente filosófica.

Compre agora e leia


CPAD
TEMPO DE CONQUISTAS
Fé e Obediência no Livro de Josué
REYNALDO ODILO MARTINS SOARES
E SAMUEL DE OLIVEIRA MARTINS

Tempo de Conquista

Soares, Reynaldo Odilo Martins

9788526320192

160 páginas

Compre agora e leia

Nesta obra, Reynaldo Odilo e Samuel Martins se uniram para fazer um estudo completo sobre o livro de Josué. Perfazendo todo o caminho traçado pelo povo de Israel sob a liderança do sucessor de Moisés, esta obra é essencial para os que desejam compreender melhor como a terra prometida foi conquistada e como podemos alcançar os propósitos traçados pelo Senhor para as nossas vidas.

Compre agora e leia


CPAD
JESUS CRISTO
Filho do Homem
Filho de DEUS
Thiago Brazil, Verônica Araujo,
Telma Bueno, Thiago Santos
e Marcelo Oliveira

Jesus Cristo Filho do Homem Filho de Deus

Brazil, Thiago

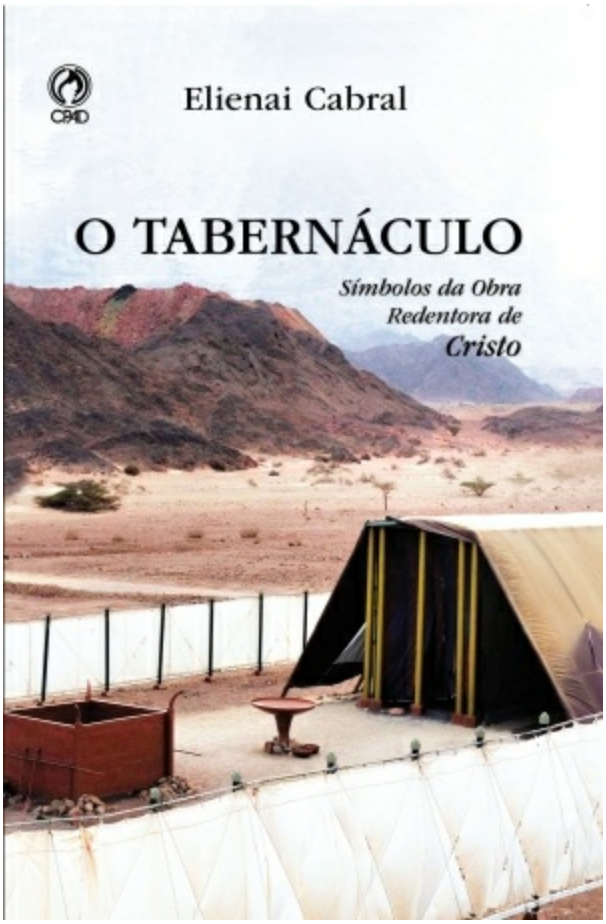
9788526319905

160 páginas

Compre agora e leia

Começando pela necessidade de sua vinda, percorrendo características de sua vida e ministério, além de demonstrar que a sua morte vicária foi necessária para a salvação de todos nós, esta obra é um estudo sobre a vida de Jesus Cristo, o filho do homem, o filho de Deus. Jesus é um personagem conhecido. No mundo ocidental, pode ser considerado a pessoa mais conhecida. Mas por tanta informação disponível, muitos negligenciam detalhes como, por exemplo, não saber explicar porque ele é homem e Deus ao mesmo tempo. Começando pela necessidade de sua vinda, percorrendo características de sua vida e ministério, além de demonstrar que a sua morte vicária foi necessária para a salvação de todos nós, esta obra é um estudo sobre a vida de Jesus Cristo, o filho do homem, o filho de Deus.

Compre agora e leia


Elienai Cabral
O TABERNÁCULO
Símbolos da Obra
Redentora de
Cristo

O Tabernáculo

Cabral, Elienai

9788526318687

160 páginas

Compre agora e leia

Estudar o Tabernáculo leva a um profundo conhecimento bíblico que revela verdades espirituais para a vida e a uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que Deus sempre procurou com Seu povo. E ainda hoje Ele busca habitar em nosso meio, rompendo as barreiras do pecado que insistem em nos separar. O Tabernáculo era a presença física de Deus na terra para que os homens pudessem ver a manifestação da presença divina através de objetos que foram cuidadosamente escolhidos por Deus, entre eles a Arca da Aliança. Nesta obra estudaremos sobre o Tabernáculo e entenderemos que ele era um tipo perfeito de Jesus Cristo, pois Ele também foi a manifestação visível de Deus e habitou no meio do povo. Livro escrito como texto de apoio à revista Lições Bíblicas de Adultos do 2º trimestre de 2019 da Escola Dominical, comentadas também pelo autor do livro, pastor Elienai Cabral.

Compre agora e leia


Alexandre Coelho
O VENTO SOPRA ONDE QUER
O Ensino Bíblico do Espírito Santo e sua Operação na Vida da Igreja

O vento sopra onde quer

Coelho, Alexandre

9788526318076

160 páginas

Compre agora e leia

O pentecostalismo distingue-se das demais cosmovisões cristãs por crer que Deus tem interesse que sua Igreja seja edificada e que a dota dos chamados dons espirituais. Neste livro, o leitor estudará sobre o movimento pentecostal, como os pentecostais interpretam a Bíblia, respaldando a contemporaneidade dos dons espirituais bem como diretrizes para o genuíno culto pentecostal, além de outras preciosas informações sobre o tema.

Compre agora e leia